Desenvolvimento de Base

Revista da Fundação Interamericana

Premissas desafiadoras, metáforas cambiantes

VOLUME 25

NÚMERO 1

2004

A Fundação Interamericana (IAF) é um organismo independente do governo dos Estados Unidos, criado em 1969 como um programa experimental de ajuda externa. Mediante doações diretas a organizações locais de toda a região, a Fundação trabalha para promover o desenvolvimento eqüitativo, participativo e receptivo mediante a concessão de doações diretamente a organizações da América Latina e do Caribe. Além disso, associa-se a entidades dos setores público e privado a fim de mobilizar recursos locais, nacionais e internacionais para o desenvolvimento de base. O orçamento operacional da Fundação consiste de fundos provenientes de alocações do Congresso dos Estados Unidos e do Fundo Fiduciário de Progresso Social.

O Escritório de Relações Exteriores da IAF publica a revista *Desenvolvimento de Base* em inglês, espanhol e português. Pode também ser lida no website da Fundação na internet — ww.iaf.gov — em inglês, espanhol e português em formato com gráficos ou texto. O material original produzido pela IAF e publicado na revista é de domínio público e pode ser livremente reproduzido. No entanto, certos materiais foram proporcionados por outras fontes e poderão ter direitos autorais. A reprodução desse material poderá requerer autorização prévia do detentor de direitos autorais. O redator solicita menção da fonte e cópia de qualquer reprodução. *Desenvolvimento de Base* aparece no catálogo do *Standard Periodical Directory*, no *Public Affairs Information Service Bulletin*, no *Hispanic American Periodical Index* (HAPI) e no banco de dados de Agricultural Online Access (WORLD). Números anteriores, em microfilme, podem ser obtidos da University Microfilms International, 300 N. Zeeb Road, Ann Arbor, Michigan 48106, USA. Para receber a revista, favor enviar e-mail a **publications@iaf.gov** ou carta ao seguinte endereço:

Desenvolvimento de Base
Fundação Interamericana
901 North Stuart St. 10th Floor
Arlington, VA 22203, EUA

O propósito da revista é compartilhar experiências em desenvolvimento de base com uma variedade de leitores. A redatora incentiva o envio de artigos sobre temas relevantes que tratem, embora sem exclusividade, dos seguintes temas:

- como a população de baixa renda da América Latina e do Caribe se organiza e trabalha para melhorar as suas condições de vida;
- questões e tendências na comunidade de desenvolvimento; e
- como as instituições colaboram para promover o desenvolvimento da região.

Para obter informações mais detalhadas, as pessoas interessadas devem dirigir-se por correio a Paula Durbin ao endereço acima indicado ou por e-mail a **pdurbin@iaf.gov.**

Impresso com tinta derivada da soja em papel reciclado.

Fundação Interamericana
Frank Yturria, *Presidente, Conselho Diretor*
Patricia Hill Williams, *Vice-Presidente, Conselho Diretor*
David Valenzuela, *Presidente da IAF*

Desenvolvimento de Base
Revista da Fundação Interamericana

Redatora da publicação: Paula Durbin
Editor de fotografias: Mark Caicedo
Edições em idiomas: Leyda Appel e Darío Elías
Desenho e impressão: Oficinas Gráficas do Governo dos Estados Unidos (GPO)

Fotos da capa e página oposta: Patrick Breslin.

Laís, na capa, juntamente com a sua mãe, Rute Ribeiro de Souza, e Maria Conceição N. Brito na pagina oposta, representaram uma cooperativa de reciclagem de Formosa, Goiás, Brasil, no Segundo Festival Lixo e Cidadania, patrocinado em Belo Horizonte pela ASMARE, donatária da IAF. Na marcha de abertura, Laís e Brito usaram roupas com lingüetas de latas de alumínio bordadas, duas das muitas criações com produtos recicláveis expostas no Festival. O monte de materiais no fundo aguarda transformação nas oficinas da ASMARE. Para obter informações mais detalhadas sobre o evento, consulte as páginas 48-51.

Desenvolvimento de Base

Revista de la Fundação Interamericana

VOLUME 25

NÚMERO 1

2004

Modas confeccionadas de material reciclado

Índice

Carta aos leitores ii

Artigos

Pensando fora da caixa de Newton:
Metáforas para o desenvolvimento de base
Patrick Breslin 1

Responsabilidade social corporativa ao estilo brasileiro.
Em busca de um equilíbrio
Paula Durbin 11

Perguntas e respostas: Miguel Krigsner
Paula Durbin 16

Capacidade para o desenvolvimento
Eduardo Rodríguez-Frías 19

Soluções e estratégias

Fórum sobre Remessas
Transferência de tecnologia por meio da migração mexicana
Sandra Nichols 27

Desenvolvimento de base na fronteira
Mark Caicedo 35

Desenvolvimento local: Entrevista com David Valenzuela
Patrick Breslin e Paula Durbin 39

O caminho a Pucarita
Percy Bazán Salas 43

Na IAF

A marcha do desenvolvimento 45

Os donatários nas notícias 48

Resenhas
Construyendo Capacidades Colectivas
William F. Waters 56

Extrato: "Lições para a promoção da capacidade organizacional"
Thomas Carroll 59

Recursos 64

Carta a los leitores

Há muitos anos Patrick Breslin, Vice-Presidente de Relações Externas da IAF, e David Bray, ex-Representante da IAF, vêm conversando, às vezes de forma intensa, sobre o modo como os paradigmas científicos afetam nossa maneira de ordenar o mundo a nosso redor. Esta discussão animada sobre certos conceitos impetuosos — pensamento linear clássico e caos — começou na IAF e continuou por e-mail quando David Bray saiu para assumir a presidência do Departamento de Estudos Ambientais da Universidade Internacional da Flórida. Com o tempo, esse intercâmbio levou Breslin a organizar os pontos que defendia em "Pensando fora da caixa de Newton: Metáforas para o desenvolvimento de base", nosso artigo principal e uma perspectiva que nos desafia a considerar a origem de nossas premissas e o seu grau de validade.

Breslin insiste em que a Fundação Interamericana, como instituição enfocada em procurar novos rumos, necessariamente se afasta da análise linear e de suas implicações enganosas de previsibilidade. Ao prepararmos este número de *Desenvolvimento de Base*, chamou-nos a atenção o fato de que um fio que freqüentemente permeia esta revista gira em torno de desafiar as expectativas fáceis que às vezes fluem do pensamento linear. Para começar, nossa capa provavelmente não se conforma às noções convencionais a respeito de nossos projetos e seus beneficiários. E tampouco se conformam as "Capacidade para o desenvolvimento", artigo de estréia de Eduardo Rodríguez-Frías (p. 19) sobre organizações de beneficiários dirigidas por pessoas portadoras de deficiência e destinadas a, certamente um grupo sobrecarregado por suposições comumente aceitas. Os beneficiários desses donatários da IAF demonstraram ser capazes de superar tanto suas circunstâncias individuais como a realidade ainda mais dura do preconceito e práticas estabelecidas. Tendo a possibilidade, maximizaram as capacidades disponíveis e as oportunidades oferecidas e tiveram êxito. No fim, as pessoas envolvidas demonstraram que eram empresários, técnicos e trabalhadores, jogando vantagens contra desvantagens, como competidores de qualquer lugar.

A contribuição de Sandra Nichols para o Fórum de Remessas (p. 27) de *Desenvolvimento de Base* traz de modo especial à mente o apelo de Breslin às novas metáforas. É difícil imaginar algo mais empolgante para os profissionais em desenvolvimento do que descobrir o simples volume de dinheiro líquido remetido ao país natal por trabalhadores migrantes. Conjetura-se a possibilidade de utilizar esses recursos de forma "produtiva", apesar da advertência de que sabemos muito pouco a respeito de todos os elementos que constituem o complexo das remessas. O artigo de Sandra Nichols é o primeiro exame de remessas não-monetárias, especificamente avanços em tecnologia agrícola que transpõem a fronteira Estados Unidos-México sem qualquer assistência oficial. As expectativas que sustentam o movimento parecem ancorar-se na lógica e na experiência, porém, ao entrar em jogo a complexidade, surgem os efeitos inevitáveis e imprevistos de variáveis múltiplas, inclusive as condições climáticas. Entretanto, esse fenômeno alastra-se. Aplica-se aqui a metáfora de "bando auto-organizado de pássaros" do artigo de Breslin? A comunidade de desenvolvimento está preparada para enquadrar a questão nestes termos ao considerar se tem um papel a desempenhar nesses tipos de transferência?

No desenvolvimento de auto-ajuda, não se pode evitar a complexidade. David Valenzuela, Presidente da IAF, confirma exatamente este ponto (p. 39) ao referir-se a uma doação que só aprovou com relutância. Os beneficiários eram agricultores que queriam computadores quando, na opinião dos peritos, eles deveriam querer tratores. A comunidade agrícola não dispunha de uma fonte confiável de energia elétrica nem de serviço telefônico, mas, para surpresa de todos, os agricultores tinham encontrado a idéia certa. A vida dos jovens mudou drasticamente, obviamente em conseqüência da percepção de seus pais, mas também devido a uma combinação de fatores que nem mesmo os agricultores tinham imaginado — e porque alguém da IAF tinha confiado na própria intuição e não na lógica cuidadosa.

A aplicação destes pontos, indicada na matéria da capa, ao conteúdo restante sobre esta questão não termina com estes exemplos. O lugar da IAF no panorama de assistência para o desenvolvimento tem sido o de doador que não teme assumir riscos em escolher entre centenas de idéias recebidas todo ano em resposta a nosso pedido de propostas. O pensamento linear já teve seu lugar no processo de avaliação, mas queremos crer que não estamos presos a este contexto. Afinal de contas, nossa carteira está repleta de casos bem-sucedidos que ninguém teria previsto.

Paula Durbin
Redatora
Desenvolvimento de Base

Pensando fora do âmbito linear de Newton: Metáforas para o desenvolvimento de base

De Patrick Breslin

O que é desenhado demais, altamente específico em grau demasiado, prevê os resultados; a expectativa do resultado garante, se não o fracasso, a ausência de graça.

— William Gibson, All Tomorrow's Parties

O gênio de Newton

Em um mundo de mistério e confusão, Isaac Newton em 1686 introduziu uma ordem matemática que não somente explicou os movimentos dos céus, mas deu à humanidade um contexto e um conjunto de premissas para pensar sobre quase todo o resto. Antes de Newton, as pessoas olhavam para o universo com mágica e religião e contemplavam maravilhados a dança impenetrável dos planetas. Os astrônomos, desde os egípcios, mapeavam as girações do céu e faziam das tripas coração para enquadrá-las em suas teorias inadequadas. Newton inventou a teoria da gravitação, as leis do movimento e o cálculo diferencial para rastreá-las e repentinamente as órbitas dos planetas se organizaram em caminhos previsíveis.

Com base no trabalho de Newton, Edmond Halley logo conseguiu prever o reaparecimento do cometa que agora tem seu nome. Um século mais tarde, os cientistas deduziram, somente com base nas leis de Newton, a existência do planeta Netuno, até então desconhecido, e assinalaram (com um pouco de sorte matemática) sua localização no firmamento. Tão estupenda foi a realização de Newton que proporcionou às gerações seguintes uma metáfora mecanicista para o universo, bem como uma expectativa exaltada do que deveria ser a ciência. Santificou o reducionismo científico — análise que divide os sistemas para estudar suas partes constituintes. Essas ferramentas intelectuais reduziram a natureza a processos lineares que podem ser mapeados e medidos e seu poder levou aos maiores avanços na descoberta científica da história da humanidade. Não é admirar, portanto, que seriam aplicados a todos os campos da atividade humana.

O que constituía um problema

Desde Newton, a maior parte do pensamento ocidental sobre a sociedade humana vem seguindo as premissas lineares e mecanicistas de sua física. Newton legou um paradigma, a saber, um contexto mental que define os problemas e as ferramentas com as quais trabalham os cientistas. E os paradigmas têm um poder enorme. Penetram na consciência de uma era e decidem ou influenciam não somente a busca científica mas todo o resto, do estilo à literatura, à economia e à organização política e social. Enquadram a maneira como vemos a realidade, as perguntas que fazemos, o que deixamos de fora. Oferecem-nos metáforas.

Dada a influência penetrante do paradigma de Newton, nada mais natural que, quando na década de 1950, por razões diversas, a atenção se concentrou nos problemas de pobreza dos países de baixa renda, esses problemas e as premissas para resolvê-los fossem compreendidos em um contexto linear. Esta maneira de pensar foi reforçada pelo sucesso do Plano Marshall — o primeiro grande experimento na promoção do desenvolvimento econômico. Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos bombearam enormes quantias de capital nas economias destroçadas da Europa Ocidental e, em apenas alguns anos, essas economias já começavam a ficar novamente de pé. Porém as condições eram específicas da Europa Ocidental, a qual, ao contrário da maior parte da América Latina, da Ásia e da África, já era em grande parte industrializada antes da guerra. Igualmente importante, os europeus decidiram como a ajuda seria usada. Como posteriormente esses fatos não foram levados em conta, o sucesso aparentemente linear e mecanicista do Plano Marshall ainda seduz os pensadores do desenvolvimento e os formuladores de política e até os dias de hoje todo novo esforço de desenvolvimento é retoricamente envolto em seu manto.

No entanto, os 50 anos de esforços de implementar um desenvolvimento econômico e social rápido entre as pessoas de baixa renda do mundo deixaram-nos, no início de um novo século, em frustração e quase paralisia. As grandes infusões de capital que rapidamente financiaram a reconstrução da Europa pós-guerra simplesmente se dissiparam nos mares de pobreza do Terceiro Mundo. Com demasiada freqüência as promessas de desenvolvimento não foram cumpridas. Um número demasiadamente elevado de planos ambiciosos seguiu um caminho errôneo. Os números absolutos de pobres têm disparado, as cidades do mundo estão sendo estranguladas e florestas virgens estão sendo arrasadas. Apesar desses desastres, os planejadores do desenvolvimento continuam a estabelecer metas, planejam e implementam projetos e aguardam os resultados. Embora raramente apareçam conforme previsto, a fé no modelo linear continua.

Seria o caso de que no trabalho de desenvolvimento, como em tantas outras partes da vida moderna, nossas premissas, no nível mais profundo, estavam erradas? Poderia ser, como sugeriu Vaclav Havel, ex-Presidente tcheco, que "a relação com o mundo promovida e formada pela ciência moderna... não consiga vincular-se à natureza mais intrínseca da realidade e à experiência humana natural?"

Há mais de 30 anos a Fundação Interamericana vem apoiando o desenvolvimento de uma forma decididamente não-linear. Chamamos nosso método de desenvolvimento de base para ressaltar que os projetos que financiamos são concebidos e gerenciados pelas pessoas locais que procuram resolver os problemas da própria comunidade, não por pessoas de fora segundo as quais o que se necessita é o planejamento familiar ou educação ou represas hidrelétricas ou cuidados da saúde ou estradas da propriedade agrícola ao mercado ou quaisquer outras idéias-bala rápidas que surgiram e desapareceram na última metade de século. Na IAF, com poucas exceções, nós nos temos limitado a responder a projetos que nos são propostos. Nossos representantes no campo podem questionar ou desafiar essas propostas ou até mesmo sugerir modificações. Mas eles não as escrevem. Recebemos anualmente centenas de propostas de toda a América Latina e Caribe e, com nossos fundos limitados, apoiamos algumas dezenas daqueles que consideramos mais inovadores e mais promissores. Essa abordagem contrária ao desenvolvimento foi formada não por um paradigma intelectual, mas pela experiência. Elemento central para os anos de formação da Fundação foram as pessoas que tinham passado muito tempo in loco na região como voluntários e pessoal do Corpo da Paz, missionários ou pessoas de negócio de empresas varejistas que aumentaram as vendas porque conheciam seus clientes.

Praticamente durante os mesmos 30 anos foram surgindo novas perguntas e enfoques científicos que geraram novas metáforas para determinar a forma

como funciona o mundo. Muitas destas metáforas parecem intuitivamente mais próximas ao que a Fundação Interamericana tem aprendido sobre o desenvolvimento do que o universo cronometrado de Newton. O restante deste ensaio examina o lugar da metáfora no pensamento sobre o desenvolvimento, utilizando exemplos tirados da ciência clássica e de indagações mais recentes sobre o caos e a complexidade. Se quisermos ir além do cemitério de iniciativas de desenvolvimento fracassadas, um bom primeiro passo seria questionar nossas metáforas. Como ressalta o economista Brian Arthur, "uma parte considerável da formulação das políticas consiste em encontrar a metáfora adequada. Por outro lado, uma má formulação da política quase sempre implica ter encontrado metáforas inapropriadas" (Waldrop: 334).

Areia na engrenagem

As leis e métodos de Newton estabeleceram o paradigma fundamental da ciência durante 250 anos, mas até mesmo a engrenagem de Newton tinha areia. Desde o princípio, era evidente que as leis não explicavam completamente o sistema solar. O próprio Newton confessou sua frustração por não poder calcular a órbita da lua. Além disso, à medida que se faziam maiores observações dos planetas, os cálculos requeridos para explicá-los tornavam-se cada vez mais complexos e nem sempre davam resultado. Um problema insolúvel ao calcular a órbita de Mercúrio só foi resolvido depois que Einstein formulou a teoria geral da relatividade em 1917 (Peterson: 94).

Outras complicações surgiram à medida que os físicos exploravam não só os confins do sistema solar, mas também o espaço interior do átomo, cada vez menos análogo, exploração que conduziu à mecânica quantum — alternativa mais exata embora mais indeterminada (tudo na mecânica quantum parece paradoxal) do que a mecânica newtoniana clássica. A mecânica quantum estuda o comportamento dos átomos e as partículas que os constituem. E o estudo desse comportamento tem suas próprias repercussões não-newtonianas. A ciência clássica supõe um observador objetivo cujo ato de medição não afeta o objeto que se está medindo. Porém, uma vez que a mecânica quantum mede algo tão pequeno como um elétron dentro de um átomo, ao fazer saltar dele outro elétron, a medição obviamente muda um pouco. Isso levou Werner Heisenberg a formular o Princípio da Incerteza: não é possível saber tudo com exatidão sobre as partículas atômicas. Se medirmos sua posição, mudará sua velocidade. Se medirmos a velocidade, mudará a posição. Sempre temos incerteza a respeito de alguma coisa. Em vez de certeza, temos probabilidades.

Outros aspectos desconcertantes da medição na mecânica quantum aumentam a incerteza. Um é se as partículas quantum são partículas ou ondas: as duas únicas formas em que se transmite a energia. Acontece que estas se transformam em qualquer coisa que se esteja medindo. Se usarmos um detector de ondas, os elétrons se comportam como uma onda; se utilizarmos um detector de partículas, comportam-se como partículas. "O que vemos é o que procuramos" (Zohar: 44).

Os novos conceitos pareciam reproduzir grande parte da confusão e incerteza da moderna sociedade humana e, certamente, alguns deles passaram a fazer parte do linguajar popular: "saltos quantum", por exemplo, ou "tudo é relativo". Mas por se tratar de fenômenos esotéricos com relação às experiências humanas diárias, como o comportamento perto da velocidade da luz, não alteraram fundamentalmente a visão ordinária e linear do mundo. O paradigma newtoniano não foi descartado. Como destaca o físico Murray Gell-Mann, vencedor do Prêmio Nobel por prognosticar a existência do quark subatômico, "a mecânica newtoniana em contraposição à einsteiniana do sistema solar [é ainda utilizada] com muito mais freqüência do que sua sucessora mais exata e sofisticada" (Gell-Mann: 87). A terra ainda gira em torno da órbita newtoniana e as entidades do desenvolvimento, da mesma forma que todos os demais, continuam esperando que as ações produzam resultados prognosticáveis.

A borda do caos

Nas três últimas décadas surgiu uma nova orientação científica para os estudos do caos e da complexidade, gerando entusiasmo e ceticismo entre os próprios cientistas e divulgadores de conceitos cientistas. Embora este campo de pesquisa científica esteja ainda em sua infância, já produziu toda uma série de metáforas interessantes.

Os estudos do caos concentram-se em sistemas não-lineares, cujos componentes não podem atuar de forma independente, nos quais as ações de um afetam o resto por meio de uma rede de conexões. O fenômeno fundamental do estudo do caos consiste no fato de

que nos sistemas não-lineares pequenas mudanças na condição inicial podem produzir resultados sumamente divergentes. Esses sistemas não são inerentemente estáveis e neles a mudança pode surgir com uma brusquidão alarmante. O exemplo mencionado com mais freqüência é o do "efeito borboleta" em modelos de computação da atmosfera. Em uma época de otimismo, no sentido de que a ciência poderia chegar a prognosticar e em breve controlar o clima, os cálculos informáticos revelaram repentinamente como uma mudança infinitesimal nas condições iniciais poderia produzir resultados muito diferentes. Uma borboleta que batesse as asas na Indonésia hoje, por exemplo, poderia alterar a atmosfera de forma a causar uma tempestade de neve em Chicago na próxima semana. Os sistemas meteorológicos, embora controlados por leis determinísticas, são drasticamente instáveis. "Por conseguinte, permitem que mudanças minúsculas em um lugar se propaguem através do sistema de forma a produzirem efeitos importantes em outros lugares" (Casti: 90).

O pensamento linear leva-nos a supor que os sistemas são estáveis e que a mudança é gradual. "A intuição e o sentido comum nos dizem que pequenas mudanças graduais nas causas produzem mudanças pequenas e graduais nos efeitos. Este princípio fundamental serve de base para o que tecnicamente se denomina estabilidade estrutural, uma propriedade vital incorporada na maior parte das descrições matemáticas dos fenômenos naturais que herdamos da física clássica... em grande parte, a física clássica é a física de sistemas estruturalmente estáveis... Mas nem todos os fenômenos de preocupação terrena são estruturalmente estáveis. Nem tampouco são contínuos... [há] processos em que uma mudança pequena nos insumos... pode levar a uma mudança grande no resultado final" (Casti: 44-45).

Há um comportamento estável, como o do sistema solar, e há um comportamento puramente aleatório, como o de jogar dados. "O que descobrimos", afirma o físico William L. Ditto, "é que a maior parte da natureza faz algo intermediário" (Schwartz). Uma vez que os cientistas começaram a interpretar o caos, o encontraram em todas as partes: na água que passa por um tubo, nas correntes de um riacho de montanha, um monte de areia em cascata, a formação de nuvens de tempestade, o surgimento e a extinção das espécies no registro geológico, o nascimento e desaparecimento de civilizações antigas, a Bolsa de Valores de Nova Iorque. A maioria dos sistemas apresenta um comportamento regular até certo ponto. A água de uma torneira goteja regularmente até que se mude ligeiramente o fluxo. Depois se torna caótico. Colocar areia em um monte produz um lindo cone simétrico. Continuar pondo areia causa avalanches repentinas. Há um lugar denominado a borda do caos e, quando um sistema se aproxima dele, o comportamento pode mudar rapidamente de forma imprevisível.

No desenvolvimento, vemos o efeito borboleta surgir constantemente nos projetos financiados pela IAF. O fenômeno levou o pessoal da IAF a elaborar um sistema para descrever os resultados dos projetos que implica conseqüências imprevistas e efeitos multiplicadores. Preparamos relatórios sobre os resultados tangíveis de cada projeto, mas também procuramos acompanhar os resultados intangíveis: como a confiança decorrente da abordagem bem-sucedida de um problema leva uma organização de base a abordar uma questão mais complexa, por exemplo, ou como podem ser solucionadas as diferenças quando uma comunidade focaliza uma meta comum. Também examinamos como um projeto concebido para resolver um problema específico em uma comunidade pode promover mudanças mais amplas que afetam muitas outras pessoas. Um exemplo proveniente da Colômbia ilustra este aspecto. Em 1983, a IAF concedeu uma doação para ajudar um grupo de pesquisadores de Bogotá a iniciar um programa de serviços jurídicos para domésticas, muitas das quais tinham reivindicações a resolver com os patrões. Nos anos seguintes, o interesse gerado por essa iniciativa começou a ter efeitos cascata sobre a sociedade colombiana. Um maior volume de trabalho legal, a formação de grupos de apoio mútuo entre trabalhadores, fóruns públicos e uma crescente atenção da mídia, bem como o surgimento de grupos análogos em outras cidades colombianas conduziram com o tempo a uma lei nacional, promulgada em 1988, que tornava obrigatórios os benefícios do seguro social e de saúde para todas as domésticas e diaristas em todo o país.

Ordem gratuita

À medida que os estudos sobre o caos impugnavam a idéia de que a mudança era sempre paulatina e previsível, a noção da complexidade impugna a idéia reducionista de que as coisas se compreendem melhor

se divididas em componentes menores. Com urgência crescente, muitos cientistas chegaram à conclusão de que o enfoque reducionista e a estrutura cada vez mais compartamentalizada da ciência moderna por ele produzido se aproximavam de um beco sem saída. Quanto mais a ciência aprendia, parecia que tanto menos tinha a dizer sobre muitos dos problemas mais complexos do mundo. Em 1956, W. Ross Ashby, pioneiro da cibernética, destacou um cisma científico. "Durante dois séculos vinha examinando sistemas intrinsecamente simples ou que podiam ser analisados em componentes simples". No entanto, o método reducionista, declarou ele, "é muitas vezes fundamentalmente impossível nos sistemas complexos" (citado em Casti: 172).

A atenção científica começou a passar do estudo de partículas cada vez menores para questões sobre suas relações e a forma como funcionam os sistemas que constituem estas partículas. George Cowan, destacado investigador das armas nucleares de Los Alamos, estava convencido de que a ciência deveria seguir uma nova orientação. Em 1984, ele, Murray Gell-Mann e outros cientistas destacados, fundaram o Instituto de Santa Fé, atualmente uma de muitas instituições de pesquisas dos Estados Unidos, Europa e Japão dedicadas ao estudo da complexidade. O aspecto mais surpreendente desse estudo é seu alcance amplo. A ciência da complexidade vê semelhanças subjacentes em temas tão aparentemente diversos como o nascimento e desaparecimento das civilizações tanto antigas como modernas, o sistema imunológico humano, as origens da vida, a evolução, o cérebro, a ecologia, os genes, as aves que se congregam, o mercado de valores e a economia mundial.

Uma forma de apresentar o fascínio dos sistemas complexos é a observação comum de serem mais do que a soma de suas partes. Assim ressalta Gell-Mann: "Os componentes fundamentais — átomos, moléculas e células — são todos bastante simples, mas à medida que interagem reciprocamente surgem novas propriedades" (Berreby). Portanto, esses sistemas não são somente complexos mas também adaptáveis. Têm a capacidade de mudar. Processam as informações, aprendem, adaptam-se e auto-organizam-se. Para os cientistas, ocupados nos últimos séculos em calcular equilíbrios exatos de massa e energia, a compreensão dessas propriedades "emergentes" requer um enfoque novo, não o aperfeiçoamento de métodos tradicionais. Em geral, os cientistas abordam estas propriedades emergentes mediante a simulação computacional de uma forma ou de outra. Utilizam os computadores para modelar os mecanismos biológicos básicos da evolução e da própria vida (Waldrop: 198). Os autômatos celulares — grades de células que podem ser programadas por meio de regras simples que regem a forma como reagem perante os vizinhos — são uma ferramenta popular. O comportamento de muitas aves que cortam os céus, voando próximo a obstáculos sem jamais se chocarem umas com as outras mas mantendo sempre a formação do bando, pode modelar-se desta forma. Os cientistas podem observar as interações e ver como surgem padrões e estruturas. Podem ver a ordem emergente e a auto-organização. E observam o mundo exterior, a biologia, a evolução e vêem padrões análogos.

Stuart Kauffman, biólogo teórico a quem por longo tempo este aspecto deixou perplexo, afirma que há "uma preferência marcante dos sistemas complexos de se organizarem espontaneamente em padrões persistentes de atividade que funcionam" (citação de Casti: 267). A dinâmica complexa do próprio sistema, a riqueza das interações, parece produzir espontaneamente padrões de estabilidade e organização (Waldrop: 11). Kauffman chama isso de "ordem gratuita".

A experiência da IAF confirma o fenômeno dos padrões emergentes e da ordem emergente. Um de nossos principais recursos intelectuais é a corrente de propostas que anualmente chegam a nosso escritório. À medida que as examinamos, surge um quadro das transformações que se produzem no nível de base na América Latina e no Caribe. Embora às vezes leve tempo para perceber isso, a oportunidade de analisar todas essas idéias nos permite muitas vezes vislumbrar com antecedência o futuro. Um exemplo da década de 1980 é o número crescente de propostas de grupos de agricultores que procuravam apoio para a proteção do meio ambiente. A maioria dos peritos em desenvolvimento, de forma linear e reducionista, concebia a proteção ambiental e a produção agrícola como duas inquietações separadas. Com freqüência, considerava como ameaça ambiental o fato de os agricultores limparem o terreno para cultivo. Mas recebíamos propostas de agricultores que queriam aumentar a produção, que procuravam melhorar o acesso aos mercados e que também desejavam preservar o ambiente natural ao redor de seus campos. Tinham vinculado a proteção

das encostas arborizadas situadas no alto — com freqüência em parques ou reservas nacionais — e a água que necessitavam para seus cultivos. Reconheciam que eram necessárias novas técnicas de cultivo (com freqüência, práticas tradicionais ressuscitadas) para evitar que suas terras deslizassem e ficassem desprovidas de elementos nutritivos. Queriam pesticidas naturais em lugar de venenos químicos caros.

Em breve percebemos que estávamos financiando projetos em diversos países cuja meta era, ao mesmo tempo, melhorar o nível de vida e a biodiversidade. As entidades ambientais começaram a enviar-nos seu pessoal para aprender desses projetos a forma como as duas metas poderiam ser combinadas. A opinião de que um agricultor armado com um facão era apenas uma ameaça para o meio ambiente começou a mudar para a do agricultor que, nas circunstâncias de apoio apropriadas, era um custódio de seu ambiente.

Um exemplo mais recente proveniente do México ilustra como responder às propostas em vez de planejar projetos pode manter uma entidade de desenvolvimento na vanguarda. A APOIO (Fundación para la Productividad en el Campo) é uma ONG mexicana com uma longa experiência em prestar apoio técnico a pequenos agricultores de algumas das zonas rurais mais pobres do interior do país. Há cerca de quatro ou cinco anos, o pessoal de APOIO percebeu que diminuía o número de seus clientes porque a maioria dos agricultores jovens das comunidades a que servia tinha emigrado para o norte em busca de salários que pudessem enviar para sua família. A APOIO recorreu à IAF com uma nova proposta: promover os vínculos entre as associações migrantes de assistência ao povoado natal (*hometown associations*) nos Estados Unidos e as comunidades de que tinham saído. Os migrantes têm proporcionado desde então uma ampla gama de serviços aos respectivos povoados de origem, não só no México mas também em El Salvador, Haiti e República Dominicana. Este fenômeno foi objeto da primeira grande conferência sobre remessas e desenvolvimento, realizada em 2001 e patrocinada pela IAF, Banco Mundial e Escritório de Washington da Comissão Econômica das Nações Unidas para América Latina e o Caribe. Atualmente a IAF analisa o co-financiamento de projetos de desenvolvimento em comunidades latino-americanas com associações de migrantes de assistência ao povoado natal procedentes dessas comunidades e que trabalham nos Estados Unidos.

As repercussões de novas metáforas

O caos e a complexidade são ciências novas, repletas de idéias intrigantes e envoltas no burburinho do entusiasmo que acompanha os novos empreendimentos. Não produziram um paradigma científico, como o fez a física de Newton há mais de três séculos, mas geraram uma rica série de metáforas, muitas das quais parecem intuitivamente apropriadas para abordar as questões que enfrentam os teóricos e profissionais do desenvolvimento. Nesta fase, as novas metáforas podem ser as contribuições mais valiosas das novas ciências ao pensamento sobre o desenvolvimento. Um bom ponto de partida na busca de metáforas de desenvolvimento apropriadas é a distinção fundamental entre sistemas lineares e não-lineares. Os sistemas lineares simples se comportam de forma previsível. Se deixarmos cair uma pedra, ela descerá a uma velocidade que pode ser medida. Os processos não-lineares geram surpresas, tal como sucede com o sistema meteorológico quando uma borboleta acelera sua marcha. Lamentavelmente, as tentativas para resolver os problemas da pobreza no país ou no exterior têm gerado mais surpresas que êxitos. Com demasiada freqüência, recursos importantes e boas intenções entram no sistema, mas o resultado difere terrivelmente do que se esperava.

Para utilizar a linguagem da nova ciência, um projeto de desenvolvimento é uma intervenção em sistemas adaptáveis não-lineares e complexos. Quando planejada com métodos e expectativas lineares, a teoria do caos indica o que pode ocorrer. Um projeto de desenvolvimento impulsionado com grandes somas de dinheiro, traçado com muito detalhe e dirigido por peritos pode representar uma mudança muito significativa nas "condições iniciais". À medida que as coisas começam a funcionar, o que realmente acontece começa muitas vezes a divergir das expectativas e, ao chegarem os resultados, aumenta a divergência,

às vezes catastroficamente. Os projetos de habitação de baixo custo produzem muitas favelas piores dos que as habitações que substituíram. Novas autopistas geram engarrafamentos sem precedentes (Casti: 271 ff.). Um projeto de desenvolvimento destinado a aliviar as pressões da população proporcionando acesso a terras agrícolas com uma rodovia termina destruindo amplas extensões da floresta tropical, esgota o solo e deixa as pessoas a que pretendia ajudar em uma pobreza ainda mais desesperante.

Há vários anos, eu estava nas margens de um lago artificial na cordilheira central de Honduras, país designado como produtor de eletricidade em um projeto de desenvolvimento maciço para a América Central. Foram construídas diversas represas grandes para produzir energia elétrica para as cidades hondurenhas e deixar uma quantidade suficiente para ser vendida aos países vizinhos. Foram contratados trabalhadores das zonas rurais de baixa renda, abertas estradas através da selva virgem, erguidas paredes de concreto e instaladas as turbinas. Mas quando terminou a construção, também terminaram os empregos. Sem lugar para onde ir, muitos dos trabalhadores ficaram ali para começar a cultivar os declives escarpados acima dos reservatórios. Em breve esta situação causou erosão e, quando os visitei, já se tinha acumulado nos reservatórios sedimento suficiente para literalmente criar ilhas, nas quais cresciam árvores; a geração de energia elétrica tinha diminuído e Honduras sofria apagões periódicos. Com o tempo, foram necessários investimentos adicionais de dezenas de milhões de dólares para começar a restaurar a vegetação nos declives.

Exemplos semelhantes são comuns nos últimos 50 anos de ajuda para o desenvolvimento. Constantemente, planejam-se ambiciosos projetos de desenvolvimento com uma impressionante coerência interna que são impostos de cima para baixo em um complexo sistema humano. No entanto, como "é praticamente impossível abranger toda situação concebível, os sistemas de cima para baixo encontram sempre combinações de eventos que não sabem resolver... e com demasiada freqüência estancam em uma hesitação de indecisões" (Waldrop: 279). O problema está em procurar abordar a pobreza por meio do método reducionista que consiste em dividi-la em seus diversos componentes. Em diversas ocasiões, os planejadores do desenvolvimento consideraram que construir a infra-estrutura física de rodovias, pontes e portos era a chave do desenvolvimento, ou era a educação ou a habitação urbana ou a modernização da agricultura ou a microempresa. Não se trata de afirmar que esses elementos estejam errados. O incorreto é supor que se possa mudar um fator em uma situação complexa e, a seguir, prognosticar o resultado.

A que se assemelharia um modelo de desenvolvimento não-linear? As metáforas decorrentes dos estudos do caos e da complexidade indicam que seria muito semelhante ao que chamamos desenvolvimento de base participativo e de cima para baixo. Há uma adequação quase misteriosa entre a forma como falamos do desenvolvimento de base e a maneira como os cientistas falam da evolução de sistemas complexos: "Em vez de serem elaborados de cima para baixo — tal como o faria um engenheiro humano — os sistemas vivos parecem surgir sempre de baixo, de uma população de sistemas muito mais simples" (Waldrop: 278). Ouçamos um cientista que descreve a maneira de reproduzir em computador um comportamento que imita o da vida: "[S]imulemos populações de unidades simples em vez de uma grande unidade complexa. Utilizemos o controle local em vez do controle global. Deixemos que surja o comportamento de baixo para cima, em vez de especificá-lo de cima para baixo. E ao fazermos isso, concentremo-nos no comportamento contínuo em vez de nos concentrarmos no resultado final... [Os] sistemas vivos realmente nunca descansam".

O enfoque do desenvolvimento de base sensivel vê nas comunidades humanas a mesma capacidade de auto-organização que os cientistas vêem em todos os sistemas adaptáveis complexos. Portanto, baseia-se mais na capacidade das pessoas de baixa renda para entender seus próprios problemas e criar as próprias soluções — com freqüência dialogando com técnicos locais — do que em projetos elaborados por pessoas de fora. Ressalta a singularidade de cada projeto.

Busca o êxito tanto ou mais em resultados intangíveis, por exemplo, maiores capacidades humanas, do que em resultados quantitativos de projetos. Reconhece que os sistemas complexos são adaptáveis e procura fortalecer a adaptabilidade para que possa ser transferida ao desafio de desenvolvimento seguinte.

Como mudaria o desenvolvimento sob a influência de metáforas científicas pós-newtonianas? A mudança de metáforas lineares para mecanicistas seria muito radical. Se deixarmos de pensar no desenvolvimento como processo linear, um dos primeiros elementos a desaparecer seria a ilusão de controle inerente a projetos elaborados de cima para baixo. O panorama do desenvolvimento, salpicado de fracassos no último meio século, demonstra o pouco controle realmente exercido pelos formuladores e administradores de projetos, porém a ilusão persiste. O controle significa poder e as metáforas decorrentes dos estudos do caos e complexidade indicam que o poder deve ser cedido e diluído verticalmente para abaixo, a fim de dar lugar ao comportamento adaptável e ao surgimento de novos padrões.

Com o controle desapareceria a idéia de previsibilidade. A exigência da previsibilidade obriga os processos complexos, de forma irreal, a se enquadrarem forçosamente no âmbito dos modelos simples. Essa distorsão provoca os fracassos do desenvolvimento. Com metáforas diferentes, os projetos de desenvolvimento não seriam considerados como análogos às experiências de laboratório. As metas seriam claras, mas o enfoque seria muito mais amplo que o indicado no cartão de marcação ou na lista de checagem de suas realizações. Este enfoque seria ampliado de forma a incluir o que acontece rumo às metas e se adaptaria à realidade: à medida que um sistema complexo se desenvolve e se adapta, assim também podem mudar as metas.

Naturalmente, isto significa que o campo da avaliação de projetos mudaria, o mesmo acontecendo com a definição do êxito. A avaliação passaria a ser menos uma medição do avanço realizado para o alcance de metas estabelecidas externamente e mais um mecanismo de feedback na evolução de um grupo humano. Ainda teríamos números, mas prestaríamos mais atenção aos relatos pessoais. Em vez de controle e previsibilidade, se observaria e se escutaria mais. Os profissionais do desenvolvimento passariam necessariamente mais tempo fora do escritório e se aproximariam mais do nível de base. Em vez de atuarem como formuladores e administradores de projetos, teriam um papel mais modesto embora muito mais interessante, como o dos guias nas descidas por águas bravias ou correntezas, como no exemplo citado por Waldrop (331-334), os quais examinam as correntes, os redemoinhos e as pequenas cascatas, observando e, às vezes, introduzindo um remo quando isso pode ajudar. Ao se transformarem em observadores, os profissionais do desenvolvimento poderiam terminar trabalhando períodos de serviço mais longos no mesmo lugar. Atualmente, muitos profissionais do desenvolvimento se mobilizam demais. Planejam um projeto e, uma vez instalado e em funcionamento, ou quando fracassam e desaparecem, passam a outra missão. “Nunca vêem seus erros”, como me disse o chefe de uma ONG hondurenha.

Nem todos os profissionais do desenvolvimento aceitariam necessariamente uma mudança de funções. Comparando o trabalho científico realizado na esfera da complexidade com relação à ciência clássica, o economista Brian Arthur disse a Waldrop (334): “Creio que existe uma personalidade que se adapta a este tipo de atividades. São as pessoas que gostam dos processos e padrões, ao contrário das pessoas que se acomodam com a estagnação e a ordem”. Os projetos seriam menores — não nos esqueçamos da asa da borboleta — e muito mais numerosos. Gell-Mann (356), destacando o fato de que os projetos em grande escala muitas vezes causam danos ambientais ao passo que não ajudam em quase nada os segmentos pobres da população, observou que “essas mesmas pessoas podem freqüentemente ser ajudadas de forma muito eficaz mediante grande quantidade de pequenas atividades, realizadas no nível local — como, por exemplo — a prática do que se denomina micro-empréstimo”. Seriam assim reconhecidas a individualidade e singularidade dos projetos.

A idéia de duplicação seria reformulada. Em um regime linear, um bom projeto transforma-se em modelo aplicável em outros lugares. As metáforas que prevalecem promovem uma hipótese identificada por Gow (381) no sentido de que “as condições dos projetos, em geral, são análogas, independentemente dos diferentes contextos”. As metáforas decorrentes da complexidade desviariam a atenção para o que é verdadeiramente reprodutível nos projetos de desenvolvimento: um enfoque que promove a capacidade criativa e a iniciativa local, destaca o processo mais do que os resultados e permite aos processos evoluírem

na interação dos participantes, suas experiências e suas reflexões. Os profissionais do desenvolvimento, em vez de tomarem decisões acerca do que é reprodutível, se transformariam em facilitadores, permitindo aos representantes de outras comunidades visitar e ver pessoalmente as características do projeto bem-sucedido que gostariam de reproduzir.

Este enfoque poderia aliviar, se não eliminar, um dos aspectos mais desagradáveis do trabalho de desenvolvimento: a tendência de pôr a culpa dos fracassos das atividades de desenvolvimento na cultura supostamente inferior das "populações beneficiárias". Seguindo critérios lineares típicos, os profissionais do desenvolvimento formulam um projeto e preparam-se para executá-lo. Quando a população local não cumpre as funções atribuídas, o perito frustrado põe a culpa na sua cultura defeituosa. No entanto, a experiência de base ensina que, com freqüência, são precisamente os valores da cultura local que impulsionam o êxito dos projetos. Naturalmente a reorientação de recursos para modelos de desenvolvimento de base não-lineares não significa abandonar a ajuda de um governo a outro ou a ajuda externa de bancos internacionais a governos. Da mesma forma que o modelo newtoniano continua respondendo eficazmente a muitas interrogativas científicas, a relação linear na ajuda ao desenvolvimento muitas vezes é apropriada. As campanhas de vacinação são um exemplo evidente. A questão é ampliar nossa gama de metáforas do desenvolvimento e saber quais são apropriadas a uma determinada situação. E se quisermos que as pessoas participem realmente das atividades de desenvolvimento que realizarão depois de terminada a ajuda externa, então as borboletas e os bandos auto-organizados de pássaros deveriam figurar entre nossas metáforas.

Patrick Breslin é Vice-Presidente de Relações Externas da IAF.

Bibliografia

As publicações abaixo constituem umas das primeiras introduções populares ao caos, à complexidade e à ciência moderna. O livro *Caos*, de Gleick, é o manual básico e o livro de Waldrop, de leitura fácil, apresenta as primeiras idéias sobre a complexidade geradas no Instituto de Santa Fé. A obra de Gell-Mann leva algumas de suas percepções científicas para a discussão sobre temas de desenvolvimento. Para examinar uma discussão mais recente das deficiências dos enfoques cientistas da física e química aplicadas ao que o autor chama de "ciências históricas", favor consultar o epílogo de *Guns, Germs, and Steel, The Fate of Human Societies*, de Jared Diamond, W.W. Norton & Co., Nova Iorque, 1999.

Livros

Bass, Thomas A., *Reinventing the Future, Conversations with the World's Leading Scientists,* Addison-Wesley Publishing Co., Reading, MA, 1994.
Casti, John L., *Complexification, Explaining a Paradoxical World through the Science of Surprise*, Harper Collins, Nova Iorque, 1994.
Gell-Mann, Murray, *The Quark and the Jaguar,* W. H. Freeman, Nova Iorque, 1994.
Gleick, James, *Chaos, Making a New Science,* Penguin Books, Nova Iorque, 1987.
Kuhn, Thomas S., *The Structure of Scientific Revolutions,* University of Chicago Press, Chicago, 1962.
Lewin, Roger, *Complexity, Life at the Edge of Chaos,* Macmillan, Nova Iorque, 1992.
Peterson, Ivars, *Newton's Clock*, *Chaos in the Solar System,* W. H. Freeman, Nova Iorque, 1993.
Waldrop, M. Mitchell, *Complexity, The Emerging Science at the Edge of Order and Chaos,* Simon & Schuster, Nova Iorque, 1992.
Zohar, Danah, and Marshall, Ian, *The Quantum Society,* William Morrow, Nova Iorque, 1994.

Artigos

Berreby, David, "The Man Who Knows Everything, Murray Gell-Mann", *New York Times Magazine,* 8 de maio de 1994, páginas 24-27.
Gow, David D., "Doubly Damned: Dealing with Power and Praxis in Development Anthropology", *Human Organization,* vol. 52, N° 4, 1993, páginas 380-397.
Havel, Vaclav, "The New Measure of Man", *New York Times,* 8 de julho de 1994.
Schwartz, John, "Taking Advantage of Chaos to Find Stability and Maintain Control", *Washington Post,* 4 de julho de 1994, página A3.

À esquerda: Reserva Salto Morato. Cortesia da Fundação Boticário de Proteção à Natureza

Em busca de um equilíbrio

De Paula Durbin *Fotos: Paulo de VC. Melo Júnior*

O comércio, a conservação e o desenvolvimento unem-se para conseguir um futuro sustentável.

Por ser uma empresa socialmente responsável, O Boticário, fabricante de cosméticos, é uma das empresas mais generosas do Brasil. Sua generosidade tem financiado projetos que vão desde uma creche para crianças em idade pré-escolar dos empregados da empresa, até a Fundação Boticário de Proteção à Natureza (FBPN), o principal recurso da empresa para promover a conservação. Entre as entidades que se têm unido aos esforços do Boticário e da FBPN figuram o Ministério da Criança da Igreja Católica, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis do Governo brasileiro, The Nature Conservancy, a Fundação Avina e a Universidade Duke. Agora, a FBPN está impulsionando uma iniciativa para ampliar seu campo de ação a fim de trabalhar em prol de um futuro sustentável e a Fundação Interamericana une-se a seus esforços.

Em junho de 2001, a FBPN e a IAF comprometeram-se a destinar US$1.100.000, ou US$550.000 cada uma, por cinco anos, a um Fundo de Ecodesenvolvimento para apoiar as organizações que criam mecanismos de geração de renda que favorecem o meio ambiente. O investimento da FBPN, a maior contribuição de uma fundação empresarial a uma colaboração com a IAF, é ainda mais importante pelo fato de a FBPN assumir a maior parte das despesas administrativas dos projetos selecionados. "É uma união de iguais", disse Judith Morrison, Representante Principal da IAF para a América do Sul. "O Boticário é líder em conservação ambiental e a IAF é líder em desenvolvimento de base".

Os parceiros estão realmente em condições de aprender um do outro. Para a IAF é novo o nível de rigor que a FBPN aplica em seus esforços de conservação e a FBPN não tem experiência no desenvolvimento baseado no princípio da auto-ajuda. Desde sua criação em 1990, essa fundação brasileira tem promovido sua missão ambiental principalmente por meio da pesquisa científica, educação e administração da Reserva Salto Morato, o maior remanescente contíguo da floresta tropical brasileira, da qual já desapareceram cerca de 95%. Segundo Liane Ingberman, que dirige as comunicações da FBPN em seu escritório no centro de Curitiba, a FBPN atualmente financia 890 projetos de pesquisas selecionados pelo pessoal, painéis de peritos e Diretoria da FBPN entre as 500 respostas recebidas anualmente à sua solicitação de propostas. As atividades educacionais vão desde o treinamento até a publicação de revistas científicas bilíngües em português e inglês e programas para crianças em idade escolar. Dois locais em um shopping no centro, de propriedade de Miguel Krigsner, fundador e presidente com consciência cívica de O Boticário, são dedicados a incutir a importância da conservação nos cidadãos mais jovens de Curitiba: um teatro de marionetes e um espaço de exposição interativo, onde tudo está ao nível de visão das crianças.

No entanto, a plataforma de lançamento para a incursão da FBPN no campo do desenvolvimento de base foi a Reserva Salto Morato, adquirida em conjunto pela FBPN e pela Nature Conservancy em 1994. Na Reserva, situada em Guaraqueçaba, a quatro horas de distância de carro de Curitiba e com uma extensão de 2.340 hectares, são realizados projetos de pesquisa científica (entre os quais se preparam atualmente 15 teses de doutorado e de mestrado) e, além disso, recebem treinamento 240 profissionais por ano em conservação, ecoturismo e, com a abertura da reserva a visitantes em 1996, administração de parques. Mas a Reserva é principalmente um refúgio para 328 espé-

cies de pássaros e 83 espécies de mamíferos, bem como de todas as árvores e de 20% dos répteis nativos do estado circundante do Paraná. Em 1999 foi declarado local do Patrimônio Mundial pela UNESCO.

Para ter êxito em tal dimensão, a proteção, por parte da FBPN, da inestimável biodiversidade da Reserva e a recuperação de parte da abundante vegetação que a Reserva tinha há 50 anos precisavam da colaboração do elemento humano desde o início. Nos arredores da Reserva encontra-se Vila Morato, uma comunidade de aproximadamente 30 famílias que, até o aparecimento da FBPN, ganhavam a vida a duras penas colhendo palmitos ilicitamente na floresta à noite. Essa colheita ilícita não somente punha em perigo as árvores de palmito e os animais que esta planta abrigava e nutria mas também, em última análise, o sustento proveniente de um recurso escasso em vias de extinção. "A árvore leva sete anos para crescer ao ponto em que se estava colhendo o palmito — explicou Ingberman — mas são necessários 12 anos para a árvore ser replantada e gerar novas plantas. Assim, precisamos encontrar outra fonte de renda para a comunidade". Em primeiro lugar, a FBPN procurou interessar os moradores em fazer animais de pelúcia e marionetes para os pacotes distribuídos em seu programa de aprendizado prático para a vida diária em associação com o Ministério da Criança: *Dr. Botica educando para a vida*. Mas os homens consideraram isso trabalho para mulheres; também rejeitaram a possibilidade de fabricar artigos de bambu. Finalmente, um perito em fibras naturais indicou que uma planta abundante no local poderia ser utilizada para fazer cestas. A idéia foi aceita e os residentes de Vila Morato em breve se transformaram em hábeis artesãos.

O Boticário estivera a ponto de adquirir cestas de compras de ráfia da Tailândia, mas transferiu rapidamente o pedido para Vila Morato. As cestas feitas à mão no Brasil com fibras naturais nativas eram uma boa estratégia comercial e reafirmavam a promoção, por parte do Boticário, de seu uso de ingredientes naturais em produtos especificamente adaptados às necessidades dos consumidores brasileiros. Com esse pedido inicial, houve um aumento vertiginoso na renda de Vila Morato e os moradores formaram uma cooperativa. No entanto, essas primeiras cestas de compras, destinadas a serem usadas nas lojas e não para venda, eram tão resistentes que não era necessário fazer uma reposição com muita freqüência. Haveria pedidos futu-

Os artesãos reúnem plantas nativas, secam-nas e separam-nas em fibras finas que são presas a um poste e trançadas para produzir corda para as cestas.

Devido às graves conseqüências sociais e ambientais de cortar árvores de palmito silvestres imaturas, a prática é ilícita no Brasil, mas persistirá enquanto não houver alternativas às comunidades que têm vivido da colheita. Agora, em Morato, cultiva-se em plantações a pupunha, uma espécie de palma que cresce mais rapidamente, a fim de complementar a renda proveniente do artesanato sem prejudicar o meio ambiente.

Vera Agostinho dos Santos, artesã de Morato, mostra as cestas à venda no centro construído pela comunidade com a assistência da IAF.

Josias do Rosário, da Associação dos Artesãos do Morato, usa paina, ervas aquáticas, para formar a base de uma cesta que termina com fibras de cipó e bambu.

ros, mas não imediatamente. Sem dúvida, os artesãos precisavam aprender os aspectos técnicos e administrativos de dirigir uma empresa, a fim de enfrentar as flutuações da demanda do mercado e diversificar sua clientela. Também precisavam preparar-se para aumentar a produção.

O resultado foi uma solicitação à IAF apresentada pela FBPN em nome da associação de artesãos. O objetivo era melhorar as condições de vida em Vila Morato mediante o reforço da indústria artesanal e conseguir um grau de autonomia para a nova empresa levando a comunidade a responsabilizar-se por outra fonte de financiamento. A proposta chamou a atenção de Morrison. Ela visitou Vila Morato, conversou com o pessoal da FBPN em Curitiba e conseguiu o apoio da IAF para os artesãos. Além disso, afirmou Morrison, "como resultado de nossas conversações, a FBPN e a IAF decidiram que devíamos ampliar o projeto a fim de formar uma empresa conjunta com a finalidade de oferecer alternativas a outras comunidades de baixa renda — no Nordeste e em zonas protegidas".

O local do primeiro projeto apoiado pelo Fundo, "Café com Floresta: Ecodesenvolvimento e Corredores de Biodiversidade", é a zona que circunda o Parque Estatal Morro do Diabo em Pontal do Paranapanema, uma das extensões de terreno protegido mais vastas do Estado de São Paulo, onde os remanescentes da floresta tropical representam apenas 1,85% da vegetação original. O Instituto de Pesquisa Ecológica, uma ONG donatária cuja missão é preservar a biodiversidade, está trabalhando com uma associação dos agricultores de subsistência ali estabelecidos como resultado da reforma agrária proposta pelo Movimento dos Sem-Terra. O objetivo é dispor de 80 corredores de café orgânico cultivado à sombra de árvores nativas utilizando tecnologia e técnicas que possibilitem uma maior produção, distingam o produto no mercado (considerado que o café não é exposto a substâncias químicas tóxicas) e não prejudiquem o meio ambiente. Simultaneamente, os corredores facilitam o movimento da vida silvestre entre os fragmentos isolados da floresta preservada, conectando o ecossistema e tornando-o menos vulnerável.

Segundo Sandro Menezes Silva, que coordena os programas de educação e conservação da FBPN, os dois primeiros pedidos de propostas do Fundo de Ecodesenvolvimento atraíram 178 propostas e produziram a concessão de quatro doações. Ninguém pede

desculpas por este nível de escrutínio para determinar a viabilidade do componente ambiental de uma proposta. “Um resultado desejado do Fundo é a educação do proponente quando se rejeita uma proposta por esta causa”, explicou Morrison. “A agricultura orgânica ou o manejo florestal podem não estar necessariamente relacionados com a conservação, mas podem de fato prejudicar o meio ambiente. Uma proposta de repopulação de peixes pode aparentemente oferecer benefícios do ponto de vista do desenvolvimento humano mas, se não levar em conta a poluição da água, será um projeto desvantajoso para os conservacionistas. Em certo sentido, estamos promovendo um novo conceito e muitas atividades ainda não se enquadram no esquema”. O objetivo é o êxito desta iniciativa de “conservação com desenvolvimento” sem comprometer as normas. Mas, disse Silva, “estamos adotando uma postura mais proativa e buscando organizações com um histórico que realmente lhes permita conseguir este equilíbrio: a melhoria da qualidade de vida juntamente com a preservação do meio ambiente”.

A donatária mais recente do Fundo, Eco Escritório Peixe-Boi, de Vila da Barra Mamanguape, Pernambuco, trabalha há 15 anos neste sentido, empenhando-se em salvar o peixe-boi. Tão dócil e fácil de cair na armadilha a ponto de ser chamado de bicho bobo, o animal foi caçado ou pescado indiscriminadamente até o ponto de sua população se reduzir de 300 a 500 animais e estar em grave perigo de extinção, segundo o IBAMA. Para resgatar a espécie, a Fundação para Preservação e Estudos dos Mamíferos Aquáticos ofereceu aos residentes das comunidades de caçadores tradicionais a oportunidade de fazer reproduções de pelúcia tanto do peixe-boi marinho como do peixe-boi amazônico, uma espécie em menor perigo de extinção, para vender nos supermercados e hotéis. As rendas são investidas nos esforços de conservação da ONG. Com a doação que recebeu do Fundo, a oficina, uma das principais fontes de renda no nível local, aumentará a produção e as oportunidades de emprego para os residentes da comunidade. Acrescentará golfinhos e baleias à sua linha de animais de pelúcia, construirá uma sede, modernizará seu equipamento, melhorará os conhecimentos práticos de sua equipe e treinará 38 jovens adultos em costura, corte e bordado. “Tão pronto os pescadores vêem o dinheiro que podem ganhar com os animais de pelúcia, deixam de caçar peixes-boi”, disse Silva.

Da mesma forma, os residentes de Vila Morato já não precisam cortar as plantas de palmito silvestres

O centro comunitário inclui uma classe onde os artesãos assistem a aulas que tratam do plano de estudos até o quarto grau.

PAULA DURBIN

Uma comunidade do Nordeste do Brasil fabrica peixes-boi marinhos de pelúcia em vez de caçar uma espécie em perigo de extinção. Os animais de pelúcia estão em um espaço ambiental para crianças do centro comercial de Miguel Krigsner, situado no centro de Curitiba.

PAULA DURBIN

O Boticário e o Ministério da Criança da Igreja Católica patrocinam uma série educativa que inclui um teatro de marionetes em Curitiba. Krigsner, para quem este esforço conjunto é um dos projetos sociais mais importantes de sua empresa, assim se expressa: "Quando a marionete fala à criança, a criança estabelece uma relação especial com o personagem".

da Reserva. As rendas individuais das cestas são iguais às provenientes dos palmitos, com algumas exceções importantes. Em primeiro lugar, disse o artesão Silvio Batista dos Santos, "é trabalho muito mais fácil". Além disso, só os homens podiam cortar as plantas e, logo que os filhos homens eram o suficientemente grandes para ajudá-los, eles os tiravam da escola. Agora que tanto os homens como as mulheres se dedicam a fazer cestas, a renda familiar é maior e é possível que se tenha rompido o ciclo de interrupção dos estudos. Além disso, em uma semana os artesãos podem atender a seus pedidos mensais atuais, inclusive os de um cliente novo, Pão de Açúcar, uma cadeia de supermercados. Alguns trabalhadores esperam poder estruturar seu tempo livre, tornando a colher palmitos — mas agora de forma legal, de fileiras plantadas perto do domicílio com uma espécie de palma imperial que matura em apenas quatro anos.

Os artesãos parecem ter um firme compromisso com o êxito da indústria de cestaria. Com o apoio da IAF, têm um centro comunitário novo vibrante que oferece cursos para adultos, um lugar para armazenar estoques, uma loja onde os visitantes do parque podem comprar seus artesanatos e um refeitório comunitário. Tudo isso foi construído com o próprio esforço voluntário. "É um lugar construído pela comunidade e de sua propriedade, independente da reserva e do Boticário", disse Morrison. "A comunidade contribui para o centro com a mão-de-obra e dirige aí os seus negócios".

Morrison continua oferecendo assessoramento ao pessoal da FBPN em seleção de projetos, visitas locais e dificuldades a serem previstas. Da FBPN diz Morrison: "A IAF aprendeu que há variações em desenvolvimento ecológico, que devemos incorporar mais indicadores ambientais em nossas análise de desenvolvimento de base e que há muito a aprender sobre a análise de projetos rurais de produção. O Boticário tem a experiência prática e a sofisticação necessárias e se tem mostrado muito disposto a compartilhar essa informação. A esperança é que isto atinja todos os níveis da IAF". Passo a passo, leva-se avante uma nova etapa do desenvolvimento baseado no princípio de auto-ajuda. "O fundo representa uma oportunidade para sermos inovadores — afirma Morrison — e temos a certeza de que os projetos terão resultados duradouros".

Contribuíram para este artigo Megan Savage, estagiária da IAF, e Juliana Menuci, agente de ligação local da IAF no Brasil.

Em busca de um equilíbrio: Miguel Krigsner

O fundador de O Boticário é o impulsor do êxito e da dedicação da empresa.

"Pitoresca" é o termo que utiliza Miguel Krigsner, fundador e Presidente de O Boticário, para descrever a evolução de sua empresa de uma farmácia no centro de Curitiba a um importante fabricante de cosméticos. Krigsner, profissional com estudos de pós-graduação em bioquímica que nasceu na Bolívia e veio para o Brasil quando criança, começou sua carreira profissional fazendo experiências com fórmulas para loções e xampus quando não estava aviando receitas médicas. Em meados da década de 1970, quando o mercado brasileiro estava fechado às importações, viu uma oportunidade de ampliar a clientela interessada em suas misturas vendendo no aeroporto de Curitiba, um lugar que veio a ser estratégico. A marca foi inicialmente popularizada por intermédio dos comissários de bordo que compravam os produtos e os revendiam aos familiares e amigos em todo o Brasil. Este canal informal de distribuição, ajudado por recomendações verbais, foi o começo de um sistema de concessionárias que, diz Krigsner, "permitiu à empresa crescer muito rapidamente utilizando o capital de terceiros".

Atualmente, a moderna planta de O Boticário em São José dos Pinhais, na grande Curitiba, conta com um quadro de mais de 10.000 empregados que produzem mais de 600 artigos. As linhas diversificadas de O Boticário para homens, mulheres e crianças são vendidas no Brasil e no exterior por meio de 2.500 concessionárias e quiosques de venda, que incluem mais de 400 no Japão, o que comprova a qualidade dos produtos, segundo Krigsner, uma vez que o protecionismo japonês está definido em função da qualidade. A liderança empresarial de Krigsner tem gozado de um grau considerável de cobertura na mídia do Brasil, grande parte da qual está disponível na Internet. Mas quando *Desenvolvimento de Base* se reuniu com Krigsner em sua suíte executiva no outono do ano passado, nós lhe perguntamos sobre a dimensão que ele tem dado à cidadania empresarial de O Boticário.

CORTESIA DA FUNDAÇÃO BOTICÁRIO DE PROTEÇÃO À NATUREZA

Miguel Krigsner

P A que se deve seu compromisso social?

R Um dos elementos que mais influenciaram meu modo de pensar é que sou o filho de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, do Holocausto. Minha mãe emigrou da Alemanha antes da guerra e meu pai emigrou da Polônia após passar a guerra escondido na casa de um amigo. Viajaram para a Bolívia, um dos poucos países que aceitavam refugiados do Holocausto devido a seu interesse em atrair gente que pudesse contribuir para o desenvolvimento de um país que, inclusive atualmente, é um dos mais pobres e subdesenvolvidos do mundo. A infância de meu pai lhe deixou um grande sentido de perseguição e outros problemas psicológicos. E assim me

pareceu que as diferenças sociais, sejam baseadas em diferenças religiosas, raciais ou econômicas, são um câncer da civilização. O maior problema do mundo atual são as diferenças sociais e as diferenças econômicas provocam diferenças sociais. Tudo o que vemos acontecer está diretamente relacionado com o problema de ricos e pobres. Por ser um idealista, sempre procurei encontrar a maneira de mudar esta situação, pelo menos um pouco, como uma gota no oceano, uma agulha em um palheiro. Desde muito jovem eu quis pessoalmente fazer uma diferença, vincular meu trabalho a uma contribuição social. Nossa empresa, além de seu papel econômico, dá emprego a 14.000 pessoas, o que, por si só, é uma contribuição social importante. Mas, para mim isso não era suficiente.

P Como o senhor se interessou por questões ambientais?

R Eu era estudante quando o Brasil começou a tomar consciência dos problemas ambientais que sofria o mundo. Refiro-me aos anos 1977–1978. Esses problemas não eram sentidos muito aqui, porque os brasileiros vivem rodeados pela natureza e não podem imaginar o que seria viver sem ela. Por isso, em menos de 50 anos, a mata atlântica foi quase totalmente destruída, restando apenas 5% dela. Na universidade, conheci ecólogos e outras pessoas que me indicaram estes problemas, mas eu não queria aderir a um movimento que nos permite içar uma bandeira e lutar contra um enorme sistema. Com o crescimento dos negócios, comecei a sentir que havia uma forma de ser participante ativo em questões ambientais. Assim, em 1990, decidimos criar a Fundação Boticário de Proteção à Natureza.

P Que idéia o senhor tinha para a Fundação naquele momento?

R Criamos uma fundação porque as fundações são fiscalizadas por um ministério público e devem ter um objetivo claro não orientado para os lucros. Decidimos que a Fundação trabalharia de forma séria e científica patrocinando projetos de pesquisas. Começou como algo muito pequeno, com US$200.000 por ano, que mesmo assim é uma quantia importante e nos propusemos a agir muito lentamente, passo a passo.

Por meio da Fundação adquirimos grande credibilidade, primeiro junto às universidades e depois aos consumidores, graças a nossas contribuições sociais. Para os consumidores, cada dia mais interessados em questões sociais, a Fundação associa o Boticário a uma perspectiva contemporânea e dá credibilidade à marca, mas este tipo de percepção é muito gradual no Brasil. Não queríamos usar a natureza para promover nossas atividades comerciais: “proteja as zonas verdes e compre Boticário”. E não o fazemos porque seria como tirar dinheiro do objetivo social ou usar o objetivo social com fins publicitários.

P Por favor, explique como o Boticário apóia financeiramente a Fundação

R Destinamos 1% de nossa renda bruta a investimentos sociais. Pelo menos 50% dessa soma é destinada à Fundação para projetos ambientais e o restante a outros projetos sociais. É muito dinheiro e não está vinculado a uma dedução de impostos (que seria muito pequena no Brasil) nem a nenhum outro tipo de beneficio. A cifra de 1% provém da renda bruta e não da líquida, porque é possível termos um ano não muito bom e nossos projetos de médio e longo prazo não podem depender do fato de a empresa ir bem ou mal.

Criamos também um fundo caso a empresa não possa fazer um investimento social durante um ou dois anos ou se, de repente, o 1% deixar de ser suficiente. A intenção é que o fundo cresça lentamente com doações da empresa e de outros que percebam a seriedade das propostas desta instituição. Cresça ou não este fundo, a Fundação sempre contará, sem dúvida, com a assistência e a infra-estrutura que a empresa possa oferecer, mas parte do plano é termos uma instituição independente.

Enquanto existir, o Boticário continuará a financiar a Fundação. Eu considero isso uma obrigação moral: uma empresa que tem tido grande êxito no mercado tem de devolver algo à sociedade em que vive. O Brasil é um dos países de maior ônus fiscal do mundo

e alguém poderia dizer: "eu pago tantos impostos; deixe que o Governo faça esse trabalho". Mas é uma questão de consciência e, na religião judaica, fala-se de *tsedaka*. Que quer dizer isso? É uma palavra que diz que se tem de fazer bem ao próximo. No entanto, o prazer de fazer bem não é o que o próximo está recebendo, mas o prazer que a própria pessoa recebe. Talvez pareça estranho, mas me traz uma grande satisfação pessoal poder fazer algo por outra pessoa. As boas obras beneficiam também quem as realiza.

P Como o senhor explica esse investimento a seus acionistas?

R Há somente dois acionistas. Como sou proprietário de 80% da empresa, simplesmente me olho no espelho e digo a mim mesmo: "Miguel, vamos investir nisso e pronto". É fácil e não preciso dar muitas explicações.

P Quanto tempo a Fundação levou para adquirir um componente de desenvolvimento?

R Uns seis ou sete anos. As necessidades são tão grandes em um país como o Brasil que não é possível abordar 40 coisas ao mesmo tempo. É preciso concentrar os esforços em um campo limitado e muitas vezes dizer não, por mais desagradável que isso pareça. Quando começamos, muitas pessoas perguntavam se a idéia era proteger macacos e papagaios em um país onde há tantas crianças necessitadas, o que reflete uma falta de visão, porque a criança está incluída na natureza que protegemos. Pouco a pouco, começamos a dedicar-nos a outros problemas sociais. Queríamos ajudar as comunidades como a de Guaraqueçaba onde está nossa reserva. Não podemos dizer a uma pessoa com fome ou com um filho doente que não pode colher palmitos. Se não puder cortar árvores de palmito, precisa de outro meio de subsistência. Por isso lançamos o projeto de artesanato.

P O senhor faz distinção entre a filantropia e responsabilidade social?

R A filantropia é boa, mas é melhor ensinar alguém a pescar que dar-lhe um peixe. A filantropia pode chegar a ser uma espécie de paternalismo que, ao presentear um saco de arroz, cria dependência. É importante realizar projetos de desenvolvimento sustentável onde as pessoas possam trabalhar e ganhar a vida. Ocorre no Brasil uma mudança de mentalidade e cada vez com maior freqüência as empresas empreendem projetos sociais. Temos, por exemplo, o Instituto Ethos [donatário da IAF–Ed.], que demonstra como uma empresa deve realizar um projeto social. Freqüentemente as empresas têm boas intenções, mas não sabem onde começar. Muitos nos usam como exemplo de como trabalhar. Convidam-nos cada vez com maior freqüência para falar sobre nossos projetos e creio que isso é bom. Essa mudança de mentalidade não ocorre somente no Brasil, mas em todo o mundo; inclusive os Estados Unidos, com tudo o que se passa nesse país, estão começando a ter uma visão ecológica mais ampla do planeta. Precisamos estar conscientes de que dependemos uns dos outros e de que cada um de nós tem o direito de viver com dignidade. Na religião judaica, há outra frase. Não uma frase, mas um pensamento: se alguém está com fome neste mundo, todos nós somos responsáveis.

P Como o senhor encontra tempo para tudo o que faz?

R Creio que quanto mais se faz, mais tempo se encontra. E quando se ama algo, encontra-se tempo para fazê-lo. Quero ser uma boa pessoa no sentido social, um bom empresário, um bom marido, um bom pai — tenho duas filhas que são minha vida — e também desempenho um papel importante na comunidade judaica local. Há momentos em que a empresa me absorve, porque trabalhar neste país não é tão fácil. Em última análise, qual é o objetivo de uma empresa? Falando francamente, o objetivo é ganhar dinheiro e, na minha opinião, o pior mal da humanidade é buscar a riqueza material. Reconheço que às vezes o estresse pode ser acabrunhante, mas a vida é tão curta que temos de enchê-la com as coisas que nos dão prazer. Quando alguém pode trabalhar bem em um negócio e além disso dedicar-se a obras sociais — algo tão importante — enche a alma e é bom.

Capacidade para o desenvolvimento

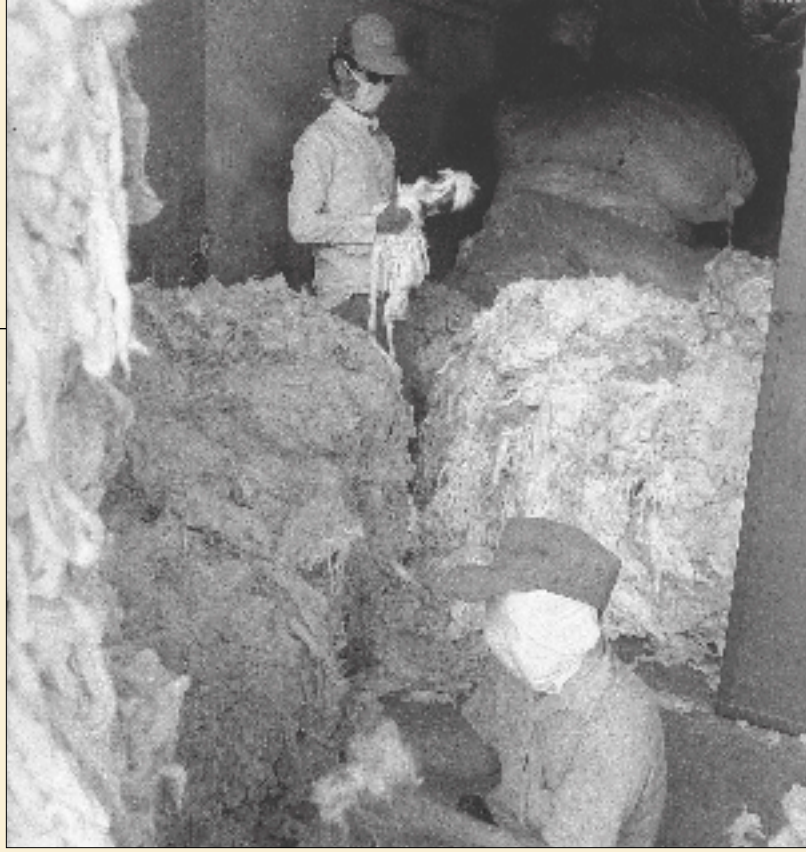
De Eduardo Rodríguez-Frías

O custo para a sociedade de excluir os portadores de deficiência é enorme. Uma sociedade não pode conseguir uma verdadeira democracia a menos que os portadores de deficiência participem plenamente de todos os aspectos da sociedade civil.

— Tom Harkin, Senador dos Estados Unidos.

Segundo o Banco Mundial, 500 milhões de pessoas no mundo inteiro podem ser consideradas portadoras de deficiência. Cerca de 80% delas vivem em países em via de desenvolvimento e dois terços vivem abaixo do nível de pobreza. A vulnerabilidade vincula a pobreza e a deficiência em uma relação causal. As pessoas de baixa renda têm maiores probabilidades de serem portadores de deficiência. Estão expostos às doenças, à má nutrição e à violência e geralmente não têm defesa contra elas; realizam as tarefas perigosas que outras pessoas se recusam a fazer; e vivem em condições anti-higiênicas e anti-sanitárias. Os portadores de deficiência são pobres porque comumente a eles se nega emprego e acesso aos serviços sociais, ao ensino e à vida comunitária.

Com freqüência os portadores de deficiência inspiram compaixão, são considerados defeituosos ou um ônus. Podem ser escondidos pela família, institucionalizados em condições deploráveis e esquecidos pelos organismos públicos e condenados a uma existência infrutífera pela sociedade. Às vezes, as leis impedem que os deficientes votem, sejam proprietários de imóveis, se casem e vivam plenamente a própria vida. A última lei estatal que apoiava a ideologia eugenicista só foi invalidada nos Estados Unidos em 1979; apenas algumas décadas antes, a política oficial da Alemanha nazista a respeito dos portadores de deficiência foi a causa de mais de 250.000 mortes e meio milhão de esterilizações. Mais de 50 anos mais tarde, os portadores de deficiência ainda lutam para serem aceitos. Nas últimas décadas, eles e as respectivas organizações de defesa de direitos se vêm unindo para fazer-se ouvir.



SEAN SPRAGUE

Membros da ACOPASANTAL selecionam materiais para colchões.

A deficiência e o desenvolvimento

Nos últimos dois anos, vivi e trabalhei com Oscar Ruiz, um amigo cujos movimentos e coordenação são limitados porque sofre de paralisia cerebral. Oscar e eu representamos a IAF em uma conferência do Banco Mundial sobre deficiência e desenvolvimento, realizada em 3 de dezembro de 2002, data declarada pelas Nações Unidas como o Dia Internacional das Pessoas Portadoras de Deficiência. Entre os destacados defensores das pessoas portadoras de deficiência que usaram da palavra figuravam James Wolfenson, Presidente do Banco Mundial; a Rainha Noor, da Jordânia, Presidente da Rede de Sobreviventes de Minas Antipessoal; e o Senador dos Estados Unidos Edward Kennedy. Eu já sabia que os milhões de dólares destinados ao alívio da pobreza mundial são canalizados para a infra-estrutura, escolas, transporte público, estabelecimentos sanitários e serviços que quase nunca são acessíveis aos portadores de deficiência. Minha experiência na conferência me levou a perguntar como eles são incluídos na assistência para o desenvolvimento, cuja meta é conseguir o empoderamento das pessoas desfavorecidas. De forma mais imediata, queria saber como figuram na carteira de doações da IAF. Enquanto persistir a exclusão, não será alcançado o objetivo, expresso na Cúpula do Milênio das Nações Unidas, de erradicar a extrema

pobreza e oferecer ensino primário universal até 2015.

Até agora, a minha busca de informações tem sido tanto frustrante como gratificante. Frustrante, porque os deficientes constituem uma minoria invisível neste Hemisfério. Simplesmente não há estatísticas confiáveis sobre a população deficiente da América Latina e do Caribe, onde há mais de 30 anos a Fundação Interamericana vem apoiando as iniciativas de desenvolvimento de base das pessoas marginalizadas e excluídas. No entanto, embora a Fundação não mantenha estatísticas sobre os portadores de deficiência atingidos por nossas doações, pude confirmar que eles se têm beneficiado do financiamento da IAF. Além disso, entre os donatários da IAF há organizações de pessoas portadoras de deficiência (OPD) dedicadas à prevenção, ensino, reabilitação e criação de oportunidades de emprego para seus beneficiários. As doações da IAF são pequenas e seu enfoque é local; não podem mudar o mundo para os portadores de deficiência. No entanto demonstram que as OPD, julgadas com os mesmos critérios que os demais solicitantes, podem competir com êxito para receber financiamento para o desenvolvimento. Mais importante ainda, oferecem exemplos excelentes da maneira como os deficientes podem trabalhar para conseguir uma vida melhor.

Algumas das mais recentes OPD donatárias da IAF estão em El Salvador, país que visitei em abril de 2003. A visibilidade do número elevado de vítimas, tanto militares como civis, dos 12 anos de uma guerra civil cruel tem aumentado a conscientização do público para a difícil situação em que se encontra a crescente população de portadores de deficiência do país. Apenas dois anos antes da minha visita tinham sido promulgadas leis inovadoras para proteger os direitos básicos deste setor da sociedade. Entre elas destaca-se o estabelecimento de cotas obrigatórias para a contratação de pessoal, embora somente 35% das empresas salvadorenhas tenham cumprido essa norma até 2003. Além disso, durante eleições recentes, as autoridades ficaram desconcertadas ao perceberem que não tinham derrogado uma lei que impedia os portadores de certas deficiências de exercerem cargos públicos. Na época da minha visita, a carteira de doações da IAF para El Salvador não incluía donatários ativos que estivessem trabalhando com portadores de deficiência. Por isso, entrei em contato com ex-donatários para compartilharem suas experiências e me ajudarem a entender o papel da IAF no empoderamento destes indivíduos.

As maravilhas do tato!

De 1990 a 2001, a IAF investiu US$101.100 na Asociación Cooperativa de Producción Artesanal Santa Lucía R.L (ACOPASANTAL). Esta cooperativa, de propriedade e direção de trabalhadores cegos de San Salvador desde 1977, surgiu de um programa de treinamento mais antigo ainda da Escuela de Ciegos de El Salvador que, em 1945, com apenas dois trabalhadores e um capital de giro de US$22, estabeleceu a primeira oficina para a produção de colchões de algodão por trabalhadores cegos. Graças às doações iniciais de matéria-prima por parte de empresas salvadorenhas e às instalações de produção, escritório e depósito fornecidas pela Sociedad para la Protección de los Ciegos, a empresa prosperou. Em 1989, a cooperativa contava com 20 membros e tinha US$140.000 em imóveis e equipamento, além de US$37.000 em dinheiro líquido. Seu lema, As maravilhas do tato, transmite diversos significados, referindo-se à compensação da ausência da visão por meio de uma intensificação do sentido do tato, à qualidade dos produtos da cooperativa e ao espírito de realização dos membros.

Ao contrário da maioria das oficinas para portadores de deficiência, que costumam ser dirigidas por indivíduos não-deficientes e subvencionadas pelo governo, a propriedade e a direção da ACOPASANTAL está totalmente nas mãos de seus membros cegos, os quais, além disso, constituem o seu quadro de pessoal, exceto uma secretária. Esta característica da administração e estrutura da cooperativa deveria de ter confirmado a extraordinária capacidade destes trabalhadores, mas os estigmas e estereótipos demonstraram serem difíceis de erradicar. Nos primeiros 13 anos após seu estabelecimento, a ACOPASANTAL não pôde atender às condições necessárias para obter crédito, precisamente por ser de propriedade e estar sob a direção de indivíduos portadores de deficiência. Sobreviveu graças ao reinvestimento de capital e contribuições dos membros. Em 1990 a ACOPASANTAL recebeu uma doação da IAF para melhorar a qualidade de vida de seus trabalhadores e de seus 44 dependentes, diversificar a linha de produtos, aumentar o número de membros e duplicar a produção e lucros. Devido às dificuldades imprevistas, as prorrogações do período da doação estenderam o projeto de três anos a uma parceria de 11 anos caracterizando o compromisso da IAF mais pela duração do que pela intensidade.

O desenvolvimento, um processo lento nas melhores circunstâncias, foi ainda mais lento para a

ACOPASANTAL e nem sempre devido à cegueira de seus membros. Em primeiro lugar, foi difícil para o donatário conseguir do Governo salvadorenho as autorizações de construção exigidas. Além disso, as condições das ruas e do transporte público eram tais que se tornava muito difícil para os trabalhadores chegar ao novo estabelecimento. Além disso, o fim da guerra civil trouxe consigo a liberalização do processo de aquisições públicas e a ACOPASANTAL perdeu uma licitação de seu melhor cliente, as forças armadas salvadorenhas que durante muitos anos tinham comprado 70% de seus colchões. A dolarização da economia e a reorientação dos fornecedores guatemaltecos de tecidos aos mercados europeus tornaram ainda mais difícil a obtenção da matéria-prima. Os terremotos de 2001 prejudicaram alguns dos edifícios da cooperativa. Até mesmo foi difícil aumentar o número de membros da ACOPASANTAL. Os membros novos, acostumados à existência marginal dos cegos, muitas vezes careciam da fortaleza psicológica necessária para assumir o controle da própria vida e renunciavam.

Todos estes fatores puseram em perigo o objetivo de aumentar a produção e os lucros, mas a ACOPASANTAL conseguiu oferecer sustento a seus membros e respectivas famílias. A doação da IAF, investida na diversificação e expansão, permitiu que a cooperativa fizesse frente à globalização da economia salvadorenha, enquanto outras empresas locais fracassavam. A fim de fortalecer a rentabilidade deprimida, mudou a produção para colchões de espuma, colchas, toalhas de mesa, móveis, tapeçaria e artigos de couro e vinil. A compra de colchões por parte das entidades que prestaram assistência após os terremotos de 2001 também impulsionou as vendas, possibilitando a ACOPASANTAL pagar 80% da dívida acumulada durante seus anos mais difíceis. No período da doação, a ACOPASANTAL aumentou sua participação na comunidade, formando parceria com a Habitat International para construir casas para seus membros e também para pessoas de visão normal.

Estas iniciativas, tanto comerciais como sociais, continuam. José Crisanto, gerente da ACOPASANTAL, observou com ironia e humor que a ACOPASANTAL precisa encontrar maneiras de aumentar os lucros sem que haja uma crise nacional, fazendo referência ao aumento das vendas da cooperativa durante a guerra civil e após os terremotos de 2001. Crisanto, que perdeu a vista muito jovem devido a uma infecção que não teria causado dano permanente se tivesse tido acesso a serviços médicos adequados, entende bem a relação existente entre a pobreza e a deficiência. Os membros da cooperativa agora querem diversificar suas atividades para incluir uma padaria e Crisanto está buscando uma doação ou empréstimo de juros baixos. Uma inquietação típica expressa pelos representantes dos organismos doadores é como a cooperativa poderá atender aos requisitos de apresentação de relatórios sem acesso a correio eletrônico. Para as pessoas de visão normal, o problema se resolveria facilmente mediante uma pequena compra. Mas, embora dois membros da cooperativa saibam usar computador, o software para cegos é demasiado caro para o grupo.

Sem se deixar desanimar, a ACOPASANTAL, juntamente com cinco instituições adicionais, está mobilizando ativamente uma rede que permite às organizações salvadorenhas de cegos intercambiar experiências e recursos e trabalhar em conjunto para conseguir uma melhor qualidade de vida. Durante minha visita, a oficina da ACOPASANTAL estava sendo pintada. Os amigos e vizinhos comunicaram aos membros que a oficina precisava de uma nova pintura, uma medida de manutenção que, como empresários, consideravam essencial para conseguir uma atmosfera que favorecesse os negócios. Embora a ACOPASANTAL não tenha conseguido duplicar sua produção e margem de lucros, dois objetivos de sua proposta à IAF, o fato de ter podido continuar adiante após a perda imprevista de seu melhor cliente talvez seja uma realização significativa. Decididamente a ACOPASANTAL foi sem dúvida bem-sucedida no que diz respeito a oferecer a 20 salvadorenhos cegos uma alternativa à tutela, esmolas e dependência de parentes ou do Estado e lhes ter permitido viver com dignidade e manter a família durante épocas difíceis. Apesar dos desafios que enfrenta, a cooperativa continua seu trabalho graças às maravilhas do tato.

Campos de minas no desenvolvimento

Enquanto houver terra inútil [devido às minas antipessoal] e, o que é mais importante ainda, enquanto houver pessoas consideradas inúteis, não poderá haver recuperação, desenvolvimento e paz. — Rainha Noor, da Jordânia

Segundo a Rede de Sobreviventes de Minas Antipessoal, cada 22 minutos alguém pisa em uma mina antipessoal. Oitenta por cento destas vítimas são civis: homens, mulheres e crianças. Eleva-se a dezenas de milhares o número de salvadorenhos lesionados, mutilados, marcados com cicatrizes ou tornados portadores de deficiência em conseqüência de minas antipessoal

e outros instrumentos de guerra. A Promotora de la Organización de Discapacitados de El Salvador (PODES) foi criada em 1985. Depois dos acordos de paz de 1992, a PODES obteve personalidade jurídica como associação de portadores de deficiência de ambos os lados da guerra civil salvadorenha. A PODES foi fiel a seu nome e à sua filosofia de empoderar os portadores de deficiência, reabilitá-los e incorporá-los na vida diária.

De 1994 a 1998 a PODES recebeu US$115.700 da IAF, montante que lhe possibilitou transformar-se em um sistema nacional a serviço de toda a população de amputados salvadorenhos por meio de oficinas regionais e uma unidade móvel para fornecer, colocar, manter e reparar prótese e peças de reposição. Além disso, a PODES capacitou portadores de deficiência para trabalhar em suas oficinas como técnicos e especialistas em prótese. Em 1998, a PODES contava com cerca de 950 clientes, quase o dobro dos 500 beneficiários previstos em 1994. Quatro anos depois do término do período da doação, outras 850 pessoas se tinham beneficiado. Dos 16 empregados portadores de deficiência da PODES, seis trabalham em sua oficina de prótese de San Salvador.

Estes técnicos dedicados têm inventado métodos engenhosos para criar prótese com metais e madeiras nativas. Em 1996 a PODES foi classificada pelo Fundo Mundial de Reabilitação como o melhor fabricante de dispositivos ortopédicos de El Salvador. Embora não sejam tão naturais como as próteses importadas que imitam, os "dispositivos nativos" da PODES têm a mesma funcionalidade e custam muito menos. Uma prótese importada geralmente dura uns cinco anos, mas a maioria dos clientes da PODES realizam trabalho físico intenso na indústria e a agricultura e podem necessitar uma prótese nova cada dois ou três anos. As "prótese nativas" têm demonstrado ser mais resistentes nestas duras condições de trabalho, dizem com orgulho os técnicos da PODES. Embora nas próteses nativas os dedos das mãos e dos pés e os calcanhares não sejam bem definidos, eu não pude distinguir que empregados da oficina eram amputados. As próteses que eles mesmos tinham criado estavam cobertas pelos sapatos, pelas pernas das calças ou pelas mangas da camisa e somente ao mancar revelavam as lesões que tinham superado.

Os inúmeros êxitos da PODES incluem sua negociação bem-sucedida de um acordo entre os Ministérios da Saúde e da Educação de El Salvador para criar a carreira universitária de técnico ortopédico. Dois membros da PODES receberam treinamento de nível universitário. Outro esforço de coordenação deu lugar a uma colaboração entre os Ministérios da Saúde, da Educação e da Previdência Social, com a finalidade de destinar espaço nestes órgãos para os serviços da PODES. A organização também participou ativamente da aprovação de uma lei destinada a proteger os direitos dos ex-combatentes portadores de deficiência. Uma excelente reputação possibilitou à PODES acesso aos recursos da MEDICO International, Vietnam Veterans of America, Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ), entidade de desenvolvimento do governo alemão, e outros doadores.

No entanto, a PODES enfrenta muitos obstáculos. O enfoque na prestação de serviços significa que a instituição depende em grande parte de doações e a possibilidade sempre ameaçadora de surgir o fenômeno de fadiga dos doadores tem provocado estratégias de financiamento e redução de despesas. A fabricação de "prótese nativas" e a redução de seu dependência de artigos importados — de cerca de 90% de seus componentes de produção ao começar o financiamento proporcionado pela IAF aos 40% atuais — aproximaram a PODES um pouco mais da sustentabilidade. A PODES foi convidada por associações nicaragüenses de ex-combatentes portadores de deficiência para demonstrar este modelo de redução de custos. A organização estabeleceu uma escala móvel de pagamentos e conseguiu subsídios governamentais do Fondo para la Protección de Lisiados e de outras fontes de recursos, de modo que os amputados de baixa renda possam comprar suas próteses. Porém talvez o desafio maior para a PODES seja a própria clientela. Muitos não têm feito todos os pagamentos devido à percepção de que a deficiência, a pobreza e a condição de ex-combatente lhes dá direito de receber caridade. A organização lançou uma campanha de conscientização para ressaltar a importância das contribuições de seus beneficiários para a sustentabilidade do programa. Com o seu apoio, a PODES pode continuar ajudando El Salvador a recuperar-se da guerra.

As vozes dos deficientes

Atender às necessidades das pessoas portadoras de deficiência é um elemento importante do esforço de redução da pobreza. Tirar os deficientes das margens e vielas da sociedade e empoderá-los para que possam prosperar no agitado centro da vida nacional contribuirão significativamente para melhorar a vida de muitos entre os mais pobres do mundo.
— James Wolfenson

Os dois projetos salvadorenhos descritos são fortes argumentos em favor de apoiar os esforços dos deficientes em prol dos deficientes. No entanto, a integração na sociedade e na economia também deve ser uma prioridade. Normalmente os donatários da IAF incluem portadores de deficiência em suas atividades. Dados as condições socioeconômicas da população beneficiária e o espírito inclusivo que distingue os donatários da IAF, esta participação é considerada uma premissa. No entanto, no passado, só dados anedóticos confirmavam sua inclusão em projetos não especificamente destinados aos portadores de deficiência. Um estudo detalhado de várias doações da IAF em El Salvador testou essa suposição e produziu alguns bons exemplos de inclusão:

REDES

A Fundación Salvadoreña para la Reconstrucción y el Desarrollo (REDES) é uma organização de apoio ao desenvolvimento de base que proporciona treinamento e assistência técnica em comercialização e administração de empresas. Em 2001, a REDES recebeu uma doação de US$345.987 da IAF para seu Mercado sobre Rodas no município de Mexicanos de San Salvador, onde o mercado opera em diversos bairros, melhorando as vendas dos comerciantes de rua. Atualmente, os 46 beneficiários diretos da REDES incluem dois indivíduos portadores de deficiência que recebem treinamento e crédito para o desenvolvimento empresarial e quatro ex-combatentes deficientes que fazem parte do quadro de pessoal da REDES. Além disso, 10 indivíduos portadores de deficiência recebem apoio de outros projetos da REDES. Após um recente workshop para donatários da IAF, a REDES também começou negociações com a ACOPASANTAL para comprar e distribuir seus produtos no mercado. Se tiver êxito, esse posto de vendas proporcionará aos membros cegos da ACOPASANTAL uma fonte adicional de renda.

ADEMISS

A Agencia de Desarrollo Micro-Regional para los Municipios de Ilopango, Soyapango y San Martín (ADEMISS) é uma agência regional de desenvolvimento de base que promove e apóia o desenvolvimento local na micro-região constituída pelos municípios de Ilopango, Soiapango e San Martín. Em 2001, a ADEMISS recebeu US$275.600 da IAF para organizar cinco comunidades ao redor do lago Ilopango em cooperativas de pesca, criar a infra-estrutura necessária para a criação de peixes em alçapões flutuantes e oferecer aos pescadores assistência técnica em matéria de produção e comercialização.

Em San Antonio, uma comunidade beneficiária deste projeto, Nelson Peña, um jovem com deficiência motriz, recebeu crédito e treinamento e cuida dos alçapões de peixes do projeto. Sua mãe também é beneficiária. Nelson não só trabalha arduamente para o projeto, mas também ajuda seu pai nas tarefas do campo e do lar. Em abril de 2003, San Antonio já tinha superado seus vizinhos, fazendo flutuar um sexto alçapão, quando a proposta original estipulava apenas cinco. Obviamente, o colega portador de deficiência não prejudicou o progresso. Considerando a participação de Peña, os representantes da ADEMISS observaram que ele talvez fosse o único pescador portador de deficiência das comunidades beneficiárias. No entanto, pensam investigar mais a fundo o tema para que ninguém seja excluído.

Seguindo adiante

Os portadores de deficiência têm direito a que suas necessidades especiais sejam levadas em consideração em todas as etapas do planejamento econômico e social. — Nações Unidas, Declaração dos Direitos dos Portadores de Deficiência

As experiências comunicadas por aqueles que participaram da Conferência do Banco Mundial sobre a Deficiência e o Desenvolvimento despertaram meu interesse em examinar também o histórico da IAF em matéria de deficiência. Embora a trajetória tenha sido modesta, está repleta de exemplos replicáveis demonstrando que as pessoas portadoras de deficiência podem assumir a responsabilidade pelas próprias atividades de desenvolvimento. Após a conferência, eu fui um dos representantes da IAF que participaram da reunião da Segunda Comissão Ad Hoc sobre Deficiência das Nações Unidas, descrita no box deste artigo. A conferência ofereceu-nos a oportunidade de conhecer ativistas de todo o Hemisfério defensores dos interesses dos portadores de deficiência, de manifestar nossa solidariedade com seus objetivos de auto-ajuda e de incentivá-los a solicitar doações. Tendo estudado o passado, podemos agora seguir adiante e continuar a atender às iniciativas dos deficientes para mudar a própria vida, em vez de guiá-la.

Eduardo Rodríguez-Frías é Assistente de Programas da IAF.

Uma comissão das Nações Unidas promove os direitos dos deficientes

A Segunda Comissão Ad Hoc sobre Deficiência reuniu-se de 16 a 27 de junho de 2003 na sede das Nações Unidas em Nova Iorque para abordar o tema de uma futura convenção internacional sobre os direitos dos portadores de deficiência, uma recomendação inicialmente proposta em 1987 pela Reunião Mundial de Peritos para Estudar a Implementação do Programa de Ação Mundial em Prol dos Portadores de Deficiência. Como resultado, um consenso respaldado por muitas ONGs e Estados membros e pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, apóia uma convenção.

Em teoria, as leis internacionais sobre direitos humanos e a Carta das Nações Unidas estendem a proteção às pessoas portadoras de deficiência. Na maioria das convenções das Nações Unidas se faz referência indireta aos direitos das pessoas portadoras de deficiência, embora somente se utilize uma linguagem mais explícita na Convenção sobre os Direitos da Criança. No entanto, os portadores de deficiência de todo o mundo continuam sendo vítimas de forma desproporcional, devido às suas deficiências, de atrocidades como a má nutrição, esterilização forçada, internação involuntária e exploração sexual, sendo-lhes negadas com freqüência oportunidades de educação, serviços públicos básicos e direito de voto. Esta realidade motivou muitos dedicados à solução dos problemas dos portadores de deficiência a propor uma conferência capaz de, nas palavras de Jan Kavan, Presidente da 57a Sessão da Assembléia Geral das Nações Unidas, "assegurar que os deficientes não sejam tratados como problemas a serem resolvidos, mas como agentes humanos com direito a participar plenamente, em pé de igualdade, em todas as esferas da vida social e do desenvolvimento".

Ao contrário da Comissão Ad Hoc anterior, que contava com a representação de apenas 40 países, a maioria dos Estados membros das Nações Unidas participou da reunião da Comissão, convocada em junho, e mais de 20 das delegações assistentes incluíam um portador de deficiência. Representantes das ONGs do mundo inteiro expressaram suas opiniões. As delegações da Comunidade Européia e do México tomaram a iniciativa em apoio à convenção. Enquanto a Comunidade Européia queria basear a convenção nas recomendações de um estudo futuro, os mexicanos consideraram adequados os estudos já realizados e que seria uma perda de tempo e dinheiro realizar estudos adicionais.

Após duas semanas muito intensas, foi aprovada uma resolução mediante a qual foi estabelecida uma Terceira Comissão Ad Hoc para elaborar a agenda da Primeira Conferência Internacional dos Direitos Humanos dos Portadores de Deficiência. A resolução também estabeleceu a criação de uma Comissão Especial para formar um Grupo de Trabalho constituído por representantes de 27 países e 12 ONGs de diversas regiões, encarregada da preparação de uma versão preliminar a ser submetida à consideração da Comissão Ad Hoc. O Congresso Internacional dos Direitos Humanos dos Portadores de Deficiência deverá representar um avanço importante para a comunidade de portadores de deficiência e seus defensores. Uma vez aprovada uma convenção pela Assembléia Geral das Nações Unidas, todo Estado membro está obrigado, ao menos teoricamente, a implementá-la. No entanto, é difícil prever o cronograma. Antes de se chegar a um acordo, é preciso resolver questões críticas: definição de deficiência, programas que estariam à disposição dos portadores de deficiência e grau de flexibilidade permitido, especialmente nos países em desenvolvimento, onde vive maioria dos deficientes.

Resta um longo caminho a recorrer, mas a Comissão Ad Hoc de 2003 representou um grande passo à frente para os portadores de deficiência. Tanto a resolução aprovada como a ampla representação indicam um compromisso mais firme com seus direitos e sua dignidade. — *Oscar Ruiz, Assistente de Programas da IAF*

Mais capacidade

Além dos projetos descritos na seção "Capacidade para o desenvolvimento", outros projetos apoiados pela IAF se têm dedicado à prevenção ou permitiram que os portadores de deficiência participem ativamente dos esforços de auto-ajuda.

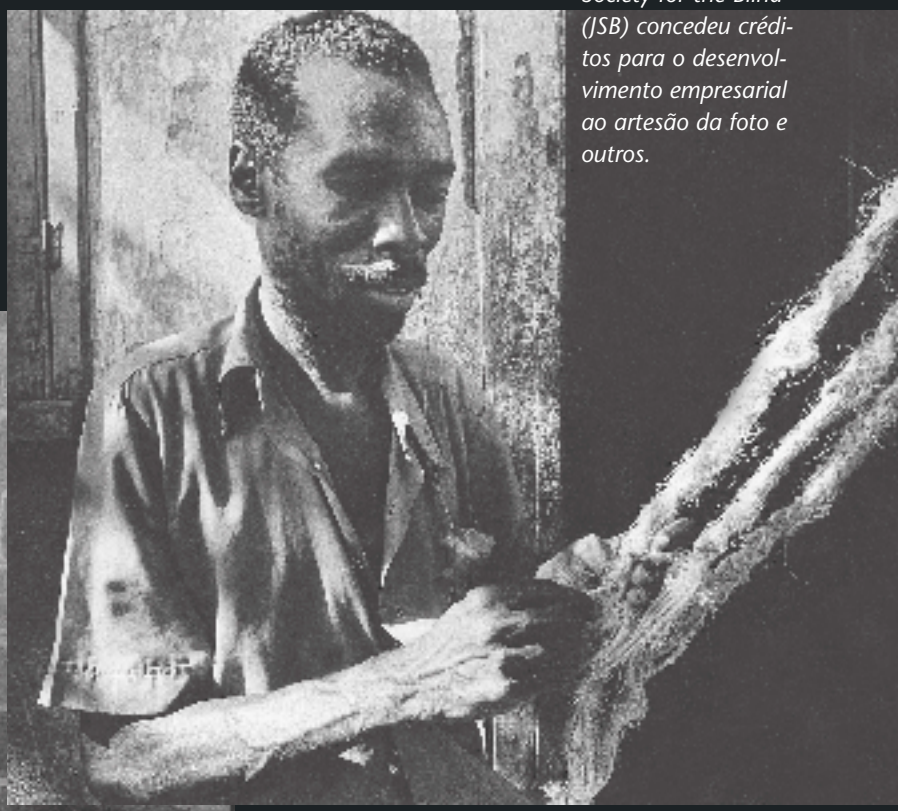
MIGUEL SAYAGO

Alfredo Torro, Diretor do Projeto, dirige uma reunião da Fundación de Sordos Adultos "Fray Luis Ponce de León" (FSA), que utilizou uma doação de US$69.300 recebida da IAF em 1983 para codificar a língua de sinais do Equador, realizar campanhas de conscientização e criar programas de treinamento para seus membros.

FAITH MITCHELL

Uma doação de US$117.704 por três anos para o Eye Care Haiti Ophthalmic Assistant Program (ECHOAP) em 1981 ajudou a treinar auxiliares médicos rurais especializados em oftalmologia para identificar, tratar e prevenir as doenças dos olhos na zona rural do Haiti, onde algumas das principais causas de cegueira são a conjuntivite, o glaucoma e as cataratas provocados pela falta de tratamento. Recomendou-se aos pais e avós que recebem cuidados oftalmológicos a levarem as crianças consigo ao consultório para fazerem exame da vista.

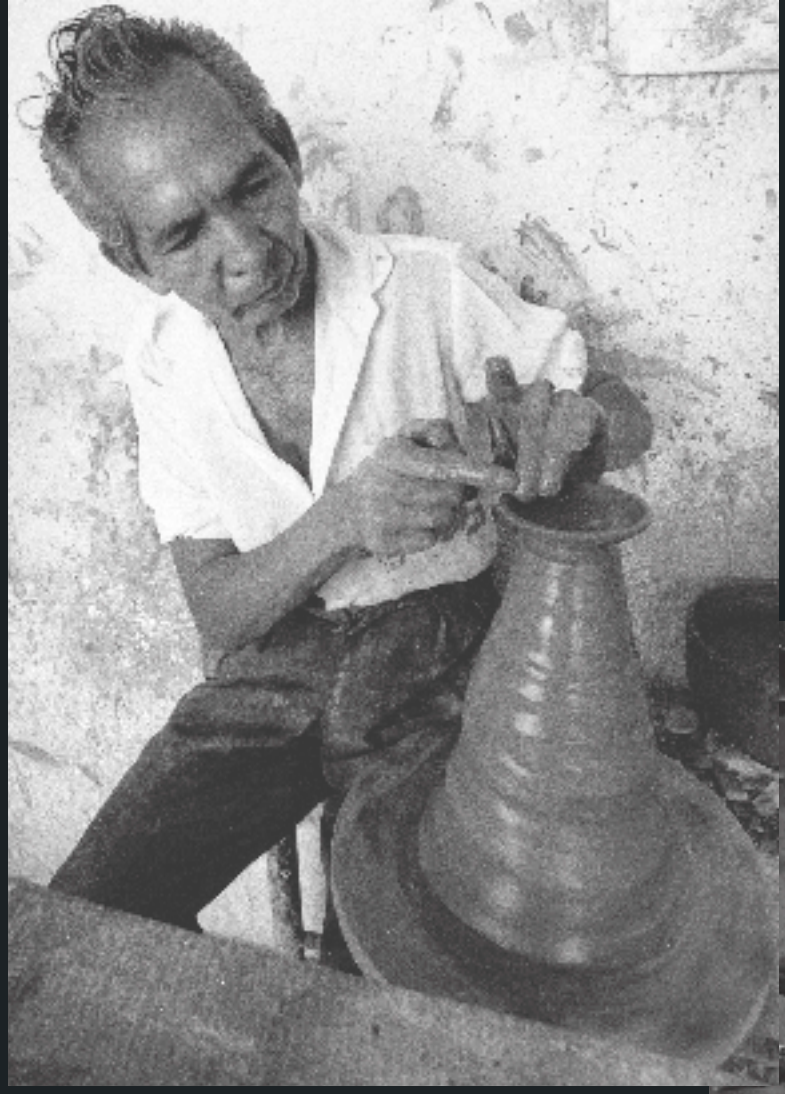
Com uma doação de US$15.000 por dois anos, concedida em 1981, a Jamaica Society for the Blind (JSB) concedeu créditos para o desenvolvimento empresarial ao artesão da foto e outros.



MITCHELL DENBURG

SEAN SPRAGUE

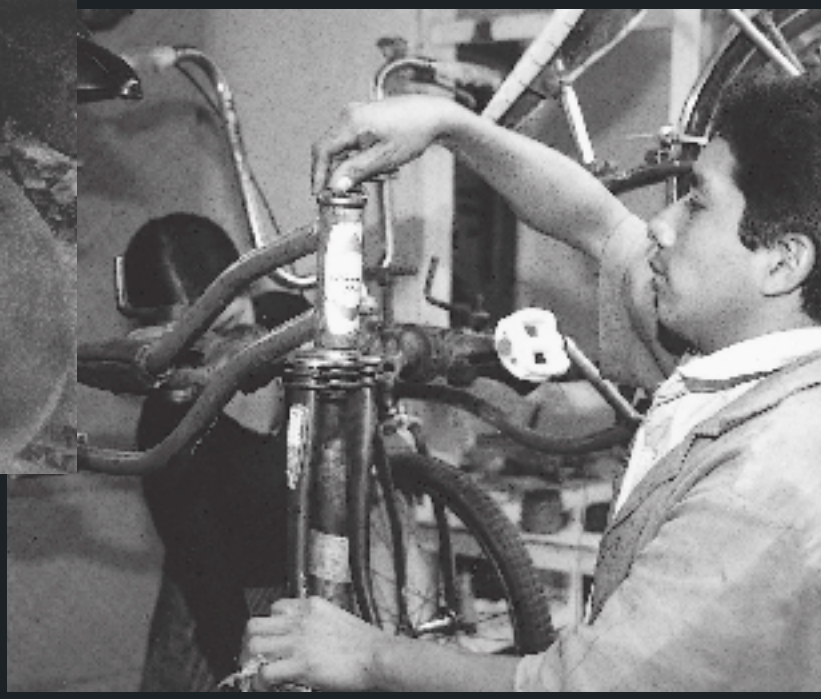
Em 1987, a Asociación Pro-Hogar Permanente de Parálisis Cerebral (APC) recebeu uma doação de US$241.310 por cinco anos para criar um estabelecimento que emprega 45 indivíduos e oferece treinamento profissional a outros 70. Naquela época, a APC era o único estabelecimento para viver de forma independente para pessoas com paralisia de El Salvador.



SEAN SPRAGUE

Uma doação de US$61.080 por três anos, concedida à Asociación Cooperativa de Grupo Independiente Pro Rehabilitación Integral (ACOGIPRI), apoiou a ampliação da Shicali Cerámica, uma oficina de San Salvador que emprega salvadorenhos portadores de deficiência e exporta artigos de cerâmica para os Estados Unidos.

PATRICK BRESLIN



Uma oficina estabelecida pelo Centro Salvadoreño de Tecnología Apropiada (CESTA) com uma doação de US$316.980 da IAF, desembolsada de 1988 a 1992, emprega salvadorenhos portadores de deficiência no conserto e montagem de bicicletas.

MIGUEL SAYAGO

Em 1989, a Fundación Granja Taller de Asistencia Colombiana (FUNGRATA) recebeu US$182.850 da IAF para ajudar a recuperação de doentes mentais em Bogotá. A FUNGRATA oferece um ambiente terapêutico e de apoio e emprega muitos dos clientes em sua lavanderia, padaria e outros locais. Para participar do programa, os indivíduos interessados devem ser diagnosticados por um médico e demonstrar que são sem-teto ou indigentes e que estão dispostos a participar. Ao contrário das instituições estatais, o tratamento na FUNGRATA não é obrigatório e os pacientes podem sair quando quiserem.

Muito antes que a profissão do desenvolvimento tomasse consciência do volume de dinheiro líquido enviado pelos migrantes às respectivas comunidades de origem, Sandra Nichols percebeu um fluxo de idéias e equipamento na comunidade rural mexicana em que vivia e decidiu explorá-lo. Nichols, que descreve a si mesma como "antropóloga bastante intrometida", tem doutorado em geografia e atualmente é analista de pesquisas do Instituto de Estudos Rurais da Califórnia. Iniciou sua indagação "conversando e fazendo perguntas" e em breve descobriu um padrão de atividades com importantes repercussões para a agricultura sustentável.

Como parte do empenho da IAF em conhecer mais a fundo o desenvolvimento da comunidade transnacional, nosso grupo de trabalho sobre transnacionalismo convidou Nichols a visitar nossos escritórios em Arlington, Virgínia, EUA, para nos informar sobre suas pesquisas realmente originais sobre transferências de tecnologia agrícola a pequenas instalações agrícolas mexicanas a partir de pomares e vinhedos da Califórnia por meio de agricultores que vivem em ambos os lados da fronteira. Depois da sessão, pedimos-lhe que publicasse as conclusões que tinha apresentado originalmente no Quarto Congresso da Associação Mexicana de Estudos Rurais, realizado em Morelia, Michoacán, México, de 20 a 23 de junho de 2003. Este terceiro artigo de nossa série Fóruns é o primeiro a examinar remessas não-monetárias. Acolheremos com satisfação a apresentação de temas conexos para consideração em futuros números de *Desenvolvimento de Base*.

Transferência de tecnologia por meio da migração mexicana

De Sandra Nichols *Todas as fotos: Sandra Nichols*

Os avanços tecnológicos atravessam a fronteira com os trabalhadores agrícolas que regressam às comunidades de origem

Segundo estimativas do Banco Interamericano de Desenvolvimento, os migrantes mexicanos que trabalham nos Estados Unidos enviaram às respectivas comunidades de origem mais de US$10,5 bilhões em 2002, o que representa uma das maiores fontes de divisas do México. Prevê-se que em 2003 essa cifra se eleve a US$14,5 bilhões. A magnitude deste fluxo monetário — inferior à receita produzida pelo petróleo e investimento estrangeiro direto, mas rivalizado com as receitas provenientes do turismo e exportação de manufaturas — despertou o interesse e promoveu o debate entre economistas, acadêmicos, políticos e responsáveis pela política sobre o papel desempenhado por essas remessas, a eficiência das transferências e seu potencial multiplicador do desenvolvimento.

Entretanto, o enfoque nas remessas monetárias significou que, muitas vezes, se deixa de levar em consideração outros tipos de fluxos de retorno. Este artigo define as remessas de forma a incluir também as correntes não-monetárias, especificamente a transferência de novas idéias e tecnologias e examina o impacto das transferências de tecnologia impulsionadas pelos trabalhadores migrantes da Califórnia para o estado mexicano de Zacatecas desde o início da década de 1950 a 2002. Uma atenção mais minuciosa nestas transferências e em seus efeitos pode revelar oportunidades para fortalecer o desenvolvimento impulsionado pelos migrantes, ressaltando ao mesmo tempo, no caso da tecnologia agrícola, a necessidade de assegurar que seja racional do ponto de vista do meio ambiente e da sustentabilidade econômica.

O Vale de Jerez

O Vale de Jerez de Zacatecas está situado na Serra Madre Ocidental e seus riachos e rios correm na direção oeste e desembocam no Oceano Pacífico. Sua localização elevada no interior (a 2.000 metros acima do nível do mar) e a topografia que estes atravessam produzem um clima semi-árido; a pluviosidade anual oscila de 316 mm. a 864 mm. e concentra-se entre junho e outubro. A maior parte da agricultura depende das chuvas e menos de 20% da terra arável é irrigada. Até a década de 1970, a agricultura era principalmente de natureza familiar, tanto para subsistência como para venda no mercado. O milho e o feijão no verão e o trigo e forragem no inverno eram complementados por frutas, legumes, carne, leite e ovos. Nas décadas de 1980 e 1990, esta diversidade tradicional foi substituída por uma monocultura: fruta de alto valor, que os agricultores esperavam pusesse fim à dependência do emprego não-agrário.

Os baixos preços dos produtos agrícolas, uma pluviosidade errática e uma seca periódica transformaram o emprego não-agrário em uma característica da vida agrícola nesta região pelo menos desde o século XIX. Inicialmente, os homens deixavam seus campos para trabalhar nas minas, nas estradas de ferro e nas fazendas; migrantes mais recentes optam pelo trabalho sazonal em propriedades agrícolas nos Estados Unidos. O mecanismo que pôs em movimento este processo transfronteiriço foi uma série de convênios trabalhistas formais, conhecidos popularmente como o Programa de Braceros entre os governos dos Estados Unidos e do México de 1942 a 1964. Com o tempo, os migrantes de Jerez, familiarizados com os mercados trabalhistas dos Estados Unidos, abriram o caminho a familiares, amigos e vizinhos, estimulando a corrente transnacional de pessoas e dinheiro, bem como de bens, idéias e tecnologias. Na década de 1980, o município de Jerez tinha uma das taxas mais altas de emigração do México e muitos povoados se identificaram com as populações e cidades dos Estados Unidos em que se tinham assentado os migrantes. Embora alguns migrantes tenham decidido residir nos Estados Unidos, outros continuaram esse percurso circular, mantendo domicílio em Jerez e subvencionando e modernizando suas propriedades agrícolas com dinheiro, idéias e inovações trazidos dos Estados Unidos.

A febre do pêssego

Na década de 1970, à medida que se acentuava a emigração, sistemas de pequenas explorações agrícolas começaram a mudar para a produção comercial do pêssego. Na década de 1980, um número crescente de pequenos agricultores substituíram seus cultivos de milho e feijão por pomares, financiando muitas vezes o investimento com a renda recebida nos Estados Unidos. No decorrer de alguns anos, ocorreu o surto do pêssego. Embora Jerez não tivesse praticamente pomares comerciais na década de 1950, em 1978 cerca de 1.800 hectares tinham sido plantados com pessegueiros; 15 anos depois, esta superfície tinha aumentado seis vezes cobrindo uma extensão de 13.000 hectares. Esta expansão ficou conhecida localmente como a "febre do pêssego". Em menos de duas décadas, o pêssego tinha transformado o panorama agrícola do vale e era responsável pela metade do valor de toda a produção agrícola do município. Por quê?

O louco Valdez

Atribui-se comumente a Jesús Saldívar Valdez ter sido o primeiro agricultor a plantar pêssego em escala comercial no município. Valdez tinha trabalhado na Califórnia em várias ocasiões e, segundo uma versão dos fatos, voltou com mudas de pêssego e com o conhecimento de como cultivá-lo. O próprio Valdez narra uma história diferente e mais matizada de engenhosidade, disposição de correr riscos e perseverança. Em primeiro lugar, declara que nunca trabalhou nos pomares de pêssego da Califórnia nem levou à sua comunidade de origem as mudas dessa árvore frutífera, nem sequer o conhecimento do cultivo de pêssego.

Abaixo e na página oposta, pomar de pessegueiros em produção, Jerez 1999.

Os missionários espanhóis tinham trazido os primeiros pêssegos (*prunus persica*) ao Novo Mundo onde o cultivo se limitava às fazendas e missões devido à grande dificuldade de produzir esta fruta muito apreciada. Jerez tornou-se famosa pelo pêssego pequeno, de polpa firme e grande doçura, conhecido como criollo. Os agricultores produziram quantidades moderadas desta fruta na década de 1890, mas a Revolução Mexicana de 1910-1920 e o programa de reforma agrária que lhe seguiu perturbaram a agricultura e a recuperação foi lenta. Na década de 1950, muitas famílias tinham poucos pessegueiros adjacentes a seus campos ou intercalados com outras árvores nos jardins da família. Alguns agricultores com mais árvores vendiam o excedente a compradores de Cidade do México.

O que Jesús Valdez trouxe a Jerez foi a chave para transformar os pêssegos criollos em um cultivo rentável. No início da década de 1950, Valdez decidiu plantar o número inédito de 1.500 mudas. Por isso foi tão ridicularizado que se viu obrigado a transportar suas mudas do viveiro para seu pomar no lombo de burro na escuridão da noite. Apesar destas tentativas de manter secreta sua operação, seus vizinhos o apelidaram de "o louco Valdez" e nos primeiros oito anos parecia realmente ter-se dedicado a uma empresa quixotesca, uma vez que as geadas da primavera destruíam os rebentos e seus pessegueiros não chegavam a produzir uma única colheita. Valdez viajava à Califórnia onde ganhava o suficiente para sustentar a família e pagar a dívida contraída no cultivo de pessegueiros. Trabalhando em campos de cítricos, observou algo que acreditou ser a solução de seu problema: esquentadores. Se os agricultores norte-americanos podiam proteger seus laranjais e limoeiros da geada esquentando o ar, raciocinou ele, isso também podia dar resultado com os pessegueiros em seu país. Utilizando latas descartadas de dois litros, improvisou pequenos esquentadores com óleo de motor usado como combustível. Quando a geada ameaçava seu pomar, seus filhos e trabalhadores contratados o ajudavam a manter acesos durante toda a noite os esquentadores improvisados. Após dois anos, acertou e produziu uma colheita. Os comerciantes de frutas da zona que vinham comprar maçã ficaram encantados em comprar sua colheita de pêssegos; e, com os lucros obtidos, Valdez pagou todas as suas dívidas e comprou um caminhão. Com os lucros do ano seguinte, adquiriu um caminhão ainda maior e um trator e construiu uma nova casa. Isto ocorreu no início da década de 1960 e seus vizinhos ficaram tão impressionados que começaram a chamá-lo de Don Jesús.

Auge do mercado de pêssego

Muitos dos mesmos vizinhos que tinham ridicularizado Valdez começaram rapidamente a recolher todos os pêssegos descartados que podiam encontrar e a plantar o caroço da fruta. Valdez comprou várias centenas de esquentadores usados dos Estados Unidos tanto para uso próprio como para revender. Os lucros acenderam a febre do pêssego e alguns agricultores montaram viveiros para atender à demanda de mudas de pessegueiro, acelerando o ritmo ao qual os migrantes com dinheiro para investir podiam plantar o próprio pomar. A produção maior atraiu compradores dos grandes mercados atacadistas da Cidade do México e de Guadalajara.

Com pomares que, em média, tinham de dois a 10 hectares, muitos agricultores tinham agora uma fonte importante de receita e alguns optaram por abandonar a migração a fim de cuidar dos próprios pomares. Embora a produção média fosse bastante baixa, a produção global do município era tal que Jerez passou a ser conhecida como a principal região produtora de pêssego do México e o cultivo da variedade criolla local se propagou no estado de Zacatecas e na zona circundante. O auge do pêssego levou o Governo do México a financiar projetos de pesquisas e assistência técnica e programas de crédito e a criar várias cooperativas de produtores com financiamento do Banco Mundial. Em 1993, um terço da terra agrícola do município estava dedicado à produção de pêssego e a colheita representava 52% da produção agrícola do município.

Este foi um caso clássico de transferência e divulgação de inovação: Valdez regressou dos Estados Unidos com uma solução tecnológica a um problema; uma vez que seus esforços tiveram êxito, seus vizinhos incrédulos, convencidos por seu exemplo, o copiaram e se converteram nos primeiros adaptadores do método. Seu êxito levou a uma aplicação mais ampla nas décadas de 1970 e 1980 até que, no início da década de 1990, a maioria dos agricultores tinha plantado pêssego em pelo menos uma parte de seu terreno. Uma horta de pêssego passou a ser um investimento interessante, oferecendo uma alternativa viável à emigração. Para os migrantes já assentados nos Estados Unidos, produziu um fluxo de renda para os familiares no México. Alguns consideram um pomar como atividade de aposentados depois de anos de migração. Os migrantes que trabalhavam nos pomares e vinhedos da Califórnia descobriram logo outras tecnologias e práticas que poderiam ser aplicadas no México. Muitos aprenderam técnicas de poda e irrigação e as ensinaram a outros. E quando surgia a necessidade, recorriam aos pesticidas, fungicidas e fertilizantes comerciais. Mas até que ponto seria sustentável este novo estilo de agricultura para Jerez no correr do tempo?

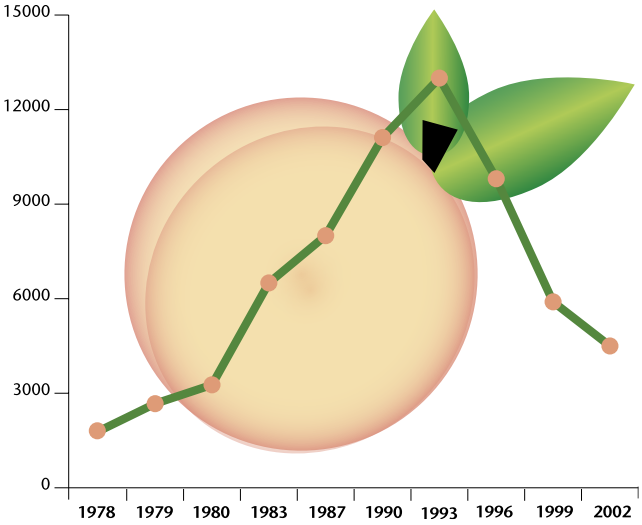
Colapso do pêssego

Em meados da década de 1990, Jerez se tinha transformado em uma região salpicada de pomares mortos e abandonados e o escritório de agricultura do Governo começou a oferecer aos agricultores subvenções para arrancar árvores velhas. Em 2002, a zona plantada com pessegueiros ficou reduzida a 4.500 hectares. A explicação do colapso está em uma convergência de fatores ambientais e econômicos. A falta de chuva, os preços baixos e os custos crescentes de produção levaram muitos agricultores a abandonar os pomares e a emigrar. O fato de isto ocorrer com tanta rapidez e de os agricultores terem tão pouca flexibilidade merece escrutínio mais detalhado.

A paisagem de pequenas explorações se tinha transformado em uma vasta monocultura, comparável aos pomares industriais de alta renda da Califórnia. Com tanta terra contígua dedicada ao mesmo cultivo, a região era propícia à infestação de pragas (provenientes da lagarta-das-fruteiras e broca-das-rosáceas) e doenças (tais como a podridão parda, a crespeira e a atracnose), que se propagam com rapidez. Os agroquímicos utilizados para o controle das pragas, aplicados muitas vezes demasiadamente tarde e em dose excessivamente concentradas, prejudicaram as árvores e reduziram a população de insetos benéficos que ajudam a controlar a população de pragas. Além disso, o solo desprotegido de vegetação — comum nas plantações e vinhedos californianos até muito pouco tempo — contribuiu para uma deterioração do meio ambiente. Isto foi produzido pelo uso habitual de um disco girado por trator para manter as faixas livres de vegetação e causou diversos efeitos adversos: deixou o solo vulnerável à erosão do vento e da água; eliminou o hábitat de insetos benéficos; e as plantações secas e poeirentas criaram um ambiente favorável à lagarta-das-fruteiras, uma das pragas mais predominantes. Com o tempo, as freqüentes passadas dos tratores compactaram o solo e reduziram sua capacidade de absorver e manter a umidade. Tanto o cultivo intenso com trator como o uso de pesticidas exigiram a compra de insumos, especialmente combustível e produtos agroquímicos que o colapso do peso mexicano em 1994 pôs fora do alcance de muitos agricultores. Sem alternativa, eles abandonaram os pomares e voltaram a trabalhar nos Estados Unidos. Os pomares mortos e moribundos transformaram-se em fontes adicionais de infestação de pragas e doenças, criando mais problemas para os agricultores vizinhos que procuravam manter pomares saudáveis.

Acrescentou-se a estes problemas um fator que escapava ao controle de todos: a meteorologia. Um ciclo periódico de menor pluviosidade, característica dos ambientes semi-áridos, começou em meados da década de 1990, exacerbando ainda mais condições já submetidas à tensão. A renda diminuiu e muitos pomares simplesmente

JEREZ, Zacatecas: Hectares de pêssegos - 1978-2002



Fontes: Chan (1988); Departamento Agropecuario, Jerez; INEGI (1994, 1998); Ruiz Lujan et. al. (1993); Salvador Rodríguez Barrientos, Chefe do Distrito de Sagorpa (2002).

Pomar de pessegueiros mortos e abandonados, em Jerez em 1999.

Samuel Félix em 2000 junto às válvulas (acima) e uma tubulação de gotejo (à esquerda) de um sistema de irrigação por gotejo no vinhedo em que trabalha em Napa, Califórnia. Ao utilizar esta tecnologia em seu pomar de pêssegos em Los Haro, Félix instalou o sistema mais avançado de irrigação por gotejo do México.

murcharam. Mesmo os que estavam dentro do distrito de irrigação construído pelo governo começaram a sentir os efeitos. O nível das represas ficou tão reduzido que no verão de 2000 foi imposto um rigoroso racionamento da água e muitos agricultores enfrentavam a possibilidade de perder totalmente os pomares.

A busca de alternativas

No entanto, apesar da seca e dos reveses, um grupo dedicado não desistiu. Tal como Jesús Valdez tinha visto uma possível solução para o problema das geadas nas plantações de cítricos do sul da Califórnia na década de 1950, os agricultores da pequena comunidade de Los Haro encontraram formas mais eficientes de utilizar a água nos vinhedos do Vale de Napa quatro décadas mais tarde. Los Haro, localidade importante de produção de pêssego, situada no município de Jerez, também registra um dos mais altos índices de migração da zona. Sua população inferior a 900 habitantes duplica-se quando os migrantes regressam para a festa anual e as férias de inverno. Durante quase 50 anos, homens, mulheres e famílias inteiras de Los Haro têm encontrado trabalho nos vinhedos, adegas vinícolas e indústria do turismo do Vale de Napa. Embora muitos se tenham assentado agora em Napa, um número considerável tem investido sua renda ganha nos Estados Unidos em pomares de pêssego em Los Haro.

Dado o valor dos vinhedos do Vale de Napa, as tecnologias agrícolas utilizadas nessa zona são umas das mais avançadas do mundo. Agora, graças à transferência de tecnologia, o sistema mais avançado de irrigação por gotejo e conservador de água do México está implantado em dez hectares de pomares de pêssego em Los Haro. O migrante empreendedor foi Samuel Félix, que instalou o sistema em 2000, seguindo o modelo que tinha ajudado a estabelecer no vinhedo de Napa onde tinha trabalhado por mais de uma década. Gastou cerca de US$30.000, utilizando válvulas importadas de Israel e tubos de alta qualidade e emissores comprados dos fornecedores de Napa. Correu a voz acerca de seu novo sistema de irrigação e os visitantes, entre eles engenheiros vindos de Cidade do México e o Governador de Zacatecas, têm visitado o lugar para examiná-lo. Em 2001, pelo menos cinco agricultores mais de Los Haro tinham instalado sistemas de irrigação por gotejo financiados com rendas obtidas nos Estados Unidos.

Outras transferências de tecnologia

Geadas destrutivas continuam a ameaçar o cultivo do pêssego, mas muitos agricultores abandonaram os sistemas primitivos de esquentadores devido ao custo do combustível e à preocupação do município com a poluição. Alguns agricultores procuram agora plantar pomares em lugares mais elevados e menos propensos às geadas e esperam que não haja geadas durante o período crítico de seu florescimento e abertura dos botões. Para proteger sua colheita, os produtores dos Estados Unidos utilizam agora ventiladores anticongelantes que misturam o ar frio que se estende pelas camadas inferiores com o ar mais quente imediatamente acima, elevando a temperatura aos poucos graus necessários. Ao menos um produtor de pêssego em Jerez, José Luis Acevedo, viu ventiladores anticongelantes em operação em pomares da Califórnia e decidiu comprar um. Com o tempo, comprou uma máquina de segunda mão no Arizona e, em 1999, a instalou em seu pomar de pêssego.

José Luis Acevedo (à esquerda) e um agricultor visitante observam um ventilador anticongelante instalado para controlar as geadas em um pomar de pessegueiros de Jerez.

O fenômeno da transferência de tecnologia pelos migrantes não se limita a Jerez. Na região produtora de goiaba de Jalpa, Zacatecas, a cerca de 180 quilômetros ao sul, se vêm utilizando ventiladores anticongelantes há mais de 12 anos. Vidal Valenzuela foi o primeiro agricultor a instalar um depois de ver como as frutas eram protegidas contra as geadas em pomares perto de Marysville, na Califórnia. Também adquiriu sua máquina de segunda mão e, quando se convenceu de que podia salvar a sua colheita de goiaba, fez fabricar outras localmente a fim de ampliar a zona que podia proteger. Em 1999, Valenzuela começou a estudar um sistema dotado de um termostato que ativasse o motor automaticamente quando a temperatura caísse abaixo de níveis perigosos, não precisando assim levantar-se no meio da noite para acionar as máquinas manualmente. Seu êxito atraiu engenheiros agrícolas procedentes de outros lugares do estado para visitar suas instalações e aprender dele.

Dimas Hurtado com a caixa de controle de sua cerca elétrica em Los Haro.

Javier Félix com o equipamento de campo transportado de Napa.

Um exemplo mais recente e espetacular da transferência de tecnologia é a instalação de vaporizadores que Javier Félix utiliza em seu pomar de Los Haro. Enquanto trabalhava em outro vinhedo de Napa, seu irmão, Samuel Félix, encontrou um vaporizador sofisticado com múltiplos bocais colocados no alto e em baixo, permitindo à água vaporizada chegar tanto à parte superior como à parte inferior da folhagem da planta e atingir duas fileiras ao mesmo tempo. Samuel levou consigo o desenho, não o equipamento, a Zacatecas onde uma oficina local construiu o vaporizador de acordo com as suas especificações. Javier, que administra as plantações familiares, considera o novo aparelho mais rápido, mais eficaz e menos perigoso que o velho sistema de vaporização

manual das árvores. E a transferência de tecnologia tampouco se limita apenas aos pomares. Enquanto trabalhava em uma fazenda de laticínios na Califórnia, outro agricultor viu cercas elétricas utilizadas para manter o gado no curral e instalou uma em Jerez. Estendida ao longo da parte superior de uma parede, uma cerca elétrica protege agora sua avícola contra racuns saqueadores; em um pasto próximo instalou a cerca para permitir o rodízio de seu gado em diversas seções a fim de obter a máxima produtividade. Outros agricultores têm adquirido cortadores de ervas daninhas, motocultores e pequenos transportadores de campo. Estas transferências permanentes impulsionadas pelos trabalhadores migrantes da Califórnia para o México demonstram a determinação de fazer a agricultura produzir resultados e a busca incessante de soluções.

Desenvolvimento sustentável?

Os agricultores migrantes fazem uma despesa considerável para adaptar a tecnologia observada na agricultura dos Estados Unidos, mas qual é o grau de eficácia de seu investimento? Conforme ilustra o surto do mercado de pêssego e sua posterior depressão, as práticas importadas de uma forma de agricultura industrial, de elevados insumos, podem ter conseqüências adversas para o meio ambiente e a saúde dos seres humanos e animais, bem como podem reduzir drasticamente a margem de lucros de um pequeno agricultor. No entanto, é agricultura industrial moderna que os migrantes encontram como trabalhadores agrícolas nos Estados Unidos. Além disso, este estilo de agricultura é atualmente promovido pela maioria dos agrônomos e representantes de vendas de produtos agroquímicos mexicanos.

As iniciativas para promover o desenvolvimento nas regiões de origem dos migrantes estão condenadas ao fracasso? Ou haveria uma forma de aumentar a probabilidade de que os migrantes pudessem tornar suas propriedades agrícolas mais lucrativas por meio da transferência de tecnologia? O que aconteceria se os agricultores migrantes inovadores encontrassem exemplos eficazes de sistemas agrícolas lucrativos e de baixo conteúdo de insumos? Poderiam então transferir para o México tecnologias e práticas mais ambientalmente sustentáveis? E, como quando Jesús Valdez introduziu os esquentadores, uma nova onda de transferência de tecnologia poderia incentivar a mudança a um novo tipo de agricultura, desta vez a um tipo racional do ponto de vista tanto ecológico como financeiro?

As entrevistas e conversações mantidas com agricultores e trabalhadores agrícolas mexicanos, tanto no México como na Califórnia indicam que as práticas agrícolas sustentáveis não são conceitos estranhos. Certamente, o enfoque não químico e diversificado é bem conhecido para muitos que aprenderam este estilo de agricultura dos pais e avôs. No entanto, em décadas recentes foi ridicularizado como primitivo e antiquado pelos agentes de extensão e peritos agrícolas. Se os migrantes encontrassem bons exemplos de agricultura sustentável nos Estados Unidos e mantivessem um diálogo entre agricultores com produtores que utilizam métodos agrícolas orgânicos, poderiam recuperar o respeito a sistemas localmente adaptados e de baixo conteúdo de insumos?

Depois de diversos anos de exposição a práticas agrícolas sustentáveis no vinhedo de Napa onde trabalha, Samuel Félix está ansioso por tentar um método mais sustentável nos 10 hectares que ele e seu irmão cultivam no México. Para financiar as melhoras, Javier Félix continua em Los Haro cuidando dos pomares de pêssego enquanto Samuel trabalha cerca de 10 meses por ano em Napa. No correr do tempo, ele tem observado mudanças extraordinárias nos vinhedos à medida que os proprietários introduzem práticas destinadas a reduzir a dependência de produtos agroquímicos e conseguir uma transição para a agricultura ambientalmente sustentável. Entre estas figura o sistema de agricultura sem arar para seus vinhedos em encostas, irrigação por gotejo para conservar a água e cultivos da cobertura vegetal para reduzir a erosão, aumentar a quantidade de matéria orgânica no solo, melhorar a retenção da umidade e proporcionar um hábitat para insetos benéficos. Félix presenciou diretamente como desta forma as pragas são controladas sem utilizar pesticidas e se produz uva de qualidade superior para a produção de vinho.

No verão de 2000, o supervisor de Félix o enviou ao primeiro workshop realizado em espanhol para trabalhadores de vinhedos do Grupo de Viticultura Sustentável de Napa. Os debates concentraram-se nos benefícios da gestão agroecológica de vinhedos, de uma forma que se empenhe em imitar a natureza em vez de substituí-la por um sistema dependente de produtos químicos. Esta filosofia fazia eco das palavras de Félix que tinha aprendido a agricultura de seu pai. Sem que fosse necessário pedir, Félix e os outros produtores trabalhadores de vinhedos do México participantes do workshop disseram por própria iniciativa que o enfoque agroecológico era essencial para a transmissão de suas terras aos filhos. Consideravam que poderia inclusive aumentar os lucros mediante a redução de custos. Outros trabalhadores agrícolas que assistiram ao workshop sentiram-se simples-

Javier Félix inspeciona o cultivo de cobertura plantado recentemente em Los Haro a pedido de seu irmão que trabalha na Califórnia.

mente aliviados por não terem de ficar expostos a mais produtos químicos. Não foi difícil convencer este grupo a respeito das vantagens da agricultura sustentável.

Félix permanece em contato regular com seu irmão por telefone, compartilhando com ele os enfoques utilizados no vinhedo de Napa. No entanto, como o que funciona para uvas pode não ser necessariamente aplicável, de forma direta aos pêssegos no verão de 2002 Félix aproveitou a oportunidade de visitar a Woodleaf Farm, pomar dedicado à produção orgânica de pêssego no norte de Califórnia. O proprietário de Woodleaf, Carl Rosato, enfatizou a importância dos cultivos de cobertura vegetal do terreno para eliminar o amanho da terra, ajudar a manter a saúde do solo, reduzir as ervas daninhas e atrair insetos benéficos. No ano seguinte, no verão setentrional de 2003, Samuel instou seu irmão a que plantasse o cravo como cultivo de cobertura, a título de experiência, em uma seção de seu pomar. Quando Samuel se inteirou umas semanas mais tarde de que a semente tinha germinado, ficou entusiasmado com o processo que tinha implementado. Seu solo pode parecer pobre, explicou, mas estava "agradecido"; o cultivo do cravo assemelhava-se a dar um presente ao solo que se sentia incentivado a "retribuir o favor". A experiência, em uma escala muito pequena, representou a primeira vez que alguém tinha plantado cravo na região.

Embora seja evidente que os irmãos Félix são empreendedores e inovadores, suas mudanças são hesitantes e um tanto desorganizadas. A agricultura sustentável, como ecossistema, é muito interconectada. Samuel reconhece que caminha às apalpadelas no escuro e em seu tempo livre busca informações confiáveis em espanhol que o ajudem a fazer a transição para um sistema agroecológico sustentável. Sua meta é clara: fazer da agricultura em Jerez uma atividade que seja suficientemente lucrativa para não precisar trabalhar na Califórnia. A visão de Samuel Félix, além de cultivar pêssegos, inclui lançar uma operação de processamento de frutas e trabalhar com outros para cultivar e comercializar frutas sem pesticidas. Se suas idéias prosperarem e se encontrar mercados, talvez Félix se transforme no Jesús Valdez da agricultura sustentável, promovendo a divulgação de um novo tipo de agricultura que reanima uma área rural assolada pelo abandono e pela emigração. Mas, no momento, trabalha em Napa, aguardando o dia em que possa regressar a Jerez definitivamente.

Conclusão

A transferência de tecnologia agrícola tem sido em grande parte esquecida nas publicações sobre o tema das remessas dos migrantes e sobre migração e desenvolvimento. Na região de Jerez de Zacatecas, México, a transferência de tecnologia pelos migrantes que trabalham na agricultura dos Estados Unidos tem desempenhado um papel central na transformação da agricultura local e da economia regional. No entanto, a seleção de tecnologias e práticas transferidas se tem limitado ao que os migrantes têm encontrado pessoalmente no decorrer de seu trabalho, resultando numa tendenciosidade no tocante às práticas de agricultura industrial de alto conteúdo de insumos. Com o tempo, efeitos ambientais adversos e o elevado custo dos insumos associados com a agricultura industrial ajudaram a solapar o investimento dos migrantes em seus pomares de pêssego em Jerez e contribuíram para um declínio espetacular do cultivo e da produção de pêssego, bem como da renda regional. Uma nova geração de agricultores migrantes inovadores está procurando agora reanimar a produção de pêssego na região com novas transferências dos vinhedos e pomares do norte da Califórnia.

Os exemplos de transferência de tecnologia aqui analisados concentram-se em Zacatecas. Mais pesquisas são necessárias para determinar até que ponto as transferências de tecnologia agrícola por parte dos migrantes são realmente generalizadas: o fenômeno está presente nos circuitos migrantes de outros lugares? O que está sendo transferido? Qual é o contexto dentro do qual são levadas a cabo a transferência, a adoção e a divulgação? Que condições favorecem a transferência e que condições constituem mecanismos facilitadores? Quais são os impactos dessas transferências sobre os sistemas sociais, econômicos e ambientais da comunidade de origem dos migrantes? Finalmente, no que diz respeito ao potencial das remessas para catalisar o desenvolvimento da localidade de origem natal, de que tipo de apoio e assistência técnica se necessita para assegurar que as transferências resultem realmente em um desenvolvimento sustentável?

Desenvolvimento de base na fronteira

De Mark Caicedo

Todas as fotos: Mark Caicedo

Enquanto os Estados Unidos e o México enfrentam os desafios da proximidade, entre os quais figuram a migração, o emprego, a degradação do meio ambiente e a segurança, a Fundação Interamericana e as ONGs parceiras estão encabeçando as iniciativas destinadas a abordar esses e outros assuntos por meio de uma série de projetos de desenvolvimento de base nas pujantes comunidades situadas ao longo da fronteira. Trata-se de uma área cujas características demográficas são impressionantes. Por exemplo, a população de Cidade Juárez, que fica frente a El Paso, Texas, praticamente dobrou desde 1990 e aumentou de cerca de 800.000 habitantes a quase 1,4 milhão. Este aumento precipitado, que se repete em toda a extensão da fronteira, exerce muita pressão sobre a infra-estrutura atual, ameaça o meio ambiente e está esgotando o estoque de habitação disponível e as oportunidades de emprego.

A IAF é um doador importante de recursos para organizações mexicanas de desenvolvimento ao longo da fronteira. Em 2003, *Desenvolvimento de Base* publicou um artigo sobre a Alianza Fronteriza de Filantrópia México-Estados Unidos, uma coalizão constituída por nove fundações nacionais e regionais e 20 fundações comunitárias que contribuiu com US$20 milhões para combater a pobreza em ambos os lados da fronteira. A IAF é um dos membros fundadores dessa parceria e se comprometeu a contribuir com US$3 milhões em três anos. Além disso, a IAF apóia atualmente 29 donatários mexicanos com quase US$9 milhões. Deste total, mais de US$2 milhões foram concedidos a seis donatários para financiar projetos ao longo da fronteira entre os Estados Unidos e o México. Outras duas organizações completaram recentemente projetos fronteiriços financiados pela IAF. *Desenvolvimento de Base* visitou recentemente três dos donatários fronteiriços ativos da IAF.

Em Ciudad Obregón, Sonora (na fronteira com o Arizona), o Comitê de Promoción Social del Valle del Yaqui (PROVAY), trabalha em colaboração com

A estilista Yadira Hernández corta o cabelo de Javier Figueroa no salão de Yolanda Ramírez, participante do programa de crédito para pequenos negócios da FECHAC na Cidade Juárez.

Entre as microempresas que se têm beneficiado da doação da IAF à FECHAC está o pequeno restaurante de comida típica que Julia Neri, à esquerda, dirige da própria casa com a ajuda de Mirian Graciela Guiñada.

A FECHAC concedeu crédito de pequeno empresário a Francisca Rodríguez Villa, proprietária e gerente de uma loja de secos e molhados na própria casa na Colônia Galeana de Cidade Juárez.

Ana Infante, uma das processadoras de empréstimos do escritório principal da FUNHAVI, ajuda uma família a preencher uma solicitação de crédito para melhorar sua habitação.

Um projeto de habitação do PROVAY em Estación Corrales, Ciudad Obregón, beneficia principalmente mulheres. Uma delas é Lizabeth Isabel Caravelo Valenzuela, indígena Yaqui e nova proprietária.

o município de Caje, Fundación del Empresariado Sonorense e Fundación de Apoyo Infantil Sonora, para ajudar as mulheres chefes de família a construir habitações seguras e duráveis. Para a construção, o projeto utiliza recursos naturais renováveis de origem local, incorporando assim um elemento ecológico ao projeto. A Fundación Hábitat y Vivienda (FUNHAVI), de Cidade Juárez, Chihuahua, a pouco mais de meio quilômetro de El Paso, Texas, realiza um esforço conjunto com o setor empresarial para mobilizar mais de US$165.000 para um fundo de crédito destinado a melhorar habitações, incluindo conexão aos sistemas locais de abastecimento de água e esgoto. A FUNHAVI incentiva os beneficiários de seus créditos a que participem plenamente de todo o processo, esperando que eles mesmos façam as tramitações necessárias, que participem do desenho dos planos de construção e que supervisem a construção. Os pagamentos são processados por uma cadeia local de supermercados, um parceiro apropriadamente chamado SMART (que em inglês significa "inteligente"). A Fundación del Empresariado Chihuahuense A.C. (FECHAC) contrabalança o impacto do crescimento explosivo da população sobre a economia de Chihuahua contribuindo para o surgimento de novos empresários, um a um. Inicialmente financiada por meio de um auto-imposto pago pelas principais empresas, a FECHAC tem utilizado a doação da IAF para criar bancos comunitários em todo o estado e conceder pequenos créditos a mais de 1.000 microempresários, na maioria mulheres, que também recebem treinamento e assistência técnica para ajudá-los a ter êxito em seus restaurantes, salões de beleza, lojas e outras empresas.

O resultado desses e de outros programas fronteiriços depende claramente da determinação dos beneficiários e líderes dos projetos, que têm participado desde a etapa de planejamento, e de sua capacidade para adaptar-se a mudanças sutis — ou não tão sutis — que inevitavelmente ocorrerão. As fotografias tiradas in loco ilustram alguns dos avanços conseguidos até agora.

Mark Caicedo, um fotógrafo profissional, edita fotografias para as publicações da IAF.

Carlos Chávez, proprietário da Ferretería San Carlos, descarrega sacos de cimento. Sua empresa e a FUNHAVI são parceiras no fornecimento de materiais de construção a crédito.

Estes trabalhadores utilizam materiais de origem local para fabricar tijolos de argila, o que reduz seus custos. O projeto de habitação Campo Cinco, do PROVAY em Cidade Obregón, terá eletricidade e encanamento interno.

Um jardim cheio de rosas completa a casa que Cecilia Valdez construiu em Campo Cinco, com o apoio de um empréstimo do PROVAY.

Desenvolvimento local: Uma entrevista com **David Valenzuela**

De Patrick Breslin e Paula Durbin

Desde a década de 1960, as organizações de base vêm proliferando na América Latina e no Caribe. Na última década, o aumento impressionante do número dessas organizações e da sociedade civil em geral tem coincidido com diversas reformas governamentais, inclusive a descentralização de parte do poder político e econômico do governo central para os governos regionais e municipais. A interseção destes processos tornou possível um novo enfoque valioso dos antigos problemas da pobreza: o desenvolvimento local.

Nos países com uma longa tradição de autogovernança local, como os Estados Unidos, consideramos como natural que o condado ou a cidade, com uma forte participação cívica e empresarial, se encarregue de atender à maioria de nossas necessidades básicas: educação, saúde e saneamento, habitação, transporte, emprego, lazer e assistência social. No entanto, em suas estratégias de desenvolvimento os doadores importantes tendem a ignorar o papel da governança neste nível extremamente básico. Com freqüência, focalizam a atenção nos setores — saúde, educação, habitação e outros elementos da infraestrutura de um país — em vez dos atores que gerenciam as complexidades da vida diária. O desenvolvimento local é uma estratégia que inclui como ator indispensável em um projeto de desenvolvimento a unidade administrativa mais fundamental do governo: o município, o distrito, o condado ou o cantão. Neste nível muito básico surgem possibilidades de cooperação e coordenação tanto com as organizações da sociedade civil como com as empresas.

Nos últimos anos, o desenvolvimento local se transformou em um verdadeiro movimento mundial nos países de baixa renda. Este termo aparece cada vez com maior freqüência em artigos e exposições sobre a democracia e a redução da pobreza. A Fundação Interamericana começou a responder pela primeira vez às propostas de iniciativas de desenvolvimento local em meados da década de 1990. Em 1997, *Desenvolvimento de Base* focalizou a atenção principalmente nos exemplos pioneiros do Equador, Brasil, Argentina e Peru. Atualmente, a IAF empenha-se em tornar o desenvolvimento local um tema comum para a maioria dos projetos que financia. Embora a IAF não conceda doações aos governos locais, consideramos que nosso papel é fortalecer a capacidade dos cidadãos e de suas organizações de base para guiar, supervisionar e oferecer parcerias significativas aos governos locais.

Muito antes de ser nomeado presidente da IAF, David Valenzuela foi a força impulsora do apoio cada vez maior da Fundação aos donatários que incorporavam o governo local como parceiro em suas alianças para o desenvolvimento. Recentemente, *Desenvolvimento de Base* pediu a Valenzuela que considerasse os mais de dez anos de experiência da IAF nesta área e recolhesse as principais lições aprendidas.

Há algum requisito prévio para o desenvolvimento local?
O desenvolvimento local supõe o sufrágio universal, a eleição livre das autoridades locais e certo grau de descentralização e delegação de poderes. Os países da América Latina e do Caribe variam consideravelmente quanto ao grau de autoridade e recursos alocados aos governos locais. No entanto, a maioria agora tem pelo menos um grau, por menor que seja, de liberdade de ação ou capacidade para atender às necessidades básicas de seu eleitorado. A qualidade da participação democrática e a rapidez com que as autoridades locais atendem às necessidades dos cidadãos são fatores críticos em um processo positivo de desenvolvimento local. Os prefeitos e as autoridades locais que se consideram facilitadores têm maiores probabilidades de mobilizar a respectiva comunidade para alcançar objetivos e aspirações comuns.

Infelizmente, uma tradição de autoritarismo e uma cultura de passividade continuam sendo obstáculos difíceis de superar na busca do diálogo e da cooperação, fundamento do desenvolvimento local. Não obstante, as atitudes estão mudando gradualmente.

Qual é o impacto do desenvolvimento local a longo prazo?

O desenvolvimento local é um processo e não é um fim em si mesmo. É um esforço contínuo por parte dos residentes organizados de uma localidade no sentido de identificar problemas e aspirações, criar e formular estratégias para abordá-los, implementar esses planos e avaliar os resultados. A mudança e a renovação são o âmago do êxito de uma comunidade. As soluções de hoje podem transformar-se nos problemas de amanhã, exigindo esforço constante para encontrar novas formas de atender às necessidades dos cidadãos. Os processos de desenvolvimento local muitas vezes são motivados por circunstâncias acabrunhantes, por exemplo, a destruição causada pelo furacão Mitch na América Central. No entanto, a energia social mobilizada para enfrentar uma emergência pode ser orientada para a solução de outros problemas locais, uma vez controlada a emergência. O processo de desenvolvimento local é um diálogo constante entre os residentes de um local — as autoridades, as organizações cívicas, os grupos comunitários, os dirigentes empresariais e outras pessoas — visando a procurar sistematicamente uma melhor qualidade de vida para todos.

É importante um sentido de pertinência?

Uma das chaves do êxito do desenvolvimento local é um forte sentido de identidade vinculado à terra, à herança, às atrações e à singularidade do local. O orgulho da comunidade e da localidade é elemento essencial para o êxito tanto social como econômico. As localidades com identidade forte podem identificar melhor o que têm de específico e interagir mais eficazmente com o mundo externo. A base produtiva de uma localidade está muitas vezes relacionada com a identidade dos habitantes. O ressurgimento dos tecidos tradicionais na Bolívia e da arte folclórica de outras culturas indígenas não somente afirma a identidade cultural, mas também impulsiona o crescimento econômico.

É também fundamental ter um território definido com fronteiras jurisdicionais reconhecidas. Como os governos municipais devem desempenhar um papel central no desenvolvimento local, devem estar conscientes de seu território físico, composição demográfica, recursos e pontos fracos. O desenvolvimento local ocorre em um território e afeta todos os habitantes. Este conceito é relativamente novo na América Latina, onde os governos municipais tradicionalmente só levavam em conta as populações urbanas, ignorando grandes concentrações de habitantes da zona rural, muito embora a maioria dos municípios seja responsável jurídica e administrativamente por ambos. Um processo de desenvolvimento local deve levar em consideração toda a sua jurisdição. As vantagens e oportunidades do território podem constituir a base para a criação de oportunidades de trabalho e para o crescimento econômico.

E as comunicações?

Deve haver um processo constante de diálogo, deliberação e criação de consenso. O termo concertação resume melhor o processo mediante o qual muitas partes se reúnem para intercambiar inquietações e chegar a um acordo quanto às medidas a serem tomadas. O corpo coletivo dos indivíduos que representam os diferentes atores interessados de um local é comumente conhecido como mesa de concertação em muitos países da América Latina. O fato de essa concertação ocorrer com freqüência atualmente e muitas vezes produzir esforços de colaboração é uma mudança cultural importante. Tradicionalmente, profundos hiatos ideológicos criavam discórdia entre os dirigentes empresariais e da sociedade civil. As autoridades locais, nomeadas até recentemente pelos governos centrais, estavam acostumadas a atuar por conta própria sem consultar ninguém. Para haver um processo bem-sucedido de desenvolvimento local é essencial criar a capacidade para a concertação.

Qual é o papel das organizações de base?

Freqüentemente um esforço de organização que tem origem no nível da base é um passo preliminar do processo de desenvolvimento local. O desenvolvimento local não pode funcionar eficazmente se os interesses dos cidadãos não estiverem representados na mesa de concertação. Isto ocorre especialmente para os residentes mais vulneráveis ou isolados, cujas opiniões e inquietações muitas vezes não chegam aos ouvidos das autoridades. As associações de pequenos produtores, as associações mercantis, os clubes de mães, os grupos de jovens, as associações vizinhais e muitas outras entidades formam a base social essencial para que o desenvolvimento local tenha um impacto e alcance um grau de sustentabilidade. O fortalecimento das práticas democráticas destas organizações de base e de sua capacidade de auto-ajuda eficaz deve acompanhar o processo de desenvolvimento local. Essas

organizações comunicarão os interesses e as inquietações dos cidadãos sem cujo apoio e participação os esforços de desenvolvimento se tornam instáveis ou não alcançam seus objetivos.

Quem deve financiar o desenvolvimento local?
Embora o capital inicial e o investimento externo desempenhem um papel importante no desenvolvimento local, a maior parte dos recursos e esforços deve provir de dentro da comunidade. A descentralização e delegação de poderes têm dado às comunidades acesso sem precedentes ao financiamento público, por mais modesto que seja, e inclusive os governos municipais mais pobres têm recursos que podem emprestar: espaço para escritório, móveis, veículos, etc. O desenvolvimento local é um esforço essencialmente endógeno que deve ser mantido pelas poupanças locais e pela criação de riqueza. Este fato é comprovado pela própria experiência da IAF no fornecimento de recursos iniciais a centenas de organizações locais que se têm dedicado ao desenvolvimento local na última década. Sem dúvida, os principais contribuintes para estes esforços são as comunidades locais. Além disso, o desenvolvimento econômico local, na maioria das localidades de baixa renda, precisa utilizar recursos locais e vantagens comparativas e não pode depender de uma grande quantidade de investimentos externos. A criação de empregos deve basear-se nas vantagens ou inclinações naturais. Um processo de desenvolvimento local deve investigar a fundo a fim de descobrir a base humana, tecnológica e de recursos naturais que se transformará em seu motor de crescimento. Isto não significa que as localidades não devam envidar todo esforço possível no sentido de atrair investimentos, parceiros e alianças, tanto próximos como longínquos, para alcançar seus objetivos. No entanto, o esforço deve estar firmemente arraigado no nível local.

Que forma assume o processo?
As melhores soluções nascem dentro da comunidade e representam o esforço das pessoas locais para criar ou adaptar métodos, tecnologias e procedimentos adequados. Os anais dos donatários da IAF estão repletos de casos de criações locais e adaptações engenhosas. Liberar os poderes criativos não só reforça o sentido de propriedade, mas também pode dar lugar a uma maior produtividade e a um maior grau de auto-estima e orgulho local. Por outro lado, as atividades de desenvolvimento que impõem tecnologias e soluções costumam ser menos sustentáveis.

O processo de definição e implementação de soluções locais é um elemento importante na consolidação do desenvolvimento local. Conforme mencionado anteriormente, uma mesa de concertação também é um foro para avaliar resultados e tomar as medidas corretivas necessárias. As comunidades aprendem cometendo e corrigindo os próprios erros. O desenvolvimento local bem-sucedido às vezes é o resultado de um doloroso processo de aprendizado.

Qual o grau de relevância da inclusão?
Deve haver um enfoque deliberado na igualdade de gênero e na consideração do papel e dos interesses dos jovens. Nas sociedades tradicionalmente machistas, é necessário dispor de uma forte liderança local para assegurar que as mulheres desempenhem um papel eqüitativo na tomada de decisões e tenham as mesmas oportunidades de avanço social e econômico. A exclusão sistemática da mulher produzirá um esforço truncado de desenvolvimento local, o mesmo sucedendo com o desaparecimento da população jovem em conseqüência de uma taxa alarmante de migração na última década não só para centros urbanos mas também para outros países. Comunidades inteiras em muitos países da América Latina têm perdido seus jovens. A preservação das gerações jovens talvez seja a medida mais eficaz do êxito de um processo de desenvolvimento local.

Qual é o aspecto mais difícil do desenvolvimento local?
A dificuldade está vinculada ao clichê "pensar globalmente e agir localmente". A primeira prioridade de muitos esforços de desenvolvimento local é a criação de empregos e a melhoria. No entanto, as estratégias eficazes para a criação de empregos são o resultado de desafiar o saber convencional com um olho nos mercados e nas tendências econômicas. Certa vez, embora não o considere acertado, aprovei uma doação para estabelecer um centro de treinamento em informática e produção de vídeos educativos em uma comunidade isolada da República Dominicana que não dispunha de eletricidade nem de serviço telefônico. Eu achava que os agricultores de subsistência locais, cuja associação apropriadamente se denominava El Limón en Lucha, preferissem muito mais investir os fundos da doação em equipamento para melhorar sua produção agrícola. Eu me enganei. Vários fatores não previstos na proposta original uniram-se para tornar o projeto tão bem-sucedido que foi o tema de um documentário de 15 minutos de duração transmitido pela CNN em 2001. Os jovens desta comunidade agora têm novas oportunidades graças ao advento da tecnologia da informação e ao aprendizado da informática. A

MIGUEL SAYAGO

Em El Limón, na República Dominicana, os agricultores preferiram que seus filhos aprendessem tecnologia.

lição é que a criação de emprego deve enfocar as aptidões necessárias para conseguir emprego no futuro. Este conceito está muito arraigado nas estratégias de desenvolvimento local das comunidades autônomas da Espanha que se esforçam para acompanhar o restante da Europa.

As unidades maiores de governo desempenham algum papel?

Nos países com sistemas federais, os governos estaduais ou provinciais ainda costumam imitar o paternalismo tradicional e o modelo de cima para baixo dos governos centrais. No entanto, as localidades devem adquirir experiência no aproveitamento dos recursos e oportunidades oferecidos tanto pelos governos regionais como pelos nacionais. Paradoxalmente, os órgãos autônomos dos governos centrais às vezes podem transformar-se em fortes aliados em um processo de desenvolvimento local. A chave é estabelecer vínculos e sinergias positivos com esses órgãos, sem abrir mão do controle local. Os fundos de desenvolvimento social podem ser recursos valiosos para o desenvolvimento local. As parcerias com as organizações da sociedade civil nacional também podem facilitar o acesso aos recursos do governo central ou a conexão com os mercados nacionais e estrangeiros. Os dirigentes locais devem adquirir habilidades diplomáticas sólidas necessárias para criar parcerias externas públicas e privadas, preservando ao mesmo tempo seu direito de gerenciar o programa de ação local.

Os atores do desenvolvimento local podem tirar alguma vantagem de olhar além de suas localidade?

As localidades estão em regiões que compartilham ecossistemas e bases de recursos semelhantes. Muitos problemas não podem ser abordados sem a cooperação das localidades vizinhas como, por exemplo, quando compartilham o mesmo vale fluvial ou a mesma fonte de água. As localidades que cooperam entre si também se podem unir para produzir economias de escala. A infraestrutura custosa — por exemplos, hospitais, centros de estudos superiores e sistemas de controle de inundações — pode ser compartilhada eficazmente entre diversas localidades. Os grandes investimentos e iniciativas de desenvolvimento econômico também oferecem o potencial de colaboração entre os municípios. Os cantões equatorianos muitas vezes compartilham seu equipamento pesado de manutenção de estradas para manter abertas as vias durante a época de chuva, quando os desabamentos de terra são comuns. Os municípios bolivianos estabeleceram alianças municipais denominadas comunidades. As parcerias entre os governos locais são importantes para atender às necessidades regionais e são especialmente eficazes quando os membros individuais têm sólidos processos de desenvolvimento local em andamento.

Como o desenvolvimento local se vincula ao reforço da democracia no nível da base?

O desenvolvimento local traz consigo uma promessa que eclipsa os interesses particulares das localidades: a criação de valores democráticos e da cidadania, que estão no âmago das democracias eficazes. Talvez ainda não se tenha determinado se a democracia, tal como praticada atualmente em muitos países da América Latina e do Caribe, é bem-sucedida. A ausência de uma cultura democrática, as pressões da pobreza persistente e a crescente disparidade nos níveis de renda, o ressurgimento do populismo e a desilusão com as reformas do mercado são fatores preponderantes em uma análise do estado atual da democracia. Devíamos ter sabido que a democracia é mais do que as eleições nacionais periódicas ou a pluralidade de partidos políticos. A democracia deve encontrar suas raízes na prática diária dos cidadãos que tomam decisões e desempenham um papel central nas decisões e medidas que afetarão sua vida e a das gerações futuras. Neste sentido, o desenvolvimento local é o alicerce necessário para o futuro da democracia latino-americana.

David Valenzuela foi nomeado Presidente da Fundação Interamericana em 2001, depois de exercer na IAF os cargos de Presidente Interino, Vice-Presidente de Programas, Diretor Regional para o México, América Central e Caribe, Diretor Regional para o Cone Sul e o Brasil, Representante Principal para a Região Andina e Representante para o Peru e a Bolívia.

A estrada a **Pucarita**

De Percy Bazán Salas

Um mutirão mobilizou o empenho em um projeto mais ambicioso.

TODAS AS FOTOS: CORTESIA DE PERCY BAZÁN SALAS.

Membros da comunidade trabalham na construção da estrada.

Os distritos de Bambamarca e Condormarca, situados no departamento de La Libertad, província de Bolívar, Peru, ficam longe de Trujillo, capital regional, e são extremamente pobres. Também estão isolados, ligados apenas por uma trilha de cavalo a seu mercado principal em Pucarita, na província vizinha de Sánchez Carrión. As lamentáveis condições de um trecho do caminho de 21 quilômetros impedia de tal forma o trânsito normal que com freqüência os produtos agrícolas chegavam deteriorados a seu destino depois de viajar por esse terreno acidentado. Às vezes inclusive as mulas de carga perdiam o equilíbrio e caiam no rio Chusgón.

Por fim, os residentes de Bambamarca, Condormarca e Calemar, convencidos de que ninguém mais iria ajudá-los, decidiram enfrentar o problema por si mesmos.

Em março de 2003, Ermel Bustos Rodríguez e Cecílio de la Cruz Alvarado, respectivamente Prefeito de Condormarca e Vice-Prefeito de Bambamarca, se reuniram com representantes dos cerca de 6.000 residentes das 18 vilas do distrito. Os presentes decidiram unanimemente reparar o trecho de 21 quilômetros que vai desde o porto de Calemar até o mercado de Pucarita por meio de uma *minga* (mutirão), um tipo de projeto de trabalho comunitário tradicional que data dos tempos dos Incas. Os municípios organizaram os voluntários e designaram seu trabalho. Os residentes de Calemar, onde começaram as obras, concordaram em levá-los gratuitamente de uma margem à outra do rio Marañón em balsas e em cestas suspensas em cordas e deixá-los na véspera da minga nos locais onde seriam feitos os reparos.

Em 6 de abril, todos os residentes de 18 a 70 anos foram a Calemar, o que para alguns significou caminhar até nove horas de casa ao porto, para poder iniciar as obras cedo no dia seguinte. Os 1.200 homens e mulheres que realizariam o trabalho se amontoaram nas balsas e nas cestas e foram transportados em cerca de seis horas. Nos dois dias seguintes, de acordo com seus costumes ancestrais, os trabalhadores se reuniram ao som de flautas e tambores e, depois das cerimônias de abertura, assumiram seu lugar ao longo do caminho. Aos que vinham de mais longe foram designados locais mais próximos do ponto de embarque. Para surpresa dos trabalhadores designados a Chucuambo, a 17 quilômetros do porto, alguns residentes da vila de San Felipe (na província vizinha de Sánchez Carrión), tomaram conhecimento da minga e se apresentaram por iniciativa própria para trabalhar nos reparos dos quatro quilômetros que separam Chucuambo de Pucarita. À noite, os grupos armavam equipes de futebol e jogavam ao luar nas margens do Chusgón.

O trabalho terminou às três da tarde de 8 de abril

Os residentes do porto forneceram as balsas para o transporte.

Uma mula é levantada para ser transportada por cabo ao local de trabalho.

e todos regressaram para casa, mas esse não foi o final do projeto. Os membros da comunidade decidiram por unanimidade voltar no final de agosto para melhorar o caminho e transformá-lo em uma via apta para veículos. Para preparar-se para este projeto muito mais ambicioso, os municípios começaram a coordenar seus planos com as instituições que lhes forneceriam a maquinaria pesada, o combustível, os lubrificantes e os explosivos necessários, bem como as cozinhas portáteis para alimentar os voluntários: a Asociación de Municipios de la Región Andina La Libertad, o governo regional de La Libertad, o governo provincial de Bolívar, a Direção Regional de Transporte e Comunicações de La Libertad (que forneceu um trator Caterpillar) e a Diocese de Huamachuco. O trabalho já começou e espera-se que a estrada melhorada entre em funcionamento em 2004. Entretanto, o governo regional de La Libertad está considerando a possibilidade de alocar uma soma considerável de recursos ao projeto e o governo de Sánchez Carrión também alocou fundos.

No entanto, a maior parte do crédito pela melhoria da estrada a Pucarita cabe aos residentes dessa comunidade, que reconheceram o sério problema que lhes estava impedindo de competir no mercado de Pucarita e decidiram superá-lo. Esta comunidade historicamente desfavorecida, inclusive esquecida e que não estava consciente da existência de ajuda internacional, deu um exemplo excelente do que se pode conseguir por meio da autoajuda, trabalho duro e cooperação.

Percy Bazán Salas, Consultor da Asociación para el Desarrollo Local (ASODEL) e da Asesoría Finanzas y Desarrollo Rural (AFIDER) e administrador municipal de Condormarca, enviou a Desenvolvimento de Base *este exemplo de autoajuda tradicional na região Andina. Este projeto não recebeu financiamento da IAF, mas, segundo Bazán, o apoio posterior da União Européia a um corredor econômico em Bolívar inclui iniciativas produtivas nos distritos mencionados.*

Enfoque: Descendentes africanos

"Liderança e Desenvolvimento Socioeconômico de Comunidades Afro-Descendentes na América Latina e no Caribe" foi o tema da Quarta Conferência Anual da Consulta Interagencial sobre Raça, realizada em La Ceiba, Honduras, de 1° a 4 de fevereiro e da qual foi anfitriã a Organización de Desarrollo Étnico Comunitario (ODECO), ex-donatária da IAF. Os objetivos da conferência foram proporcionar treinamento na implementação de parcerias de desenvolvimento local, concentrando a atenção nos êxitos e desafios; abrir canais de comunicação entre a sociedade civil, o setor privado e os governos locais e nacionais; e promover a participação da juventude afro-descendente.

Linda Kolko, Vice-Presidente de Operações da IAF, deu as boas-vindas a mais de 150 participantes que representavam 80 organizações não-governamentais de 18 países latino-americanos e caribenhos. Entre eles figuravam delegados de organizações brasileiras donatárias da IAF como o Centro de Apoio ao Desenvolvimento, Minga, Criola, União de Negros pela Igualdade (UNEGRO) e Centro de Articulação de Populações Marginalizadas. Maria Lúcia Dutra Santos, do Grupo de Mulheres Negras Mãe Andresa, e Osvaldo Cruz, do Círculo Olympio Marques (COLYMAR), duas organizações brasileiras, dirigiram a sessão sobre o desenvolvimento econômico; e Romero Rodríguez, da Mundo Afro, do Uruguai, atuou como facilitador na discussão sobre política pública e parcerias. Marcy Kelly, do Escritório de Programas da IAF, e Mara Cerdeiro, da Del Net, abordaram o tema das oportunidades de financiamento e treinamento.

Representantes do Banco Mundial, do Banco Interamericano de Desenvolvimento, da Organização Pan-Americana da Saúde, do Departamento Britânico para o Desenvolvimento Internacional e da Fundação Ford falaram sobre alguns aspectos de seu trabalho com as comunidades afro-latinas. Encerrando a conferência, o Senhor Ricardo Maduro, Presidente de Honduras, anunciou o compromisso de criar uma comissão dedicada a assuntos afro-hondurenhos. Entre os distintos oradores que assistiram à conferência figuraram o Senhor Larry Palmer, Embaixador dos Estados Unidos; Edgar Torres, da Câmara de Representantes da Colômbia; Elías Lizardo, Ministro da Saúde de Honduras; e Luiz Barcelos, Diretor Executivo da Consulta Interagencial sobre Raça. Para obter informações mais detalhadas sobre a reunião, favor consultar o website www.iac-race.org. *—Judith A. Morrison, Representante Principal da IAF e facilitadora principal da conferência*

JOHN REED

Um tocador de tambor garifuna ao lado de delegados em La Ceiba, Honduras.

Rumo à igualdade racial

Organizações da sociedade civil no Brasil têm conseguido dissipar o mito da igualdade racial no qual pelo menos alguns brasileiros crêem há décadas. Estatísticas recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio de diversos indicadores socioeconômicos, confirmam a exclusão e a injustiça sofridas pelos afro-brasileiros.

Nos últimos 10 anos, CRIOLA, donatária da IAF, vem trabalhando com afro-brasileiras no Rio de Janeiro para combater o racismo e melhorar o nível de vida da população negra. Em 27 de junho de 2003, CRIOLA organizou um seminário que reuniu 75 representantes do governo, de empresas e da sociedade civil para discutir os desafios que os afro-brasileiros precisam superar. Citando as estatísticas do IBGE, os oradores indicaram que os brasileiros negros, por exemplo, ganham 57% menos que seus compatriotas brancos. Recebem também um retorno mais baixo de seu investimento na educação; em média, um brasileiro branco sem diploma de escola do segundo grau ganha mais do que um brasileiro negro com grau universitário.

Os participantes também falaram sobre projetos de desenvolvimento local que se concentram em proporcionar oportunidades de geração de renda para comunidades afro-brasileiras tanto no Nordeste do país como no Rio de Janeiro. Entre eles figura o Projeto Arte e Meios de CRIOLA que ajuda as artesãs do Rio a melhorar a qualidade de seus produtos, aumentar as vendas e trabalhar em grupo para conseguir uma melhor posição no mercado artesanal.

Representantes do setor privado ressaltaram a participação mínima de afro-brasileiros nas principais empresas do país. Entre as 93 maiores companhias brasileiras, os homens negros representam somente 5,7% dos empregados e as mulheres negras apenas 1,8%. No mais alto nível corporativo, somente 1,2% dos executivos são negros e, segundo Wellington Silva, da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil, não existe nenhuma executiva negra. Em vista deste desequilíbrio espantoso, um grupo de 14 companhias tecnológicas brasileiras propô-se aumentar o número de afro-brasileiros empregados em seu setor de 1% a 10% por meio de um "fundo contra a discriminação" a ser utilizado para incentivar os profissionais afro-brasileiros. O fundo será constituído por contribuições voluntárias de empregados dispostos a destinar 1% de seu salário para este propósito. A companhia, por sua vez, contribuirá à razão de dois por um com os próprios recursos. Grande parte do evento de CRIOLA focalizou a conscientização de dirigentes empresariais a respeito de sua responsabilidade social e da importância da diversidade para manter uma vantagem competitiva. CRIOLA procurará financiamento corporativo para apoiar o programa de microcrédito iniciado com recursos da Fundação AVINA para abordar alguns dos temas discutidos. Para obter informações mais detalhadas, favor contatar Jurema Werneck ou Lúcia Xaver por e-mail: criola@alternex.com.br. — *Juliana Menucci, Serviços de Ligação Local e Assessoramento da IAF, Brasil*

Atualização sobre a RedEAmérica

Desde sua criação em setembro de 2002, a Rede Interamericana de Fundações e Ações Empresariais para o Desenvolvimento de Base (RedEAmérica) aumentou o número de membros, contando atualmente com 43 de 12 países. Em sua reunião realizada em junho de 2003 em Cancún, México, sob os

PATRICK BRESLIN

A Fundación Corona, uma das entidades fundadoras da RedEAmérica, tem prestado assistência a beneficiários, desde crianças de idade escolar até recicladores de lixo.

auspícios do Centro Mexicano para la Filantrópia (CEMEFI), os representantes das entidades afiliadas decidiram por voto que no próximo ano a admissão será limitada às fundações corporativas e às empresas que apóiam ativamente os esforços no nível de base. Após este período, a RedEAmérica dará as boas-vindas a entidades sem experiência no desenvolvimento de base, mas que desejam aprender.

A agenda de Cancún incluiu o debate sobre "Âmbito conceitual para o desenvolvimento de base" da RedEAmérica, a nomeação do Diretor Executivo da Comissão Hemisférica, dirigida por Carlos F. Buhler, da Holcim Brazil, para conseguir a participação de dirigentes empresariais na redução da pobreza e identificar novas fontes de financiamento, bem como a eleição da Fundación Polar, da Venezuela, que substituirá a CEMEFI como secretaria-geral. As novas entidades afiliadas na reunião de Cancún foram: Instituto de Cidadania Empresarial, Instituto Camargo Correa e Instituto Holcim do Brasil; Nuvó Cosméticos, do Uruguai; Empresa Minera Yanacocha, da Bolívia; e

Fundación Avina, do Peru. — *Karen Juckett, Assistente de Programas da IAF*

Breve resenha do QDB da IAF

Até a criação do Quadro de Desenvolvimento de Base (QDB) em 1992, a Fundação Interamericana tinha trabalhado 20 anos sem um modelo sistemático de análise de projetos. Embora a IAF estudasse muitos projetos, os métodos de coleta de dados diferiam de representante a representante e as avaliações podiam basear-se somente na análise de casos. Segundo Emilia Rodríguez-Stein, Diretora de Avaliação da IAF, apesar da realização de "muitos estudos no passado, nunca houve um sistema integrado".

O desenvolvimento significativo implica transformações tanto tangíveis como intangíveis na sociedade. Não resta dúvida que uma melhoria da renda ou da infra-estrutura física é comensurável, mas como se pode medir uma mudança na cultura cívica, no capital social ou nas práticas democráticas? Além disso, qualquer âmbito de avaliação teria de ser adaptável à grande diversidade de projetos, povos, línguas, regiões e países aos quais a IAF oferece apoio. Como as lições poderiam ser sistematizadas sem perder de vista o contexto local? Após um longo processo de consulta e experimentação e com a ajuda de donatários e do pessoal de apoio de toda a região, a IAF formulou o QDB como meio de registrar e avaliar os resultados dos projetos.

A representação gráfica do QDB é uma forma cônica que organiza toda a série de indicadores de mudanças tangíveis e intangíveis em três níveis: indivíduos, organizações e sociedade. No nível que corresponde à sociedade, por exemplo, as qualidades tangíveis de um ambiente normativo variável são representadas por indicadores relacionados com as leis, políticas e práticas e as normas intangíveis comunitárias são apresentadas em categorias relacionadas com valores, atitudes e relações. Cada categoria divide-se em componentes específicos. Por meio deste sistema, o QDB transformou-se em um instrumento não somente útil à IAF na avaliação de seus investimentos, mas também para os donatários da IAF na definição de seus objetivos e gestão de seus projetos para conseguir o efeito máximo. Em 1995, após três anos de testes, o QDB passou a ser padrão da IAF.

A plena implementação e os ajustes exigiram monitoramento e análise suplementares que levaram

IGNACIO DE LEÓN DÍAZ

Sandra Lafontaine, verificadora de dados do Serviço de Apoio Local da IAF na República Dominicana, de pé, explica o QDB a Maria Luisa Trejo, Lucila Lara Núñez, Miguelina Rodríguez e Isabel Sosa do Centro de Servicios Legales para la Mujer (CENSEL), uma donatária da IAF que trabalha com o problema da violência doméstica.

ao desenvolvimento e treinamento de um grupo de peritos de QDB em cada país. Estes verificadores de dados reúnem-se com os donatários pouco depois da aprovação de um convênio de doação para explicar-lhes o QDB, selecionar os indicadores que medirão o alcance dos objetivos do projeto e esclarecer o processo de coleta de dados. Os verificadores de dados regressam cada seis meses para fazer acompanhamento do progresso do projeto e corroborar as informações registradas pelos administradores do projeto. A verificação requer reuniões e revisão de documentos com os donatários e com grupos de enfoque dos beneficiários do projeto. O resultado destas visitas é comunicado à IAF. Ao finalizar o período da doação, o verificador de dados apresenta à IAF um histórico do projeto e um relatório final que resume o processo, os resultados e as lições aprendidas. As informações compiladas são organizadas em um banco de dados que, com o tempo, incluirá todos os projetos financiados pela IAF e possibilitará o estudo dos dados obtidos de uma grande riqueza de experiências, bem como análises e comparações estatísticas em profundidade. Além disso, os resultados são divulgados por meio de um relatório anual apresentado ao Escritório de Administração e Orçamento (OMB) e de um boletim mensal publicado na sede.

Embora tenham sido feitos ajustes aos indicadores tangíveis nos últimos dois anos, o Escritório de Avaliação continua aprimorando a outra metade intangível do QDB. "O QDB não é uma tarefa concluída", diz Rodríguez-Stein. "Todo ano há novos projetos e assim precisamos constantemente adaptar este instrumento". A IAF porá a serviço do desenvolvimento de base estas ações corretivas, bem como seu crescente banco de dados e análise institucional e de grupo.
— *Joel Adriance, Estagiário da IAF*

TODAS AS FOTOS: PATRICK BRESLIN

Recicladores marchando para a Câmara Legislativa.

Recicladores em marcha

Centenas de recicladores exuberantes do Brasil e de países vizinhos caminharam à Câmara Legislativa do Estado de Minas Gerais, com sede na cidade de Belo Horizonte, no primeiro dia do Segundo Festival de Lixo e Cidadania. O evento, realizado de 27 a 30 de outubro de 2003, foi patrocinado pela Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (ASMARE), donatário da IAF, cuja cooperativa de recicladores figurou nas páginas de *Desenvolvimento de Base* de 2002. Os legisladores não somente deram as boas-vindas aos recicladores, mas também cederam seus assentos de couro para acomodar a multidão.

Que tem a cidadania a ver com o lixo? "O catador de material reciclável presta um serviço ao meio ambiente que nem sequer o reconhece" disse Eric Soares (falecido recentemente), de Pernambuco, quan-

Uma alta dignitária que assistiu às cerimônias de abertura do Festival foi Marina Silva, Ministra do Meio Ambiente do Brasil, à direita, fotografada, da esquerda para a direita, com Nancy Martínez e Elizabeth Romero, da Papyrus, donatária venezuelana da IAF, Marlene de Faias, oficial de ligação da IAF na Venezuela, e Judith Morrison, Representante da IAF.

A legendária Dona Geralda já era catadora de lixo aos oito anos e conseguiu criar 12 filhos e superar o alcoolismo para fundar a ASMARE, à qual durante anos serviu como Presidente e luz orientadora. Atualmente é coordenadora geral e é conhecida como mentora compassiva e aplicadora estrita das regras da cooperativa. "A ASMARE tem seus valores", explicou. "Para incorporar-se, o catador de lixo precisa manter seus filhos na escola. Não pode roubar, nem usar drogas, nem beber no local".

"Este é um grande movimento e o Festival de Lixo e Cidadania é importante para fortalecê-lo ampliá-lo", afirmou o Deputado André Quintão, à esquerda, aos recicladores — entre os quais estava Eric Soares, ao lado de Quintão.

do usou da palavra. “Economicamente, ele gera matéria-prima industrial que vale milhões. Mas, ao contrário dos trabalhadores de mão-de-obra, pedreiros e carpinteiros que são respeitados como profissionais pela sociedade, o catador de material reciclável não é”. Para Soares, dirigente do Movimento Nacional Brasileiro de Catadores de Lixo e para o público que o aplaudiu, a cidadania implica respeito, acesso a serviços do governo e proteção legal contra práticas exploradoras, tais como remuneração desigual e pagamento em cachaça.

O lixo transforma-se cada vez mais em uma fonte de renda mais e mais lucrativa no Hemisfério à medida que os catadores se organizam para conseguir maior poder de negociação. A ASMARE, fundada por 10 catadores sem-teto, paga a seus 250 membros o triplo do salário mínimo, além de benefícios de saúde e educação e participação trimestral em seu lucro anual. Até mesmo os catadores de lixo que não pertencem à ASMARE se beneficiam de sua influência no mercado. “Sempre que há uma mudança nos preços, a ASMARE está na mesa”, disse Cido González, coordenador técnico da ASMARE.

Entre os diversos funcionários municipais e nacionais que formalmente inauguraram o Festival na noite de 27 de outubro estava Marina Silva, Ministra do Meio Ambiente do Brasil. Enormemente popular, ela é discípula de Chico Mendes, falecido ativista de justiça ambiental e direitos humanos. E, como grande parte do público presente, só aprendeu a ler como adulta. Marina Silva reconheceu o valor do trabalho dos catadores e prometeu fundos de seu orçamento ministerial para promover os esforços deles. José Graziano da Silva, Ministro da Segurança Alimentar e encarregado da luta governamental contra fome, recordou ao público que todo dia os brasileiros se desfazem de 125.000 toneladas de lixo e que os catadores ensinaram ao país que a metade deste volume pode ser reutilizada. Os outros 50%, acrescentou Graziano da Silva, são uma vergonha para seu ministério, porque se compõem totalmente de comida.

O Festival demonstrou a primeira observação feita por Graziano da Silva por meio de diversas exposições de produtos e um desfile de modas feitas de material reciclado. Foram também mostradas fotos da ASMARE tiradas por Miguel Sayago e um ensaio fotográfico de Patrick Breslin sobre a Asociación de Recicladores de Bogotá, também publicado na edição de 2002 de *Desenvolvimento de Base*, e beneficiária da Fundación Corona, que enviou uma delegação ao evento e é parceira da IAF. Entre os outros donatários da IAF que participaram do Festival figuravam a Fundação Centro de Defesa dos Direitos Humanos Bento Rubião, o Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP), o Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS) e Nova Pesquisa e Assessoria em Educação, todos provenientes do Rio de Janeiro; o Centro de Educação Popular (CEPO) do Estado de Rio Grande do Sul; e Papyrus, da Venezuela.

Nohra Padilla, Diretora Executiva da Asociación de Recicladores de Bogotá, faz parte da exposição de fotos. O contrato lucrativo que sua organização assinou com a cidade de Bogotá é considerado modelo em toda a América Latina.

Os recicladores participantes do Festival expressaram preocupação com a norma atualmente em discussão para eliminar os lixões, tal como o que aparece na foto nos arredores do Rio de Janeiro, onde cerca de 300.000 brasileiros catam lixo para viver.

Recordando Betinho

SEBASTIAN ALOOT

Maria Nakano em seu escritório no IBASE.

Maria Nakano foi a convidada de honra em 7 de fevereiro quando a Fundação Bento Rubião, donatária brasileira da IAF, inaugurou a Cooperativa Habitacional Mista Herbert de Souza, sua mais nova instalação de moradia econômica, que tem o nome do falecido esposo de Nakano, o legendário ativista social conhecido em todo Brasil como Betinho. Todas as 20 casas novas no bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, foram construídas por residentes organizados em mutirão, versão brasileira de uma minga andina explicada na página 43. Nakano felicitou a comunidade por seu duro trabalho, proferiu palavras de incentivo e ofereceu um brinde pelos novos proprietários das casas.

Desde o falecimento de Betinho em 1997, Nakano vem trabalhando no Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), um grupo de pesquisas especializado em temas sociais fundado por Betinho em 1981. Ela foi assessora do diretor executivo do IBASE até 2000, quando foi obrigada a pedir licença por motivos de saúde. Agora voltou ao trabalho e organiza a volumosa documentação dos arquivos do IBASE para criar a Memória de Betinho.

Nascido em 1935, Herbert de Souza era sociólogo, crítico social e um partidário veemente dos desprivilegiados e desfavorecidos. Em 1970 casou-se com Nakano, trabalhadora social de idéias afins às suas. Por causa de seu ativismo, a ditadura militar daquele momento lhe tirou a cidadania brasileira. O casal passou a maior parte da década seguinte no exílio, principalmente no Chile, Canadá e México e só pôde retornar à sua pátria graças às leis de anistia. O IBASE, lançado com apenas três pessoas e um computador, "produzia", segundo escreveu Mac Margolis do *New*

Betinho

York Times, "pesquisa após pesquisa, revelando os males de uma sociedade marcada pela corrupção, falta de terra, violência e injustiça". Aos olhos de Betinho, disse Nakano quando *Desenvolvimento de Base* a entrevistou em seu escritório no Rio de Janeiro, "o IBASE se preocupava com a teoria, mas esta existia em função de sua aplicação à realidade".

Depois de que Betinho, que era hemofílico, foi fatalmente infectado pelo HIV durante uma transfusão de sangue em 1985, ele fundou a Associação Brasileira Interdisciplinar da AIDS (ABIA) que pressionou com êxito o governo a regular os bancos de sangue. Betinho também mudou a percepção do público quanto a aidéticos. "Creio que o fato de ele se apresentar como alguém infectado com o vírus", acrescentou Nakano, "automaticamente obrigava as pessoas com quem se encontrava face a face a ter uma atitude mas aberta sobre o assunto". A colaboração da IAF com Betinho, sob a forma de um investimento que atingiu quase US$650.000, começou com uma doação à ABIA em 1988 que se estendeu a dois suplementos e, em 1991, a uma doação anual ao IBASE durante cinco anos consecutivos. A última doação foi destinada à Ação da Cidadania Contra a Fome, Miséria e Pela Vida, uma imensa campanha contra fome e o desemprego levada a cabo em 1993. Este esforço atraiu mais de três milhões de voluntários, alimentou 16 milhões de pessoas e transformou Betinho, seu protagonista principal, em objeto de atenção internacional. Atualmente, o Brasil está revisitando esse grande êxito e continua aplicando importantes lições aprendidas no programa Fome Zero, recém inaugurado.

Nakano reconhece que foram feitos progressos com relação à AIDS e que a importância atribuída pelo atual Governo brasileiro ao combate à fome talvez seja conseqüência da Ação da Cidadania. No entanto, ela não vacila em indicar que outra das campanhas de Betinho, em prol dos meninos de rua, quase não deu resultado. "Os maiores desafios no Brasil continuam sendo os vinculados à desigualdade social", diz ela, "e aqui no IBASE estamos trabalhando por uma sociedade mais igualitária. Embora Betinho não esteja entre nós, a equipe que fez este trabalho ainda está aqui. Sem Betinho, é mais difícil captar o interesse do público. Era uma questão de carisma pessoal. Tudo o que ele dizia tinha repercussão."

Os brasileiros homenagearam Betinho dando seu nome a entidades tão diversas como uma escola de samba, um prêmio cívico e agora a um projeto habitacional em Jacarepaguá. Ao assistir a estas inaugurações, Nakano destaca o legado de seu esposo. Não obstante, insiste em que Betinho não teria querido que o IBASE vivesse no passado. Uma vez organizado o arquivo, ela escolherá uma instituição apropriada para conservar a "Memória de Betinho". "É minha responsabilidade", afirmou. "Betinho foi um homem que vivia no presente e participava muito dele. Determina-se o futuro de acordo com a forma como as pessoas resolvem as questões do presente".

Para obter informações mais detalhadas sobre o trabalho da IAF com Betinho, favor consultar "Os frutos da cidadania: A luta contra fome e a pobreza no Brasil", de John W. Garrison e Leilah Landim em *Desenvolvimento de Base*, Vol. 19, N° 2 (1995).

Colaboração transnacional: Piedras Blancas

Em fevereiro de 2004, 20 representantes de associações de salvadorenhos que vivem nos Estados Unidos se reuniram em Piedras Blancas (população 1.000), uma aldeia no departamento oriental de La Unión, a cerca de 110 quilômetros de San Salvador. Sua visita coincidiu com a realização anual de uma semana de duração que presta homenagem ao santo patrono da comunidade, ocasião para reuniões de familiares de piedrablanquenhos expatriados, alguns dos quais regressam ao torrão natal em novas "Trokas" 4x4 com ar acondicionado.

No entanto, os representantes das diversas associações estavam em Piedras Blancas com um propósito diferente: realizar sua primeira reunião oficial com autoridades comunitárias e governamentais para decidir juntos quais dos projetos de desenvolvimento apoiariam no ano seguinte. A CARECEN, um novo donatário da IAF, e a FUNDE, parceira no projeto apropriadamente intitulado "Salvadorenhos e salvadorenhas no exterior como vínculos do desenvolvimento local", ajudaram a coordenar o evento. Com uma doação da IAF, a CARECEN ajudará 20 aldeias semelhantes a Piedras Blancas a estabelecer vínculos com o governo local, atribuindo prioridade aos projetos de desenvolvimento por meio de processos de planejamento participativo e mobilizando apoio com associações nos Estados Unidos.

Entre as 50 pessoas que participaram da reunião havia representantes das associações de Boston, Los Angeles, Maryland, Manassas (Estado de Virgínia) e Houston, bem como o Prefeito de Pasaquina, o diretor da escola local, o assessor do Conselho de Prefeitos de La Unión e residentes de Piedras Blancas. O grupo identificou como prioridades a

Marcela Escobar e outros salvadorenhos ex-residentes de Piedras Blancas regressaram em fevereiro para discutir as prioridades de desenvolvimento da comunidade.

SEAN SPRAGUE

pavimentação das ruas da aldeia e a construção de um centro comunitário que alojará uma biblioteca, uma sala de conferências e espaço para atividades culturais. As associações e o prefeito comprometeram-se a contribuir cada qual 25% do orçamento para o projeto (estimado em US$200.000); os outros 50% serão solicitados ao Fondo de Inversión Social para el Desarrollo Local (FISDL) do Governo salvadorenho.

Dos 400 salvadorenhos de Piedras Blancas que agora vivem nos Estados Unidos, muitos estão empregados na indústria de construção. Coletivamente, estes ex-residentes enviam aproximadamente US$35.000 em remessas mensais para ajudar as suas famílias nas despesas básicas em um dos departamentos mais pobres de El Salvador. Seu apoio à pavimentação de estradas e ao centro comunitário representa contribuições além de suas remessas mensais. Os fundos são arrecadados por meio de festas, concursos, churrascos, rifas e doações de empresas. Além da promessa de enviar dinheiro, as associações já contribuíram significativamente para estes projetos com apoio não-monetário, porém baseado na experiência e aptidões de seus membros. José Antonio Gutiérrez, presidente da associação em Manassas e arquiteto profissional, e Misael Campos, dono de uma empresa de construção que reconstruiu parte do Pentágono e recentemente ganhou um contrato para a construção de um edifício da Social Security Association (Associação da Seguridade Social) em Baltimore, chegaram a Piedras Blancas com planos para a edificação do centro comunitário.

A ampla casa do pedrablanquenho Amado Reyes serviu de local para a reunião e duas antenas parabólicas no pátio confirmaram a observação do dono de que o processo de desenvolvimento já tinha começado. Isso foi corroborado por um comentário de Mariano Herrera, residente da vizinha aldeia de San Felipe, que tem dois filhos em Maryland — um vendedor de automóveis e o outro trabalhador em construção. "Ter vendido as sete vaquinhas que criei com sacrifício para enviar meus dois filhos ao 'Norte' há quinze anos foi o melhor negócio que fiz feito em minha vida", afirmou. "Hoje cada qual me envia US$300 mensais. Uso esse dinheiro para comprar mais gado que agora posso alimentar melhor". — *Rolando Gutiérrez, Serviços de Assessoramento e Ligação Local da IAF, El Salvador*

SEAN SPRAGUE

Uma doação da IAF à ADEMISS financiou 25 alçapões flutuantes para o cultivo de peixe. As comunidades beneficiárias utilizaram a renda obtida da venda da tilápia em outros 14 alçapões.

Gestão de desastres

A Agencia de Desarrollo Micro-Regional de los Municípios de Ilopango, Soyapango y San Martín (ADEMISS) recebeu em 2001 uma doação da IAF para ajudar cinco comunidades pesqueiras de El Salvador da margem norte do Lago Ilopango. Com o objetivo de aumentar a renda e facilitar o acesso aos serviços municipais, o donatário organizou cooperativas a fim de estabelecer tanques de piscicultura. No entanto, no meio do projeto esta ONG teve de enfrentar desafios imprevistos.

Em outubro de 2003, inundações devastadoras obrigaram o Governo salvadorenho a declarar a área como zona de desastre. As fortes chuvas produziram deslizamentos que tiveram como conseqüência a destruição de três tanques dedicados à piscicultura. A situação piorou quando um estudo de engenharia não somente confirmou que os tanques não poderiam mais ser utilizados, mas a mudança na topografia apresentava

uma ameaça à reconstrução no mesmo lugar. Com o apoio proporcionado pela IAF mediante uma emenda ao convênio e com a assistência em desenho do órgão de administração pesqueira do Governo salvadorenho, os tanques agora estão sendo reconstruídos em um novo lugar emprestado por um residente da comunidade que emigrou para os Estados Unidos.

Antes destas inundações, tinha havido em 2001 dois terremotos que já tinham afetado a margem sul do lago com o conseqüente deslocamento de terra e obstrução da drenagem dos poluentes industriais, uma preocupação ambiental de longa data. O Governo salvadorenho procurou desobstruir a drenagem depois dos terremotos, mas no fim do ano passado os pescadores temiam que a poluição estivesse próxima da margem norte do lago.

Para responder a esta situação, a ADEMISS ajudou a estabelecer a Asociación del Organismo de Cuenca del Lago de Ilopango (ASOCLI), uma organização ambiental que reúne seis comunidades nas periferias do lago, quatro departamentos da Universidade de El Salvador e 20 grupos comunitários, incluindo dois outros donatários da IAF, a saber, a Fundación para el Fomento de Empresas para la Recolección y Tratamiento Ambiental de los Desechos Sólidos (ABA) e o Centro de Protección para Desastres (CEPRODE). Dedicada à promoção e à ação, a ASOCLI está agora fazendo lobby junto ao governo em uma nova tentativa de reparação do sistema de drenagem e está ajudando os moradores locais a assumirem mais responsabilidades na implementação de mudanças.

Uma de suas primeiras atividades foi organizar um "dia de limpeza do lago" que mobilizou crianças de idade escolar para limpar a área pública de lazer, mergulhadores da Marinha para recolher o lixo fora de costa e residentes das comunidades periféricas ao lago, incluindo beneficiários da ADEMISS, para se unirem aos trabalhadores municipais no trabalho de limpeza das margens de seus bairros. A IAF destinou fundos adicionais para um teste minucioso da poluição do lago causada por esgotos e metais pesados. No próximo ano, os relatórios dos biólogos marinhos sobre as condições da água e a saúde dos peixes e algas do lago serão postos à disposição da ASOCLI, das cinco comunidades beneficiárias de ADEMISS, do Governo e da imprensa para serem utilizados na restauração de um ambiente saudável à vida marinha. — *Kathryn Smith Pyle, Representante da IAF para El Salvador*

SEAN SPRAGUE

Construyendo capacidades colectivas: Fortalecimiento organizativo de las federaciones Campesinas-indígenas en la Sierra ecuatoriana

Editor: Thomas F. Carroll
Quito, Equador: 2002
Disponível em espanhol
Resenha de William F. Waters

Entre as lições aprendidas da experiência proporcionada por décadas de trabalho no desenvolvimento rural da América Latina, duas destacam-se sobre as demais. A primeira é que uma organização local de êxito não é simplesmente o produto de normas, crenças e valores compartilhados, mesmo combinados com uma liderança dedicada que atue em nome de uma comunidade mais ampla. Ao contrário, aprendemos que, para alcançar seus objetivos e fins, os grupos locais devem desenvolver as mesmas aptidões de outros tipos de organizações e que sua avaliação é mais acertada quando baseada em critérios semelhantes. Isto não significa que as circunstâncias locais e as características culturais não sejam importantes e não devam ser levadas em conta na análise do progresso no nível local. No entanto, critérios claros e objetivos podem ser estabelecidos e usados para monitorar e avaliar o grau de eficiência com que as organizações locais atendem às necessidades de seus membros. A segunda lição tem origem no universo de camadas múltiplas das organizações que representam grupos de zonas geográficas e limites jurisdicionais diferentes. As organizações nacionais e de nível comunitário são bem conhecidas dos pesquisadores e profissionais do desenvolvimento. Menos conhecidas são as organizações que representam grupos de comunidades e que podem estar afiliadas a organizações nacionais.

Tom Carroll denomina este tipo de organização como intermediária ou com o termo usado no Equador: organizações de segundo grau (OSG). Carroll é um dos pioneiros do estudo das duas lições mencionadas anteriormente. Durante uma vida dedicada ao serviço do

desenvolvimento rural, ele produziu diversas obras que contêm ferramentas conceituais e metodológicas, particularmente para a análise das comunidades camponesas indígenas. Há apenas pouco mais de uma década, por exemplo, no livro *Intermediary NGOs: The Supporting Link in Grassroots Development* (West Hartford: Kumariam Press), talvez sua obra mais conhecida no gênero, Carroll desenvolveu a metodologia que utiliza critérios objetivos para avaliar a função das organizações de segundo grau. [Nota do redator: O livro Intermediary NGOs foi comissionado pela IAF.]

Construyendo capacidades colectivas representa uma contribuição de grande envergadura à literatura do desenvolvimento. Como bem sugerem seu título e subtítulo, o livro examina a capacidade organizacional local no planalto equatoriano. Um dos propósitos do livro é entender e medir a capacidade organizacional das organizações de segundo grau no tocante à interação com seus membros e com atores externos, tais como as ONGs, a igreja, o governo e os organismos internacionais. Porém, o mais importante é o fato de o livro introduzir e testar uma metodologia para medir diversos aspectos da capacidade organizacional e, neste sentido, utilizar critérios objetivos sob a forma dos indicadores anteriormente determinados. Este enfoque aplica-se a quatro estudos de caso do

planalto equatoriano, embora se refira a um estudo mais amplo que também inclui a Bolívia e o Peru.

A organização do livro é inusitada. A melhor maneira de descrevê-la é utilizar a palavra "interativa". Carroll é autor de parte substancial do livro, bem como seu editor, e nesta última função, faz comentários e convida os leitores a fazer o mesmo a respeito dos capítulos escritos por outros colaboradores. Apresenta também em destaque idéias-chave e úteis depois de cada uma das cinco seções principais. Insta o leitor a ler essas seções primeiro, o que, dada a complexidade do livro, é um bom conselho.

A primeira seção da autoria de Carroll apresenta o "contexto conceitual-metodológico". O âmbito conceitual baseia-se na teoria do capital social, usado de maneira mais ou menos intercambiável com o termo "capacidade organizacional". A metodologia consiste em entrevistar líderes e residentes de uma comunidade e depois atribuir um valor numérico às suas respostas. Há sete categorias amplas relacionadas com a capacidade organizacional (liderança, participação, cultura organizacional, mobilização e uso de recursos, sustentabilidade, mediação e negociação e relações e parcerias) divididas em 40 variáveis e 103 indicadores. Esta seção também explica como foram selecionadas as quatro organizações de segundo grau e compara-as com base em variáveis e indicadores.

A segunda seção apresenta os quatro estudos de caso, cada qual de autoria de um acadêmico ou profissional equatoriano que apresenta uma análise de dados obtidos nas entrevistas e quantifica os diferentes aspectos da capacidade organizacional. Essa análise é seguida de um ensaio detalhado sobre o desenvolvimento histórico e político de cada organização. Dois dos quatro estudos de caso incluem comentários de líderes indígenas.

A terceira seção do livro é inusitada porque se compõe de sete ensaios que criticam o âmbito conceitual e metodológico do livro. Vários dos ensaios são apresentados como diálogos do tipo perguntas e respostas com Carroll. Na quarta seção, Carroll apresenta uma reformulação de sua metodologia e de seus pensamentos em uma aplicação mais ampla. Nesta mesma seção, retorna a um tema recorrente que descreve como ambigüidades e tensões que representam as demandas competitivas por recursos, capacidades e lealdades das organizações de segundo grau. Por último, os quatro anexos contêm um ensaio sobre capital social, uma crítica da metodologia (inclusive uma consideração sobre a utilidade das categorias, variáveis e indicadores) e os instrumentos utilizados para coletar e tabular os dados indicados nos estudos de caso.

Podemos tirar conclusões importantes destas duas lições mencionadas anteriormente. Primeiro, Carroll demonstra com razões de sobra (e apoiadas em várias críticas, sobretudo a de Kevin Healy, Representante da IAF), que a organização local não é uma empresa "complacente". O êxito no nível de segundo grau (que surge como unidade sensível de análise) requer conformidade de pareceres a respeito de temas decisivos, tais como o papel das organizações nacionais e internacionais de apoio; interpretações opostas do significado de sustentabilidade; possível conflito entre os benefícios coletivos de um regime democrático, por um lado, e as normas administrativas e a estabilidade, por outro; diferenças em prática política, conceitos e prioridades nas organizações; e atribuição de prioridade aos projetos de desenvolvimento em contraposição ao desenvolvimento do capital social.

A segunda lição diz respeito à metodologia. Correndo o risco de simplificação excessiva, pode-se afirmar que há uma desconfiança geral dos métodos quantitativos entre os profissionais do desenvolvimento na América Latina e até nos círculos acadêmicos, em parte pela impressão de não levarem em conta aspectos singulares de cada caso. Os quatro estudos de caso refletem certa ambigüidade no tocante à metodologia no sentido de que os ensaios descritivos e históricos não incorporam os resultados das análises quantitativas anteriores. Além disso, os quatro casos são comparados levando em conta as categorias e as variáveis na primeira seção do livro antes de terem sido analisadas separadamente, de modo que o leitor encontra dificuldades em colocar os resultados em um contexto.

Carroll propõe uma metodologia que seja um instrumento flexível do monitoramento e da avaliação da capacidade organizacional e, ao incluir as críticas a seu enfoque, bem como as variáveis e indicadores que utiliza, assinala que sua metodologia não está escrita em pedra. Carroll adota esta posição na quarta seção,

na qual faz uma análise de mais de 200 organizações de segundo grau equatorianas. Conclui-se que, se este enfoque for seguido cuidadosamente e se for adaptado judiciosamente por pessoas familiarizadas com casos específicos, demonstrará claramente como as organizações se comportam no tocante à capacidade organizacional em geral e, o que é mais importante, no que diz respeito a fatores específicos, tais como capacidade de gestão, relações com membros e responsabilidade financeira. Por exemplo, os autores dos estudos de caso mostram que as organizações obtêm qualificações muito altas em algumas escalas, porém mais baixas em outras e que uma das quatro organizações é classificada muito abaixo das outras três. Este dado pode ser muito útil e até mesmo vital para as pessoas diretamente interessadas nessas organizações. Da mesma forma, em sua análise concludente, Carroll mostra que, entre mais de 200 organizações de segundo grau, a maioria classifica-se na zona média e média alta de distribuição. Os instrumentos podem então discriminar entre organizações e entre capacidades organizacionais diversas. Pode-se questionar se estas variáveis e indicadores selecionados para cada categoria são os mais adequados, mas é igualmente um tema aberto à livre discussão e modificação.

Em suma, o livro requer trabalho e dedicação por parte do leitor. Não pode ser deglutido de capa a capa, mas usado mais como livro de referência. O propósito fundamental do livro é apresentar um caso convincente para a análise objetiva de organizações de segundo grau como protagonistas-chave no desenvolvimento rural. Ao avaliarem a metodologia e os estudos de caso à luz das próprias experiências, os leitores chegarão à conclusão de que o enfoque não só é válido mas também útil. Será uma lição difícil de aprender mas, em última análise, muito gratificante.

William F. Waters, Ph.D. é professor do Departamento de Saúde Global e do Centro para Saúde Global da Faculdade de Saúde Pública e Serviços de Saúde da Universidade George Washington. Para encomendar o livro Construyendo capacidades colectivas*, favor dirigir-se à Fundación Heifer Equador, Calle Tamayo 1313 con Salazar, Quito, Equador (593-2-2908-985 ou 2501-427) ou enviar e-mail a monicanavarrete@heifer-ecuador.org.*

Todas as fotos destas seções são da Unión de Organizaciones Campesinas de Cicalpa (UOCACI), uma federação equatoriana de 24 populações indígenas e 37 organizações comunitárias que recebeu uma doação da IAF em 1988.

Algumas lições para a criação da capacidade organizacional

De Thomas Carroll de Construindo capacidades coletivas

Todas as fotos: Miguel Sayago

Este artigo é um extrato revisto do capítulo final de meu livro, que examina o fortalecimento da capacidade organizacional de diversas federações camponesas indígenas do altiplano andino. Os agentes externos que ajudaram a "induzir" ou a criar esta capacidade (que é uma forma estrutural de capital social) foram principalmente ONGs locais e grupos de igrejas financiados com apoio europeu. As mudanças na capacidade organizacional não só foram objeto de observação nos estudos qualitativos realizados no campo, mas também de medição com um grande número de indicadores aos quais foram atribuídos valores numéricos para permitir a quantificação.— T.C.

Estratégias para a criação de capacidade

A lição mais evidente tirada de nossos estudos é que o nível relativamente elevado de capacidade organizacional alcançado pelas federações camponesas com o escore mais alto é o resultado do apoio paciente e de longo prazo proporcionado por agentes externos. Estes agentes estavam tão interessados no empoderamento do grupo como no objetivo mais convencional de prestar serviços no nível da base. Neste processo, a contribuição de recursos financeiros caminhou lado a lado com a melhoria de um aprendizado individual e social.

Cumpre notar também a transferência gradual de responsabilidades para os atores locais, porém com a ajuda de assessores permanentes, o que tendeu a diminuir em etapas posteriores. Essas interações entre os agentes externos e internos não têm estado isentas de conflitos e altos e baixos muitas vezes causados por fatores fora do controle dos participantes. Por conseguinte, os agentes externos têm precisado assumir riscos e uma atitude flexível que freqüentemente tem resultado em mudança de estratégia a meio caminho. De fato, este processo não-linear implica um tipo de aprendizado mútuo, ou seja, enquanto nas etapas iniciais as federações se familiarizaram com os novos tipos de comportamento coletivo e moderno, os profissionais externos (com seu quadro de pessoal em grande parte mestiço) aprenderam a socializar mais e a adaptar-se a um ambiente transcultural. Portanto, o êxito dessas causas é em grande parte atribuído ao desenvolvimento da confiança mútua, sem as expressões de dominação e inferioridade que geralmente caracterizam o encontro entre o mundo camponês indígena e o mundo profissional urbano branco/mestiço. Tampouco devemos subestimar a importância de fortalecer a autoconfiança e a dignidade dos dirigentes e paraprofissionais.

Esta visão ex-pós não pode ser atribuída a uma intenção deliberada ou a um planejamento sistemático ex-ante por parte dos organismos. A dinâmica se desenvolveu no decorrer do processo. Mas evidente é o fato de alguns organismos que proporcionaram financiamento, especialmente de fontes européias, estarem altamente comprometidos em apoiar os esforços de longo prazo. O compromisso financeiro e estratégico desses organismos com a criação da capacidade organizacional é claramente demonstrado no caso da Federación de Organizaciones Populares de Ayora Cayambe (UNOPAC), uma das federações da altiplano equatoriano que obteve os escores mais altos em nossa amostragem. A equipe assessora, constituída por jovens profissionais selecionados pelas ONGs locais, trabalharam continuamente na organização durante 10 anos, embora o tamanho da equipe se tenha reduzido gradualmente e nos primeiros cinco anos a contribuição externa, principalmente de ajuda bilateral norueguesa, tenha ultrapassado o montante de US$100.000 por ano.

Nota-se uma variação na função dos atores externos durante o processo de fortalecimento da capacidade organizacional. Três aspectos-chave sobressaem nos estudos sobre capacidade organizacional. Primeiro, os agentes externos contribuíram com recursos (ou facilitaram o acesso a outras fontes) para

capitalizar as federações, para fazer investimentos no treinamento do capital humano e para os sistemas administrativos e infra-estrutura. Segundo, facilitaram o desenvolvimento de vínculos externos e construíram pontes entre as federações e outros atores. Terceiro, promoveram o fortalecimento interno das organizações, o que exigiu muita habilidade e tato por parte dos agentes e um conhecimento profundo das características internas e específicas de cada uma das federações e de seu contexto local. É evidente que poucos doadores podem funcionar desta forma e muitos precisaram depender de suas contrapartes locais para estabelecer estes tipos de relações. Em vários dos casos estudados, a promoção da capacidade interna implicou intervenções para solucionar conflitos em momentos críticos.

É interessante observar que, embora algumas federações tenham origem no apoio proporcionado por ações estatais, a função do governo na criação da capacidade organizacional não tem tido êxito devido, entre outras razões, à falta de autonomia conferida às federações camponesas incipientes e, especialmente, à falta de continuidade do apoio do Estado em períodos prolongados e durante as mudanças de regime.

Outra lição tirada dos casos é a seguinte: sem a presença dos atores externos, as federações teriam tido dificuldade em desenvolver uma cultura de responsabilidade e de prestação de contas. Parece que este aspecto da capacidade organizacional, unido à necessária transparência de comportamento, não surge espontaneamente das federações, cuja própria natureza, por estar acima dos grupos de base, impede interações diárias que costumam promover a responsabilidade no nível comunitário. Na etapa inicial das federações, quando as relações entre a base e as federações são ainda débeis, é difícil estabelecer um controle social de baixo para acima. Portanto, os agentes externos devem transformar-se, de certa forma, em supridores desse controle social enquanto fortalecem as capacidades. Somente depois de consolidadas as relações com as bases é possível esperar que o controle social provenha dos membros.

É também interessante notar a experiência de algumas ONGs bolivianas na formação de redes entre os atores micro-regionais. Essas ONGs definiram sua função como arquitetos do fortalecimento da capacidade nos múltiplos níveis existentes em uma região. Isso implicou a colaboração simultânea com comunidades, federações e — acontecimento muito raro — com outras ONGs, com outras fontes de financiamento e até mesmo com os governos municipais e conselhos de desenvolvimento de províncias. Desta maneira, criaram vínculos entre as organizações do setor civil e entre estas e o governo municipal. Algo parecido sucedeu no cantão de Guamote, Equador, onde pela primeira vez as federações indígenas, originalmente ajudadas por ativistas católicos, assumiram o controle do município.

Investimentos-chave de baixo custo

Gostaríamos de indicar algumas opções de investimentos/ações de custo muito baixo com potencial de aumentar a coesão e a integração das federações. Devido à heterogeneidade das comunidades de base com relação à disponibilidade de recursos e dada a viabilidade econômica diversa dos domicílios-membros, chegamos à conclusão de que os projetos econômicos/produtivos têm conseqüências excludentes. Em tais condições, os investimentos produtivos beneficiam invariavelmente camponeses com mais recursos e maior nível de instrução. Uma boa estratégia é procurar equilibrar estes efeitos com atividades includentes que resultem na distribuição mais ampla dos benefícios:

- investimentos em todos os tipos de informação/comunicações (transmissores de rádio, boletins, acesso por computador, telefones, divulgação de informações econômicas úteis, por exemplo, sobre preços, mercados e fontes de emprego);
- assistência jurídica, especialmente no tocante à posse da terra e aos direitos de água e ajuda aos membros para resolver seus constantes problemas com a burocracia;
- instalações de usos múltiplos (na sede da federação e nas próprias comunidades que incluam serviços sanitários adequados, cozinhas e creches) capazes de desempenhar uma função-chave na socialização e nos intercâmbios como meio de estabelecer serviços diversos, lojas comunitárias, serviços de saúde de extensão e reuniões de comissões e atividades culturais;
- promoção de todo tipo de capital simbólico/cultural e investimentos nos mesmos, — festas, atividades desportivas e feiras — que, como demonstram os estudos de caso, aliviam as tensões e fortalecem os vínculos intercomunitários e entre os grupos urbanos e rurais;
- ajuda e estímulo para que sejam formados vínculos horizontais entre as federações por meio do intercâmbio de experiências, subsídios de viagem, workshops em comum e, em última análise, parcerias para formular políticas comuns.

Assistência "projetiva": A função controversa dos projetos

O fato de que quase toda a ajuda financeira e a assistência técnica sejam proporcionadas sob a forma de "projetos" tem gerado muita crítica. A maioria das objeções provém da artificialidade imposta por um projeto — com suas próprias exigências a respeito de prazo, ciclos de planejamento e fluxo predeterminado de recursos superpostos ao ritmo diário da vida organizacional. O conceito teve origem na conexão com o financiamento dos investimentos na infra-estrutura, uma atividade que pode ser planejada com uma data de início e uma data de encerramento, mas agora aplicada a todo tipo de atividades. Outro conjunto de argumentos negativos baseia-se nos requisitos mais recentes dos doadores a respeito de participação popular, bem como de sustentabilidade financeira e ambiental, o que não só implica um período mais prolongado para os projetos, mas também um investimento mais substancial e mais esforços antes e depois do período formal do projeto.

Contrapõem-se a essas críticas os argumentos em prol do formato projetivo. Primeiro, o âmbito projetivo impõe uma disciplina e ajuda no planejamento e no controle financeiro. Segundo, nossa experiência tem demonstrado que o sistema projetivo, segundo aplicado pelos principais doadores, possibilita certa flexibilidade e adaptação à natureza e ao ritmo das atividades financiadas. Além disso, o modo "projetivo" de assistência não era impedimento para a Fundação Interamericana e outros doadores, os quais simplesmente prorrogaram os períodos de financiamento dos donatários por meio de uma sucessão de projetos para os mesmos donatários e com propósitos semelhantes. De fato, esta fórmula de realização seqüencial de projetos possibilitou que alguns doadores aproveitassem experiências anteriores para fazer ajustes sem perda da continuidade. Entre estes doadores figuram organismos europeus como o COTESU (Suíça), a APN (Noruega), o DED (Alemanha, Serviço de Cooperação Social–Técnica) e a IAF. É óbvio que este tipo de flexibilidade é menos viável para os organismos multilaterais, cujos procedimentos, especialmente os referentes a aprovações e compras, são mais rígidos e complicados. No entanto, os projetos em etapas não refletem necessariamente um interesse maior no fortalecimento institucional.

Temos observado que, como política para a criação

de capacidades, é extremamente importante assegurar que os "projetos" se orientem para atividades em andamento e as apóiem. Com outras palavras, os projetos específicos de investimento devem apoiar os objetivos principais de longo prazo da organização. Existe a tendência lamentável entre os doadores de favorecer "novos" métodos mesmo em situações em que seria melhor apoiar e ampliar as atividades em andamento. Percebemos que os doadores e as ONGs nacionais participam de colaborações de longo prazo em conformidade com certos temas especiais (irrigação, crédito, silvicultura) que têm possibilitado às federações normalizar essas atividades e procurar financiamento para ampliá-las, em vez de ficarem sujeitas à lista em perene mutação de programas de assistência externa.

Em conclusão, a nosso ver, a assistência "projetiva" não é em si mesma um obstáculo para a consolidação de uma organização, contanto que seja gerenciada com flexibilidade e atenção à continuidade. Depois de uma abordagem à assistência rural de tipo individualista e voltada para o pequeno empresário, os doadores regressam agora ao desenvolvimento "baseado na comunidade". A tendência dos diversos doadores de dispersar seus miniprojetos sem se interessar com a estrutura organizacional de uma região pode ter efeitos negativos sobre o empoderamento dos camponeses. Destaca-se uma importante lição: é imperativo não só uma coordenação entre os doadores, mas também a compreensão, por parte dos atores externos, a respeito da complexidade do panorama institucional e assegurar que suas contribuições fortaleçam, em vez de debilitar, as capacidades associativas e interorganizacionais. As avaliações institucionais, essenciais para um bom desenho de projeto, quase nunca figuram entre os estudos preliminares requeridos pelas entidades de financiamento.

Autonomia financeira

Conseguir autofinanciamento dos projetos, pelo menos parcialmente, tem sido há algum tempo preocupação dos doadores e analistas. No entanto, ainda há pouca compreensão a respeito da necessidade de proporcionar gradualmente às federações uma base financeira firme para que suas despesas recorrentes sejam custeadas principalmente pelos próprios recursos. Com a exceção da capacidade organizacional das juntas de água (associações de irrigação), não há quase nenhuma contribuição em dinheiro ou pagamento dos membros e são poucos os casos em que a organização capitaliza a renda das empresas. Este fato tem repercussões em outras esferas. Por exemplo, é difícil oferecer emprego a jovens qualificados para que a federação possa conseguir os próprios profissionais.

É certo que na maioria dos casos temos visto contribuições substanciais, sob a forma de mutirão, para os projetos com interesse comum e, além disso, que nas federações mais consolidadas os membros mobilizam muito trabalho voluntário. No entanto, o dinheiro é outro problema, uma vez que é difícil levantar fundos na ausência de uma relação direta entre benefício pessoal e contribuições ou cotas.

Atualmente, há diversas federações que subsidiam parte das despesas anuais (a maior parte em salários) graças ao pequeno rendimento proveniente de uma série de miniprojetos produtivos, tais como lojas, moinhos e a venda de insumos agrícolas. A UNOPAC tem um convênio em virtude do qual cada microempresa — incluindo as que não operadas pela federação — contribuem com uma percentagem para as despesas essenciais de manutenção da organização.

A pior maneira de subsidiar as federações é assumir as despesas operacionais recorrentes. Na maioria dos casos, há razões que justificam alguns subsídios, tais como prestação de assistência técnica, treinamento e capitalização inicial. Mas os líderes das organizações sempre exercem muita pressão para financiar as despesas e muitos organismos são incapazes de resistir. Até mesmo a IAF, em seu programa na Bolívia, tem pago salários e despesas operacionais a federações tipo empresa durante muitos anos consecutivos, sem negociar a defasagem desse apoio.

O problema do autofinanciamento relaciona-se estreitamente a outro que chamaremos de "cultura do presente". À medida que as federações se vão fortalecendo, o financiamento por meio de empréstimos deveria ter uma função mais importante do que as doações. Os empréstimos individuais e coletivos ajudam a criar uma cultura organizacional de obrigações recíprocas capazes de modificar as expectativas clássicas

dos camponeses de que eles têm uma espécie de "direito adquirido" a receber serviços gratuitos do governo ou de outros organismos. A sustentabilidade depende, em grande parte, da mudança dessa mentalidade.

Desenvolvimento de recursos humanos

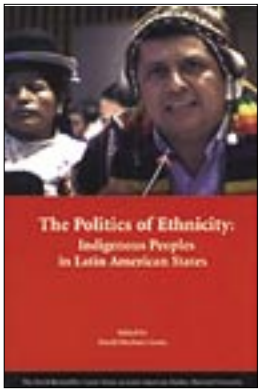
Nossa pesquisa demonstra que a melhoria dos recursos humanos é a pedra angular de qualquer esforço destinado a fortalecer uma organização e deve ser o desafio principal dos agentes externos. Apesar de sua longa história, o treinamento talvez seja o instrumento que mais se aplica, porém o menos entendido no repertório da assistência externa. Os requisitos de treinamento dos diversos níveis organizacionais — líderes, promotores de direitos ou paraprofissionais e membros — precisam ser abordados em conjunto. Percebemos que o que se chama treinamento em questões "sócio-organizacionais" geralmente carece de uma base profissional sólida e não focaliza suficientemente a solução dos problemas organizacionais do dia-a-dia.

A lição metodológica mais importante para o desenvolvimento de recursos humanos é a transferência da sala de aula para o terreno. O treinamento mais eficaz foi o método de "aprendizado na prática". A presença prolongada de assessores e promotores possibilitou um processo mediante o qual os participantes designados pela organização trabalharam como colegas e contrapartidas do perito. As classes formais e seminários em centros designados de ensino alternaram com os exercícios práticos supervisionados. Um dos critérios de seleção dos participantes era o compromisso de, ao regressarem, utilizar seus conhecimentos para ajudar a respectiva comunidade ou a federação e não simplesmente em beneficio próprio.

No início pensamos que as federações poderiam adquirir gradualmente o próprio pessoal técnico qualificado em agronomia, silvicultura, direito ou engenharia hidráulica. No entanto, chegamos à conclusão de que, salvo em casos muito específicos de empresas coletivas dedicadas à produção avançada de exportações, como El Ceibo (uma cooperativa boliviana de cacau e donatária da IAF), as federações não têm a capacidade de autofinanciar peritos de alto nível profissional. Além disso, o alcance limitado da maioria das federações não justifica a utilização, em tempo integral, desses técnicos que, de qualquer forma, preferem viver e trabalhar nas zonas urbanas. Ao contrário, a estratégia recomendada é treinar um bom número de paraprofissionais locais e contratar peritos de alto nível conforme necessário, individualmente ou por meio das ONGs. Encontramos casos interessantes em que os jovens agrônomos indígenas formaram as próprias organizações profissionais depois de regressar aos respectivos centros provinciais com formação universitária. É mutuamente mais eficaz para as organizações locais camponesas contratar estes profissionais locais conforme necessário e não individualmente em tempo integral.

Concluímos que mesmo em organizações relativamente grandes, a eficácia está vinculada à existência de grupos relativamente pequenos que aprenderam a cooperar e a solucionar conflitos. Isto é coerente com a experiência mundial em sociologia organizacional, segundo a qual os vínculos e as relações de apoio mútuo criados entre as equipes ou os subconjuntos relativamente pequenos de membros são cruciais para o sucesso da organização como um todo. A lição é que o tamanho do "grupo núcleo" nas federações deverá ser aumentado com o tempo mediante o treinamento de mais pessoas com vínculos transversais dispostas a assumir cargos formais e informais de liderança. Isto reforça a necessidade de "socializar" os programas de treinamento a fim de destacar o valor do progresso do grupo sobre o benefício individual.

Thomas F. Carroll, economista agrícola, foi especialista em residência de 1989 a 1990 na IAF. Foi professor da Faculdade de Governo John F. Kennedy School da Universidade Harvard e da Universidade George Washington. Também trabalhou no Banco Interamericano de Desenvolvimento e na Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação. Seu livro Intermediate NGOs *baseia-se nas experiências adquiridas pela IAF durante duas décadas.*



The Politics of Ethnicity: Indigenous Peoples in Latin American States (A identidade étnica no contexto político: as comunidades indígenas nos Estados latino-americanos)

Editor: David Maybury-Lewis

Harvard University Press: Cambridge, 2002

Disponível em inglês

The Politics of Ethnicity, editada por David Maybury-Lewis, contém as opiniões de 11 antropólogos sobre os movimentos indígenas do México, Guatemala, Panamá, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai e Brasil e sobre as relações entre as comunidades indígenas e os respectivos governos.

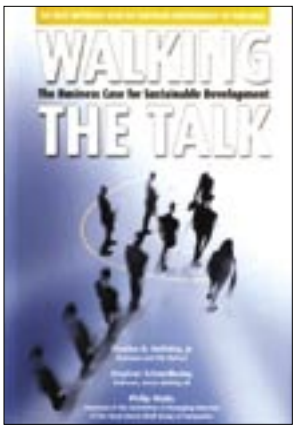
Na América Latina têm sido diferentes os resultados das demandas indígenas em busca do reconhecimento e da demarcação de seus territórios. Os mais bem-sucedidos foram os kunas, do Panamá, que obtiveram desde o início os 5.000 quilômetros quadrados hoje conhecidos como a Comarca de Kuna Yala. Na Colômbia, os grupos indígenas são proprietários oficiais de 25% do total da terra, mas uma grande parte situa-se em áreas florestais e montanhosas que estão sob o controle de grupos guerrilheiros. Os indígenas do Brasil, que constituem menos de 1% da população desse país, têm enfrentado uma resistência muito maior às suas demandas de reconhecimento de terras e direitos culturais. Este livro contribui para a compreensão dos processos sociais que surgem quando se pressiona o atendimento dessas reivindicações e por que alguns governos são mais receptivos que outros.

A década de 1970 presenciou uma abertura política em toda a América Latina que ofereceu aos grupos indígenas uma oportunidade sem precedentes de fazer valer suas reivindicações no âmbito das instituições governamentais. No entanto, para influenciar as políticas, com freqüência os indígenas precisavam ajustar-se às definições do governo no tocante à sua identidade étnica. Vários capítulos de *The Politics of Ethnicity* examinam as implicações de uma identidade imposta de fora. Em um caso extremo, a definição imposta pelo Governo da Guatemala permitiu atribuir a índios inocentes as ações brutais das forças militares contra as populações indígenas. Conseguindo convencer alguns índios, o Governo perpetuou por muitos anos as dúvidas e o temor entre as comunidades indígenas. Na Colômbia, a aprovação de direitos agrários especiais para os indígenas provocou uma transformação seletiva de culturas e gerou um exagero das características que o Estado identificou como "tradicionais". Em alguns casos, grupos camponeses não-indígenas criaram para si próprios antecedentes indígenas a fim de aproveitar os benefícios especiais concedidos aos índios. Na década de 1980, a maior interação com organizações internacionais ecológicas e de direitos humanos estimulou ainda mais a adoção de uma identidade imposta. Hoje, a identidade indígena continua a ser uma questão extremamente controversa. Vários escritores mencionados neste livro falam do perigo de impedir o processo natural de renovação cultural ao se obrigar um grupo a liofilizar sua cultura.

A demanda de autonomia é outro denominador comum das experiências relatadas nestes capítulos. Além do reconhecimento e aceitação de sua cultura, os grupos indígenas da América Latina insistem em manejar os próprios assuntos de acordo com os costumes locais. Em um nível mais amplo, isto implica a integração de suas estruturas de governança local no aparato político nacional. Em diversos países a resposta do governo foi conceder uma autonomia limitada aos grupos indígenas reconhecidos.

Por último, *The Politics of Ethnicity* examina habilidosamente a demanda indígena universal de estados multiétnicos. Embora diversos governos latino-americanos tenham atualizado a respectiva constituição para reconhecer a formação pluricultural de sua população, outros, como o México e o Brasil, recusam-se a fazê-lo por medo de conceder aos grupos indígenas demasiada autonomia. Mesmo em Estados que oficialmente reconhecem a sua situação de multiétnicos, o cumprimento errático com freqüência impede o exercício dos direitos garantidos pela constituição.

Maybury-Lewis compilou uma seleção impressionante de conhecimentos e análise. Cada autor fala com voz distinta e, no entanto, o livro flui como uma única história inspiradora. *The Politics of Ethnicity* apresenta com clareza e sensibilidade notáveis os assuntos complexos que os indígenas latino-americanos enfrentam em sua luta diária por encontrar sua expressão e fazê-la ouvir no próprio país. – *Megan Savage, Estagiária da IAF*



Walking the Talk: The Business Case for Sustainable Development (Aplicar o que se prega: os argumentos das empresas em favor do desenvolvimento sustentável)

Autores: Charles O. Holliday, Jr., Stephan Schmidheiny e Philip Watts

Greenleaf Publishing Limited, San Francisco, 2002

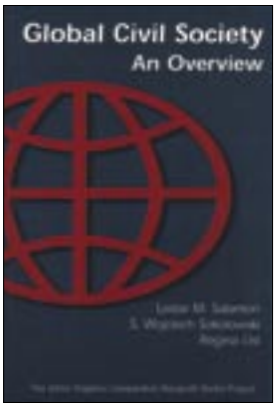
Disponível em inglês

Walking the Talk: The Business Case for Sustainable Development procura expor os argumentos em favor da participação do setor empresarial nas práticas de desenvolvimento sustentável. Os autores, todos executivos de empresas multinacionais, são presidentes e ex-presidentes do Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável (WBCSD), que surgiu da Cúpula da Terra realizada no Rio de Janeiro em 1992.

Este livro é um recurso valioso para qualquer empresa que queira participar de atividades relacionadas com o desenvolvimento sustentável. Entre os temas abordados figuram os marcos jurídicos, a ecoeficiência, a responsabilidade social corporativa, o mercado de produtos ambiental e socialmente saudáveis, o valor da inovação e parceria com outros setores e a redução da pobreza. Os casos e comentários são tirados de empresas que já operam em países desenvolvidos e países em desenvolvimento.

Os autores apresentam informações de muito boa qualidade e novas recomendações sobre temas ambientais. Promovem também incentivos legais para estimular a adoção de práticas empresariais ambientalmente responsáveis, a eliminação de subsídios perversos que provocam o esgotamento de recursos naturais escassos e a incorporação dos custos ambientais nos preços de produtos. Por último, mostram como as empresas podem reduzir seu impacto negativo sobre o meio ambiente passando de um enfoque na fabricação e venda de mais produtos a um enfoque na prestação de serviços e fluxos de conhecimentos, bem como criando circuitos fechados de produção que não produzam dejetos.

Se, por um lado, os temas ambientais são o ponto forte deste livro, por outro lado os assuntos sociais constituem sua debilidade comparativa. Embora os autores reconheçam que o conceito de desenvolvimento sustentável inclui um forte componente de justiça social e dêem ênfase à importância de aliviar a pobreza, o livro não indica de forma eficaz como as empresas podem contribuir para a redução da pobreza nem defende as vantagens de fazê-lo. Instam as empresas a proporcionar produtos de alta qualidade e baixo custo às comunidades de baixa renda e assinalam o microcrédito como mecanismo para incorporar os pobres no mercado. Porém, embora o acesso a produtos de consumo melhores e mais econômicos melhore as condições de vida, não pode romper o ciclo da pobreza e não ataca as causas fundamentais. Produtos mais econômicos e maior poder de aquisição podem ser resultados eventuais do desenvolvimento, mas não conduzem a ele. Alguns casos apresentados neste livro ilustram como algumas empresas formam parceria com organizações comunitárias e de outro tipo para abordar os problemas enfrentados pelas pessoas de baixa renda. No entanto, os autores nunca estabelecem a relação entre este enfoque, o surgimento de sociedades mais saudáveis e a existência de empresas mais lucrativas. — *Karen Juckett, Assistente de Programas da IAF*



Global Civil Society: An Overview (A sociedade civil mundial: Uma visão geral)

Autores: Lester M. Salamon, S. Wojciech e Regina List

Projeto comparativo da Johns Hopkins sobre o setor sem fins lucrativos: Baltimore, 2003

Disponível em inglês

Em 2002, *Desenvolvimento de Base* publicou o artigo "O terceiro setor sob uma perspectiva mundial", no qual Lester Salamon comentava a "revolução associativa mundial", uma referência à proliferação de organizações não-governamentais e de outras entidades sem fins lucrativos e os desafios que elas enfrentam. *Global Civil Society: An Overview,* publicado em 2003 pelo Projeto comparativo da Johns Hopkins sobre o setor sem fins lucrativos, expande essas idéias e proporciona alguns dos fundamentos empíricos das conclusões a que chegam Salamon e seus co-autores.

CORTESIA DE LA UNIVERSIDADE JOHNS HOPKINS

Lester M. Salamon

O Projeto comparativo da Johns Hopkins sobre o setor sem fins lucrativos funciona desde 1991 e dedica-se a coletar informações sobre as organizações que, por definição, estão entre o mercado e o Estado. Procura também explicar as variações nacionais e regionais do terceiro setor, avaliar seu impacto e eficácia e divulgar os resultados das pesquisas. O estudo inclui grupos que prestam serviços nas áreas de educação, saúde e desenvolvimento, bem como organizações de caráter religioso, cultural e cívico de 35 países da América Latina, Ásia, África e Europa com economias desenvolvidas, em via de desenvolvimento e em transição.

Quem lê pela primeira vez os trabalhos de Salamon, autor de consulta obrigatória em universidades do mundo inteiro, sempre fica impressionado com suas descrições do setor da sociedade civil como força econômica. De acordo com Salamon, cujas credenciais acadêmicas incluem diploma de economista, os terceiros setores dos países abrangidos por este estudo unem-se para formar a sétima maior economia do mundo que gasta US$1,3 trilhão e emprega a 39,5 milhões de trabalhadores em tempo integral e voluntários. Apesar de seu tamanho, o terceiro setor ainda enfrenta desafios importantes, tais como falta de visibilidade no âmbito de um modelo político focalizado nas empresas e nos governos. Por meio de investigações e documentação, o Projeto Comparativo da Johns Hopkins sobre o Setor sem fins lucrativos espera aumentar a conscientização a respeito da sociedade civil, o que daria ao terceiro setor maior legitimidade e maior capacidade para participar das discussões de políticas.

No prefácio desse relatório não volumoso, porém substancial, Salamon promete incorporar *Global Civil Society: An Overview* em uma publicação muito mais ampla. Tal como está, esta breve perspectiva geral já constitui uma sólida introdução ao tema do setor sem fins lucrativos e suas características. Para obter *Global Civil Society: An Overview* e outras publicações do Projeto comparativo da Johns Hopkins sobre o setor sem fins lucrativos favor consultar o website do Centro de estudos sobre a sociedade civil da Johns Hopkins University: www.jhu.edu/~css. – *Alexis Smith, Assistente de Programas da IAF*

Un futuro en positivo: La cooperación internacional en el siglo XXI

Autor: Michael Edwards

Intermóm Oxfam: Barcelona, 2002

Earthscam Publications Ltd.: Londres, 1999

Disponível em espanhol e inglês

Durante uma conferência pronunciada na primavera setentrional de 2003 como Orador Convidado da American University de Washington, D.C., Michael Edwards referiu-se em termos candentes a seu livro *Future Positive: International Cooperation in the 21st Century* (Futuro em positivo: A cooperação internacional no século XXI). Três anos após publicação, em 1999, *Future Positive*, com sua resenha de meio século de cooperação internacional às vezes tumultuosa e sugestões para melhorá-la, já era leitura obrigatória para a maioria dos estudantes da AU presentes na palestra. Em 2002 foi publicada uma tradução prática em espanhol de *Future Positive*, levando as idéias de Edwards a um público ainda mais amplo.

A primeira parte de *Future Positive* analisa a evolução da cooperação internacional durante 50 anos, passando pelo Plano Marshall, Guerra Fria, Ajuste Estrutural, milagre do Leste asiático e desafios assombrosos enfrentados pela África. Para Edwards o resultado é "decepcionante" por quatro razões fundamentais: o sistema não conseguiu utilizar o capitalismo mundial como força em prol de um crescimento econômico eqüitativo; foi incapaz de estabelecer o âmbito de igualdade, respeito mútuo e legitimidade política que Edwards considera indispensável para a cooperação bem-sucedida; não pôde impedir as violações dos direitos e liberdades fundamentais; e foi incapaz de estabelecer conexões produtivas com forças de mudança realmente eficazes como a sociedade civil e o setor privado.

Edwards mostra um deslumbrante conhecimento da história e oferece observações sobre o modo como o sistema internacional poderia funcionar melhor. E embora evite fazer previsões, não hesita em fazer recomendações. Insiste em que, para obter avanços, as organizações doadoras terão de conceder aos beneficiários espaço para agir. Também insiste na necessidade de "humanizar" o capitalismo, o que "significa enfrentar as estruturas entrelaçadas do poder político, econômico e social que excluem determinados grupos de pessoas". No contexto de estruturas de mercado que permitem aos intermediários explorar legiões de agricultores e consumidores, oferece um novo e inesperado exemplo de capitalismo humanizado: um projeto apoiado pela IAF e destinado a "pequenos produtores do MERCOSUL que melhora seu poder de negociação durante as discussões sobre preços e condições de venda". Aparentemente refere-se à Coordinadora de las Organizaciones Representativas de los Productores Familiares em el Ambito del MERCOSUL, oriunda das reuniões organizadas por diversos donatários da IAF no início da década de 1990 na Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Por meio de sua Iniciativa de Aprendizado Regional para o MERCOSUL, a IAF tinha ajudado as organizações de pequenos agricultores com intercâmbios de informação e análise do processo de integração regional. De fato, Edwards cita a IAF em diversas notas de rodapé e suas sugestões para conseguir ajuda externa mais bem-sucedida soam familiares. Por exemplo, afirma: "O trabalho em prol do desenvolvimento nunca é insignificante simplesmente por ser de pequena escala. Se for um trabalho de alta qualidade que estabelece as conexões corretas, seu impacto será divulgado por meio de sistemas e estruturas de muitas formas imprevisíveis. E se não se conseguir estabelecer essas conexões, terá pouco impacto, independentemente da escala em que for feito".

Future Positive está repleto de inferências que as comunidades "sabem", tais como o demonstra o famoso livro da IAF *Ellos saben cómo*; o desenvolvimento não pode ser imposto de cima ou de fora; e a ajuda deve assumir a forma de parceria entre doador e beneficiários. Além de enfatizar a importância da prestação de contas (por meio das auditorias, monitoramento e avaliações), Edwards insiste em um processo político baseado no diálogo e na governabilidade democrática descentralizada e utiliza projetos em Guamote, Equador, e Cajamarca, Peru — nos quais a IAF trabalhou extensamente — como exemplo de seus efeitos benéficos. Isso deve ser alentador para os que "aplicam o que pregam" e crêem que a cooperação internacional poderá levar eventualmente, como o afirma Edwards, "nunca a um futuro perfeito, mas a um futuro em positivo". — *Ana Tenorio, Estagiária da IAF*

Passo a passo
Exposição fotográfica: Miguel Sayago

Disponível em empréstimo da Fundação Interamericana

A fim de documentar seu programa de auto-ajuda na América Latina e no Caribe, a Fundação Interamericana tem contratado vários fotógrafos profissionais nas últimas três décadas. *Passo a passo*, a primeira exposição fotográfica móvel da IAF, compõe-se de 30 fotografias montadas, selecionadas da obra de Miguel Sayago, um dos artistas que têm retratado beneficiários da assistência da IAF no lar, no bairro e no local de trabalho, onde os conhecemos. Sayago tem fotografado para a IAF quase desde o início de sua carreira como fotógrafo profissional em 1984. Em *Passo a passo* capta não somente o trabalho da IAF, mas também a diversidade de nosso Hemisfério: enclaves pesqueiros e aldeias nas montanhas, favelas urbanas e comunidades rurais, micro-empresas e pequenas propriedades agrícolas, panoramas cambiantes e antigos costumes, bem como o fato de os indígenas e afro-descendentes formarem uma percentagem desproporcionadamente grande das pessoas de baixa renda. Freqüentemente, por trás da pessoa ou da cena captada na foto, há uma história.

A coleção está disponível para empréstimo às instituições interessadas. Já foi exibida na reunião ministerial da Comissão Interamericana de Desenvolvimento Social da Organização dos Estados Americanos em Santiago do Chile e no Pátio Azteca, na sede da OEA em Washington, D.C. Ao sair do prelo este número de *Desenvolvimento de Base*, a coleção deverá estar sendo exibida no Congresso Internacional da Associação de Estudos Latino-Americanos, de 7 a 9 de outubro, em Las Vegas, Nevada.

Communauté Croix-Fer, Riaribe, Haiti. Raymonde Louis, de 11 anos de idade, é aluna de uma escola construída e equipada em 2001 graças à parceria estabelecida por sua comunidade e apoiada por uma donatária da IAF, Fondasyon Enstitisyon-yo pou Devlopman ki Sòti nan Baz-la (FIDEB), uma federação de organizações comunitárias e grupos de base que representam todos os departamentos haitianos. A FIDEB concede doações a projetos que mobilizam o dobro da doação da FIDEB em fundos de contrapartida de outras fontes.

Para ver fotos de *Passo a passo,* visite o website www.iaf.gov, selecione o idioma e clique em Ensaio de fotos. Para solicitar uma visita desta exposição à sua instituição, entre em contato com Mark Caicedo pelo e-mail mcaicedo@iaf.gov. A pedido dos interessados, a IAF também pode fornecer oradores para acompanhar a exposição e explicar o desenvolvimento de base.

Rio de Janeiro, Brasil. O Projeto Desportivo e Cultural Joãozinho, beneficiário do Centro de Educação e Articulação Popular (CEAP), donatário da IAF, inclui o treinamento futebolístico como parte de seu programa de liderança para crianças de famílias de baixa renda. Alguns jovens inscritos aprendem o esporte suficientemente bem para serem recrutados por times profissionais do Brasil.

Publicações da IAF Disponíveis

Espanhol

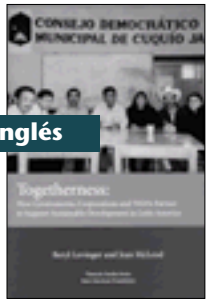
As Parcerias entre a sociedade civil, o setor empresarial e o setor público representam um instrumento valioso para o desenvolvimento e este livro oferece diretrizes práticas para profissionais na matéria interessados em utilizá-los para melhorar a qualidade de vida das pessoas de baixa renda e desfavorecidas. A obra *Formación de Alianzas Para el Desarrollo Sostenible* (Formação de parcerias em prol do desenvolvimento sustentável) guia o leitor através do processo de formação de parcerias, desde as primeiras etapas de planejamento até a formação de uma parceria e termina com uma técnica para medir o impacto das atividades empreendidas de forma conjunta. Incluem-se exemplos reais de parcerias de trabalho de toda América Latina e do Caribe.

Inglés

A recente explosão da migração para os Estados Unidos aumentou drasticamente as remessas de fundos para a América Latina e o Caribe no momento em que se reduzia a assistência oficial — coincidência que tornou as remessas de interesse crítico para a comunidade de desenvolvimento. Em março de 2001, a IAF, a Comissão Econômica das Nações Unidas para América Latina e o Banco Mundial co-patrocinaram a primeira conferência multilateral sobre o tema. A publicação resultante, *Approaches to Increasing the Productive Value of Remittances: Case Studies in Financial Innovations and International Cooperative Community Ventures* (Enfoque no aumento do valor produtivo das remessas: Estudos de caso de inovações financeiras e empreendimentos da comunidade cooperativa internacional), coordenada por Carlo Dade, ex-Representante da IAF, representa o estudo mais exaustivo até agora sobre o potencial para canalizar as remessas de fundos a projetos de desenvolvimento.

Português

Segundo dados recentes do censo, os afro-descendentes constituem um terço da população da América Latina, mas representam cerca de 50% das pessoas de baixa renda dessa região. Somente nos últimos anos se começou a documentar a existência de suas comunidades e os dados disponíveis não fornecem muitas informações sobre o grau de participação dos residentes na economia. No Congresso Internacional de 2001 da Associação de Estudos Latino-Americanos, um painel patrocinado pela IAF focalizou os temas relacionados com os esforços de auto-ajuda desta minoria muitas vezes qualificada de invisível. No trabalho "*Desenvolvimento Econômico em Comunidades Latino-Americanas de Descendência Africana*", Judith Morrison, Representante da IAF, recompilou as exposições do painel, inclusive a sua, na qual detalha o apoio oferecido pela IAF a três iniciativas afro-brasileiras.



Inglés

Togetherness de Beryl Levinger e JeanMcLeod examina as experiências de 12 parcerias intersetoriais — entre ONGs, governo municipal e, em alguns casos, empresas do setor privado — que trabalham no desenvolvimento de base em cinco países da América Latina. As autoras analisam o vocabulário, as etapas e os tipos de parcerias estabelecidas, além dos benefícios e ônus de tais colaborações. As lições aprendidas de suas pesquisas in loco nem sempre se conformam à sabedoria convencional, mas são amplamente apoiadas pelos dados fornecidos pelos projetos em andamento, todos eles resenhados neste livro.

Restam poucos exemplares nos idiomas indicados. Favor enviar pedidos por e-mail a publications@iaf.gov ou por correio postal a: Office of Evaluation and Dissemination, Inter-American Foundation, 901 North Stuart Street, 10th Floor, Arlington, Virginia 22203, USA.

Maria Marta Machado, proprietária pela primeira vez de uma casa, balança as chaves de sua casa nova, terminada em junho de 2003 por meio de um programa de auto-ajuda da Fundação Bento Rubião, apoiado pela IAF, em uma comunidade de baixa renda nos arredores do Rio de Janeiro. A Fundação mantém as casas a um preço acessível exigindo que os candidatos à propriedade se comprometam a receber treinamento durante quatro fins de semana e também a contribuir com mão-de-obra própria na construção da habitação, cujo resultado são casas que custam a metade do preço atual do mercado. Um programa de empréstimos rotativos limita os pagamentos hipotecários a 30% do salário mínimo. Por motivos de saúde, Maria Marta Machado aposentou-se depois de ter trabalhado 27 anos em um orfanato e doou seu trabalho à cozinha comunitária enquanto seus vizinhos passavam os fins de semana e feriados na construção. A casa, compartilhada pela proprietária e seu filho, tem eletricidade, água corrente, fogão a gás na cozinha, televisor na sala e colchas nas camas. Dona-de-casa cuidadosa, ela mostrou o interior imaculado de seu lar durante a visita de *Desenvolvimento de Base*.

PATRICK BRESLIN

www.iaf.gov

Índice

Carta aos leitores

Artigos

Pensando fora da caixa de Newton: Metáforas para o desenvolvimento de base
Patrick Breslin

Responsabilidade social corporativa ao estilo brasileiro
Em busca de um equilíbrio
Perguntas e respostas: Miguel Krigsner
Paula Durbin

Capacidade para o desenvolvimento
Eduardo Rodríguez-Frías

Soluções e estratégias

Fórum sobre Remessas:
Transferência de tecnologia por meio da migração mexicana
Sandra Nichols

Desenvolvimento de base na fronteira
Mark Caicedo

Desenvolvimento local: Entrevista com David Valenzuela
Patrick Breslin e Paula Durbin

O caminho a Pucarita
Percy Bazán Salas

Na IAF

A marcha do desenvolvimento

Os donatários nas notícias

Resenhas
Construyendo Capacidades Colectivas
William F. Waters

Extrato: "Lições para a promoção da capacidade organizacional"
Thomas Carroll

Recursos